

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JOVENS E A FOTOGRAFIA DIGITAL

Como adolescentes estão construindo sua relação com a fotografia em seu cotidiano, intermediados pelo site de relacionamentos Orkut.

Área de Concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Autora: Joana D'Arc Mariano Mantellato

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Bruzzo

CAMPINAS

2011

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M318j	Mantellato, Joana D'Arc Mariano. Jovens e a fotografia digital – como adolescentes estão construindo sua relação com a fotografia em seu cotidiano, intermediados pelo site de relacionamento Orkut / Joana D'Arc Mariano Mantellato. -- Campinas, SP: [s.n.], 2011.
	Orientadora: Cristina Bruzzo. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Fotografia digitalizada. 2. Escolas. 3. Cultura. 4. Jovens. 5. Orkut. I. Bruzzo, Cristina. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	10-323-BFE

Título em inglês: Youth and the digital photography – How teenagers are building their relationship with photography in their quotidian, intermediated by the Orkut relationship site

Keywords: Digital photograph; Schools; Culture; Young; Orkut

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Cristina Bruzzo (Orientadora)

Profª. Drª. Ernesta Zamboni

Prof. Dr. Amarildo Batista Carnicel

Prof. Dr. Wagner José Geribello

Profª. Drª. Vera Lucia Sabongi De Rossi

Data da defesa: 22/02/2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: joanadarcmariano@hotmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JOVENS E A FOTOGRAFIA DIGITAL

Como adolescentes estão construindo sua relação com a fotografia em seu cotidiano, intermediados pelo site de relacionamentos Orkut.

Autor: Joana D'Arc Mariano Mantellato
Orientadora: Profa. Dra. Cristina Bruzzo

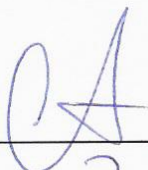
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Joana D'Arc Mariano Mantellato e aprovada pela Comissão Julgadora.

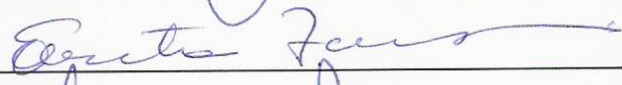
Data: 22 / 02 / 2011

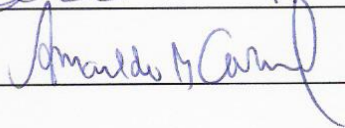
Assinatura: _____


Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:







2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Cristina Bruzzo por fazer sempre os questionamentos mais fantásticos e, assim, movimentar minhas buscas.

Agradeço aos membros da banca, professores Amarildo, Ernesta, Vera e Wagner, pelas leituras atentas e sugestões precisas.

Agradeço aos colegas da Faculdade de Educação que compartilharam os passos dessa pesquisa comigo e foram tão importantes para trabalhar as ideias que surgiam a cada encontro: Giovana, Wagner, Antônio, Joyce, Marcel, Eva.

Agradeço o apoio de todas as pessoas que trabalham comigo na Escola Estadual Prof. Antonio José Peres Marques por compartilharem os caminhos da Educação corajosamente todos os dias.

Agradeço especialmente ao grupo de professores de Língua Portuguesa da Escola Estadual Prof. Antonio José Peres Marques, que é tão unido a ponto de conversar sobre quais classes e horários interessa a cada um, no momento da atribuição, possibilitando, assim, um tempo valioso para a realização desse trabalho.

Agradeço a todos meus alunos por se interessarem tanto em participar da pesquisa, quando solicitados, e por proporcionarem tanto material de trabalho.

Agradeço a todos meus familiares que suportam minhas ausências, minhas neuroses, minhas manias e minha loucura por livros.

Agradeço a Deus a oportunidade de mais uma realização.

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.
Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.
Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.
Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

Cecília Meireles

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa que se propõe a observar as fotografias de escola com a finalidade de analisar como esse espaço está sendo registrado nas imagens feitas pelos jovens alunos dessas instituições. A pesquisa busca também apontar como os jovens estão relacionando-se com o registro fotográfico em seu cotidiano e quais significados estão buscando construir. As fotografias analisadas foram pesquisadas entre as publicadas nos álbuns de fotografias dos perfis do site de relacionamentos *Orkut* de adolescentes que são alunos da rede pública de ensino do estado de São Paulo e que utilizam com bastante frequência suas máquinas fotográficas digitais e seus celulares munidos de máquinas fotográficas, registrando momentos de seu cotidiano. As fotos publicadas por esses jovens no referido *site* foram observadas e acompanhadas por um período de quatro anos e algumas delas figuram no trabalho exemplificando como a linguagem fotográfica é utilizada e quais são os temas mais frequentes desses registros, como é a seleção para que essas fotos sejam publicadas no referido *site* de relacionamentos, se há um armazenamento dessas imagens e, se sim, como ele é realizado.

Palavras Chave: Fotografia digital, Escola, Cultura Jovem, *Orkut*

ABSTRACT

This paper presents a research about photographs made inside some Public Brazilian Schools in São Paulo state, which were made by students who attend those institutions. The paper's aim is to analyze how this place is being recorded in these images. The research also seeks to indicate how the teenagers are dealing with the photograph in their daily lives and what kinds of meanings they are building. The photographs analyzed were researched among the ones published by the selected monitored youth on the Orkut website. The photographs posted by these adolescents on the mentioned website were observed for a period of four years and some of these photos are published at the present research to exemplify which were their frequent subjects, the frequent manipulations and modifications that young people have done with these kinds of images and how the storage of these photographs is being done.

Key Words: Digital Photograph, School, Youth Culture, Orkut.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Cultura Jovem e Orkut.....	23
Fotografias de Jovens no Orkut.....	39
Fotografia e Textos.....	53
Fotografias Diversas.....	87
Entrevista.....	119
Fotografia e Escola.....	119
Fotografia e Orkut.....	121
Jovens e sua relação com as imagens.....	124
Equipamentos.....	128
Fotografias na Escola.....	133
Considerações Finais.....	171
Anexos.....	175
Anexo I.....	175
Anexo II.....	177
Anexo III.....	179
Referências.....	183
Glossário.....	189

ÍNDICE DE IMAGENS

IMAGEM 1	15
IMAGEM 2	15
IMAGEM 3	17
IMAGEM 4	17
IMAGEM 5	19
IMAGEM 6	19
IMAGEM 7	21
IMAGEM 8	21
IMAGEM 9	65
IMAGEM 10	65
IMAGEM 11	67
IMAGEM 12	67
IMAGEM 13	69
IMAGEM 14	69
IMAGEM 15	71
IMAGEM 16	71
IMAGEM 17	73
IMAGEM 18	73
IMAGEM 19	75
IMAGEM 20	75
IMAGEM 21	77
IMAGEM 22	77
IMAGEM 23	79
IMAGEM 24	79
IMAGEM 25	81
IMAGEM 26	81
IMAGEM 27	83
IMAGEM 28	83
IMAGEM 29	85
IMAGEM 30	99

IMAGEM 31	99
IMAGEM 32	101
IMAGEM 33	101
IMAGEM 34	103
IMAGEM 35	103
IMAGEM 36	105
IMAGEM 37	107
IMAGEM 38	107
IMAGEM 39	109
IMAGEM 40	109
IMAGEM 41	111
IMAGEM 42	111
IMAGEM 43	113
IMAGEM 44	113
IMAGEM 45	115
IMAGEM 46	115
IMAGEM 47	117
IMAGEM 48	117
IMAGEM 49	151
IMAGEM 50	151
IMAGEM 51	153
IMAGEM 52	153
IMAGEM 53	155
IMAGEM 54	155
IMAGEM 55	157
IMAGEM 56	157
IMAGEM 57	159
IMAGEM 58	159
IMAGEM 59	161
IMAGEM 60	161
IMAGEM 61	163

IMAGEM 62	163
IMAGEM 63	165
IMAGEM 64	165
IMAGEM 65	167
IMAGEM 66	167
IMAGEM 67	169

INTRODUÇÃO

Quase 200 anos. É o tempo que separa a primeira fotografia da história, registrada por Joseph Nicéphore Niépce em 1827, do ano de 2011, no qual escrevo este trabalho. Muitos inventores, cientistas, artistas, curiosos, críticos, fotógrafos profissionais ou amadores ajudaram a criar os métodos e processos do ato de registrar uma imagem com auxílio de uma máquina, a se relacionar com as imagens, discutí-las, apreciá-las e observá-las sempre.

É uma invenção coletiva, na qual nomes como Louis Daguerre – grande divulgador e também pesquisador da fotografia em seus primeiros passos –, Josef Max Petzval – inventor de lentes mais eficientes, que proporcionaram a diminuição do tempo de exposição –, ou ainda de William Henry Fox Talbot – o inventor da primeira fotografia pelo processo de negativo/positivo – fazem parte.

São dezenas de pessoas que proporcionaram a divulgação e a popularização da fotografia e das máquinas fotográficas. Entre as primeiras medidas realizadas por Daguerre estava a divulgação de seu invento em várias partes do mundo. E as pessoas que podiam pagar pelo seu retrato o procuraram, a fim de ter suas imagens, vestidas com o maior requinte possível, captadas por aquele mágico aparelho.

O modo de fazer fotografias, ou melhor, daguerreótipos, da época tem muito pouco a ver com a maneira que a fotografia é feita atualmente, principalmente em se tratando da fotografia digital. Desde 1777, Carl Wilhelm Scheele (Frizot: 1998, p. 19) sabia, a partir de seus experimentos, que o nitrato de prata exposto ao sol em uma superfície de metal formava figuras, como em um desenho. O desafio era fazer o processo parar, pois uma vez exposto à claridade do sol, o processo não tinha fim e o desenho desaparecia enegrecido. Somente em 1819, John Herschel descobriu o hiposulfato de sódio, o qual seria utilizado futuramente por Fox Talbot para fixar a imagem grafada a partir do nitrato de prata exposto à luz e, dessa forma, parar o processo de enegrecimento contínuo.

Mas antes disso, em 1822, Joseph Nicéphore Niépce conseguiu fixar uma imagem da vista da janela do sótão de sua casa sobre uma placa de metal utilizando um produto que fica insolúvel sob a ação da luz e grava as sombras na base metálica. Assim, a primeira fotografia conseguida no mundo foi tirada no verão de 1826 e encontra-se preservada até hoje em Austin, no campus da Universidade do Texas, nos Estados Unidos.

Niepce morreu logo, em 1833 e o herdeiro de seus inventos foi Louis-Jacques Mandé Daguerre, sendo que 1839, dez anos depois do início de suas pesquisas em conjunto, foi lançado o processo chamado daguerreótipo, o qual não permitia cópias, mas, apesar disso, difundiu-se mesmo com o longo tempo de espera para fixação das imagens: cerca de 30 minutos.

Finalmente, em 1840, William Henry Fox Talbot lançou o calótipo, processo mais eficiente de fixar imagens. Tendo como base o papel – e não uma placa de metal – impregnado de iodeto de prata, o qual era exposto à luz numa câmara escura. Na sequência, a imagem era revelada com ácido gálico e fixada com tiosulfato de sódio, resultando num negativo, que era impregnado de óleo até tornar-se transparente. O positivo se fazia por contato com papel sensibilizado, processo que pode ser utilizado até os dias de hoje. Mas o grande diferencial desse método, em detrimento do daguerreótipo, era sua reprodutibilidade: o daguerreótipo é único, não sendo possível sua reprodução. Dessa forma, Talbot deu a tacada final para a fotografia como a conhecemos hoje. Muito diferente da fotografia realizada no século XX, com as câmeras automáticas e inimaginável para os usuários das atuais câmeras digitais, ainda que todos tenham se beneficiado e se beneficiem amplamente desses inventos e descobertas. Só foi possível chegarmos ao que temos hoje porque os cientistas dos séculos XVIII e XIX se dispuseram a pesquisar formas de copiar o real, primeiro reproduzindo-o apenas como uma imagem original, depois possibilitando a reprodutibilidade e a portabilidade do equipamento, assim fazendo com que o método fosse difundido e novas técnicas e ideias fossem elaboradas, como a criação de cenários, manipulações e a colorização. Sobre o processo no século XIX e início do século XX, Leite (1998, p. 28) afirma que:

Tão logo a fotografia se difundiu como meio de reprodução da imagem, a prática do retrato de família se alastrou pelas diferentes camadas sociais, em diferentes países. Observa-se mesmo, em associação com o aperfeiçoamento da técnica fotográfica, uma padronização cultural dessa prática.

O predomínio do retrato, difundido pela burguesia dos séculos XIX e XX, foi sempre uma constante na utilização da fotografia e ainda o é nas fotografias dos jovens observados para a realização dessa pesquisa. Essa popularização só foi possível pela difusão dos equipamentos através dos fotógrafos ambulantes, o que tornou a técnica acessível a famílias de diferentes classes sociais.

No decorrer dos anos a fotografia evoluiu em técnica e em estética com a criação da primeira máquina *Kodak*, inventada por George Eastman, em 1888, por conta do aperfeiçoamento

do *autochrome*, possibilitando a realização das fotografias coloridas, com os irmãos Lumière, ou ainda com a criação das revistas *Vogue*, em 1892, e da *Camera Work*, em 1903, já proporcionando a impressão das imagens e o início da utilização das fotografias na divulgação de produtos, em especial seu vínculo com o universo da moda. Isso sem falar da criação do cinema, a partir de uma diferenciação da utilização do processo de fotografar. A fotografia aqui já saía do uso privado da imagem para o uso público, como instrumento de divulgação de ideias e de produtos.

A partir de então nasce o fotojornalismo e o campo da fotografia diversifica-se, graças aos novos acessórios, como *flashes*, lentes diversas, como a panorâmica e a grande angular, proporcionando uma variedade de olhares sobre os mais diversos aspectos do que chamamos de realidade. Surgem fotógrafos que realizam trabalhos marcantes, cujas imagens passam a fazer parte da galeria imagética da humanidade, tais como Henri Cartier-Bresson, Robert Doisneau, Robert Capa, W. Eugene Smith, Sebastião Salgado, Josef Koudelka, entre tantos outros. E a fotografia é considerada arte e passa a ter seu lugar de exposição cativo em museus de todo o planeta.

Com a invenção do computador¹, durante a Segunda Guerra Mundial, todos os tipos de tarefas foram, gradativamente, sendo delegadas a ele. Inicialmente com cálculos, depois textos e, por fim, a imagem. Pensar em uma fotografia digital foi questão de tempo (FAVILLA, 1998, p. 16).

São cinquenta anos que nos separam da primeira imagem digital: segundo Kalinoski (2008. p. 32), a primeira imagem digital foi produzida em 1957 pelo engenheiro e pesquisador Russel Kirsch, no laboratório do *National Bureau of Standards* (NBS), agora chamado *National Institute of Standards and Technology*. Tratava-se de uma fotografia escaneada em preto e branco, de baixa resolução, com apenas 5 X 5 cm e 176 pixels de seu filho Walden, com apenas três meses na época². É notável como a difusão dessa técnica foi extremamente rápida, em comparação à suas predecessoras.

Já as primeiras imagens captadas como fotografias com a utilização de uma tecnologia diferente da convencional até então datam de 1965 e foram feitas pela NASA³. Foram 22 imagens

¹ Cf. sobre ENIAC <<http://ed-thelen.org/comp-hist/U-S-Ord-61-ch02.html#p019>>, acesso em 20 out 2010.

² Cf. <<http://gcn.com/articles/2007/05/25/how-time-flies-50-years-of-digital-imaging.aspx>> , acesso em 18 out 2010.

³ Todas as imagens estão disponíveis em <http://nssdc.gsfc.nasa.gov/imgcat/html/mission_page/MR_Mariner_4_page2.html>, acesso em 02 jan 2011.

em preto e branco registradas sem a utilização de filme, que mostram a superfície de Marte. As fotografias foram feitas utilizando-se uma câmera de televisão a bordo da sonda *Mariner 4*. Cada imagem possuía 0,04 megapixels de resolução e levaram quatro dias para chegar à Terra⁴.

Esse sistema ainda não era de fato digital, pois se valia de tecnologia analógica para a captação de dados, uma vez que o *CCD* (abreviação de *charge-couple-device*) ainda não havia sido inventado, o que aconteceu somente em 1969, nos laboratórios *Bell*.

O *CCD* é o “coração” de uma máquina digital: é um *chip* que converte luz em sinais elétricos. No início a resolução era de apenas 100 x 100 pixels, mas até 1982 essa resolução já havia sido ampliada para 1024 x 1024 pixels⁵. Segundo Kalinoski (2008. p. 33), *pixels* são

pontos de luz que geram a imagem digital nas linhas das telas de computadores, televisores e utilitários de todas as ordens. As imagens são geradas por pontos que apenas utilizam o sistema RGB: Red, Green e Blue, mas a princípio foi gerada por tons de cinza. O computador precisava perceber esta imagem, então os pesquisadores organizaram vários scanners sobrepostos para gerar a imagem como representação de um reflexo de luz, considerando o comprimento das ondas e a refletância pelo brilho, que poderia ser reproduzida numa tela por linhas de pontos de luz, com intensidade variada, conforme o original em matéria. Nasce o pixel. O termo pixel é a abreviação em inglês de *Picture elements*, ou seja, um quadro ou ponto de cor definida que ao lado de outros milhares de pontos em seqüência e entremeado por outras linhas em uma tela, possibilitam a ilusão de ótica de perceber uma imagem orgânica ou produzida por processo químico.

Em 1981 a *Sony* lança o primeiro protótipo de máquina digital, chamada de *Mavica* (*Magnetic Video Camera*), que utilizava disquetes de 2 polegadas para armazenar suas imagens, que poderiam ser 50 no total. Em 1986, a *Kodak* cria o primeiro sensor de *megapixels* e em 1991 lança a câmera *Nikon F-3*, apropriada para os fotojornalistas, pois a resolução já era de 1.3 *megapixels*.

De forma semelhante à invenção da máquina fotográfica e de todos os processos para revelação e captação de imagens, o aprimoramento da captação da imagem digital também foi um esforço de inúmeras empresas e de inúmeros cientistas, cada qual trazendo sua contribuição, mas em uma espécie de corrida contra o tempo, com a finalidade de ser o primeiro a lançar a nova tecnologia e, claro, lucrar com isso.

A empresa *Hitachi* criou, em 1997, uma câmera que gravava seus arquivos de vídeo no formato *MPEG*, o que facilitava muito a interface com o computador e no mesmo ano a *Sony* criou a máquina que já gravava as fotografias no formato *JPEG*, também para computador.

⁴ Cf. <http://www.fotodicas.com/historia/historia_fotografia_digital.html>, acesso em 17 out 2010 e <<http://nssdc.gsfc.nasa.gov/planetary/mars/mariner.html>>, acesso em 17 out 2010.

⁵ Cf. <<http://www.thehistoryof.net/the-history-of-digital-cameras.html>> , acesso em 17 out 2010.

No ano seguinte, a empresa *Fuji* criou o *memory card*, o que proporcionou não só o aumento da capacidade de armazenamento de imagens, mas também a possibilidade de imprimi-las com maior rapidez, apenas inserindo o *memory card* em uma impressora com essa função habilitada. A síntese do que é a câmera digital da atualidade já estava formada. A partir daí, faltava a popularização do equipamento, o que ocorreu a partir do ano de 2000. Estava inaugurada a possibilidade da fotografia ser utilizada como expressão individual para amplos setores, a partir da popularização do equipamento, o que aconteceu com o acoplamento da câmera fotográfica ao telefone celular: só no Brasil o número total de celulares chegou a 175,6 milhões em 2010⁶.

Além da criação e da disponibilização dessa nova tecnologia para uso global das pessoas, a criação da imagem digital, ou ainda a possibilidade de transformar-se uma imagem analógica em digital através do processo de digitalização utilizando-se de um *scanner*, provocou debates entre os estudiosos da área dessas novas imagens.

Favilla (1998, p. 14) considera que as imagens digitais, em primeira instância, não são mais foto (*luz*) grafias (*escrita*), posto que o processo para registrá-las é completamente diverso. No código fotográfico o realismo incidente é credenciado pelas condições de tomada ótica e conexão luminosa entre referente/imagem; ao contrário, no código pós-fotográfico, o realismo (potencialmente) incidente é resultado de conceitos abstratos, lógica e matematicamente controlados por computador, sem concursos óticos a referentes concretos. Não é algo com o qual os jovens estejam preocupados ou que consigam definir, pois se quer conhecem como o processo fotográfico nasceu e chegou até aqui. A fotografia, para eles, parece continuar sendo uma cópia do real, que pode ser manipulada um pouquinho.

Para o referido autor (*idem*, p. 22), baseando-se nos estudos de Julio Plaza, a fotografia digitalizada seria uma “imagem híbrida”, pois incorpora imagens analógicas a partir de softwares baseados no processo de mapa de pontos – pixels. É híbrida na medida em que permite preservar detalhes registrados pela película fotográfica, mas que, uma vez digitalizada, assume uma característica matemática, passível de interferência e modificação, mas que não deixa de ter sido registrada pelo processo ótico convencional. É um misto de ambos os processos.

Couchot (1996, p. 39) afirma que a imagem convertida em *pixels* é reduzida a um mosaico de pontos perfeitamente ordenados e que cada *pixel* é um permutador minúsculo entre imagem e

⁶ Cf. <http://economia.estadao.com.br/noticias/not_5884.htm>, acesso em 23 jan 2011.

número, que permite passar da imagem a número e vice-versa. Eis a grande dúvida quanto ao real na imagem-número: se alguma coisa preexiste ao *pixel* é um cálculo matemático, um programa e não mais uma referência a uma suposta realidade ou fato acontecido. Portanto a imagem digital seria uma *simulação* do real e não mais representação deste.

E Plaza (1996, p. 75) confirma essa característica matemática da imagem que já nasceu digital afirmando que “o meio não é mais a mensagem, pois não existe mais meio, somente trânsito de informações, conceitos e modelos como meras matrizes numéricas” e essas imagens numéricas inauguram um imaginário que não está mais preso nas noções de suporte, mas sim na “morfogênese de uma virtualidade que pode aparecer/desaparecer na tela dos monitores. As imagens numéricas são fenômenos deslocados e realocados em múltiplos suportes pela comutação instantânea” e vai além, no que se refere ao referencial desse tipo de imagem, dizendo que “na medida em que sua materialidade se transmuta, desmaterializando-se, o referencial de uma imagem é ela mesma no meio anterior; é uma meta-imagem.”.

Santaella (2005, p. 298), por sua vez, classifica as imagens em três paradigmas distintos: o *pré-fotográfico*, que englobaria as imagens de produção artesanal, com a utilização de habilidades da mão e do corpo do artista, o *fotográfico*, o qual inaugurou a automatização na produção de imagens por meio de máquinas, e o terceiro paradigma chamado de *pós-fotográfico*, no qual as imagens são derivadas de uma matriz numérica e produzidas por técnicas computacionais. A autora diz ainda que o suporte das imagens desse terceiro paradigma não é mais material, como na produção artesanal, ou físico-químico e maquinico como na produção fotográfica, mas “resulta de um casamento entre computador e uma tela de vídeo, mediados ambos por uma série de operações abstratas, modelos, programas, cálculos.”

No que tange à recepção, Santaella (2005, p. 307) afirma que

Enquanto a imagem artesanal é feita para a contemplação, a fotográfica se presta à observação e a pós-fotográfica à interação (...) podendo-se afirmar que o paradigma pré-fotográfico é o universo do perene, da duração, do repouso e espessura do tempo. O fotográfico é o universo do instantâneo, lapso e interrupção no fluxo do tempo. O pós-fotográfico é o universo do evanescente, em devir, universo do tempo puro, manipulável, reversível, reiniciável em qualquer tempo.

Seligmann-Silva (2010, p. 50) concorda que a fotografia digital continua sendo uma fotografia enquanto continua configurando-se como recorte do mundo feito através de uma “janela”, mas coloca em cheque a relação da fotografia digital com a “verdade do mundo”, pois essa imagem é parte de um código binário e pode ser transformado como o *agente da fotografia*

quiser. O autor classifica como *agente da fotografia* aquele que a receberá e fará o tratamento digital para que ela cumpra o seu papel, no caso das fotos que são tratadas digitalmente antes de serem publicadas. Sendo assim, há, ainda na opinião dele, uma alteração do papel do fotógrafo, pois

(...) antes a reprodução das fotos permitia uma manipulação qualitativamente e quantitativamente muito inferior à dos atuais softwares. Agora o receptor das fotografias se torna um fotógrafo de segunda ordem. Ele está apenas dispensado da tarefa de capturar a “imagem primária”. Sua liberdade de intervenção nas imagens é tão grande que ele também pode ser denominado de *agente da fotografia*. A figura clássica do fotógrafo morre junto com a fotografia analógica.

Aqui surge outra discussão importante a respeito da materialidade da fotografia digital: a preocupação com a facilidade da manipulação da imagem através do computador. Manipulações da imagem sempre existiram, como nos conta Machado (2005, p. 312) quando menciona a exposição *As Fotos que Falsificaram a História*, de 1986, realizada pelo jornalista Alain Jaubert, em Paris. Mas, com o advento da informática, essas manipulações podem ser realizadas sem deixar rastros e estão ao alcance de todas as pessoas com conhecimentos nos programas de manipulação e criação de imagens. Como define Vicente (2005, p. 325)

Pode-se definir a manipulação eletrônica de uma fotografia como o prosseguimento de sua elaboração, uma vez vencida a etapa do registro da imagem. Ou seja, trata-se de criar uma terceira realidade a partir de uma segunda realidade. A progressiva interação AVCT (áudio, vídeo, computação e telecomunicação) leva ao reconhecimento de uma “liquefação digital” das informações. É nessa moldura que se coloca a fluidez e a plasticidade da fotografia e a manipulação eletrônicas.⁷

Machado (2005, p. 310) reconhece que cada vez é mais difícil saber o que é *foto-grafia*, ou seja, o registro da luz sobre uma película revestida quimicamente, e o que é *metamorfose*, ou seja, conversão de grãos fotoquímicos em unidades de cor e brilho, matematicamente controláveis, aos quais damos o nome de *pixels*. Ainda assim, o autor tem uma visão otimista a partir desse cenário ao dizer que

(...) por mais predatória que seja a intervenção da eletrônica no terreno da fotografia, ela produz também resultados positivos em médio prazo, que poderíamos caracterizar como sendo, de um lado, a incrementação dos recursos expressivos da fotografia e, de outro e principalmente, a demolição definitiva e possivelmente irreversível do mito da objetividade fotográfica, sobre o qual se fundam teorias ingênuas da fotografia como signo da verdade ou como representação do real.

⁷ A *primeira realidade* da imagem fotográfica (Kossoy, 2002, p. 36-37) refere-se a seu passado, ao momento que vincula a fotografia já realizada à realidade do momento de duração infinitesimal em que se dá o registro, o momento em que a fotografia é gerada e gravada dentro da memória da máquina fotográfica digital. A partir do momento em que se tem a imagem imóvel, gravada, observável, ela representa a *segunda realidade* da imagem fotográfica: aquele recorte bidimensional selecionado no espaço e no tempo da *primeira realidade* chamado de *fotografia*, não importando em que suporte apareça.

Para o autor, a ideia de fotografia como representação do real será substituída pela ideia da imagem como construção e como discurso visual a partir da possibilidade da manipulação das imagens digitais, as quais classifica como muito mais elásticas do que as fotografias convencionais, que eram rígidas e resistentes em sua “fatalidade figurativa”. As imagens da atualidade seriam como uma *massa de moldar*.

Vicente contribui para o assunto ao observar (2005, p. 327) que:

O surgimento da fotografia eletrônica não é apocalíptico para a fotografia convencional. Não se prefigura um embate *química versus eletrônica*, ao contrário, nota-se um processo de acomodação e transição fundado na sinergia entre as duas técnicas e governado por razões econômicas e operacionais, incluindo considerações ambientais. No plano conceitual, tem-se complexa e significativa expansão, pela metamorfose do imaginário fotográfico, entrelaçando representação e invenção.

Apesar do debate a respeito da fotografia digital, a questão desse tipo de imagem ser *evanescente, ubíqua, liquefeita e plástica* não determina, contudo, o conjunto todo das fotografias digitais que são realizadas em quantidade impossível de acompanhar. Dessa forma, os usos dessas fotografias podem estar se *complexificando*, isto é, as possibilidades podem estar *aumentando*, mas não anulando tudo o que já foi construído até aqui e desconstruindo tudo o que a fotografia convencional significou até então. Além de “produzir resultados positivos” e “ser um processo de transição”, como mencionam Machado e Vicente respectivamente, a fotografia digital pode ser mais uma fase no intrincado processo de *registrar o que chamamos de real*, porque as motivações intrínsecas ao ato de fotografar dependem de quem está operando o equipamento, pós-produzindo a imagem – ato que existe há tempos – e divulgando-o.

A partir do aumento da capacidade de armazenagem dos dados nas máquinas fotográficas, da melhoria da resolução das imagens captadas, da padronização dos tipos de arquivos que seriam utilizados na interface com o computador – *MPEG* e *JPEG* –, da popularização do equipamento fotográfico através dos celulares, bastava o desenvolvimento da *Internet* para que as imagens pudessem ser disponibilizadas. Essa deixa veio com as redes sociais.

O *site Friendster* foi o pioneiro entre as redes (RECUERO, 2009, p. 173), sendo lançado em 2002. Em 2003 surgiram o *MySpace*, que é mais utilizado nos Estados Unidos, e o *Hi5*. Já em 2004 surgiram o *Facebook*, o *Orkut* e o *Flickr*, sendo que esse último destina-se exclusivamente ao armazenamento de fotografias. O *Twitter* surgiu apenas em 2006. É interessante notar a explosão desse tipo de *site* no decorrer de apenas cinco anos e como a adesão dos usuários foi feita em massa nos mais diversos tipos de plataformas.

No Brasil, o primeiro tipo de rede social a ser utilizado por um grande número de usuários foi o *fotolog*⁸, que é um sistema de disponibilização de imagens que possibilita ao usuário publicar fotografias acompanhadas de pequenos textos, algo semelhante aos *blogs*, mas ao invés do texto ser o mais importante da postagem, a ênfase recai sobre as imagens. O *fotolog* foi criado em 2002, sendo rapidamente adotado pelos internautas brasileiros, que durante os anos de 2003 e 2004 mantiveram o primeiro lugar em número de usuários no sistema. Já em setembro de 2008, o *fotolog* foi o oitavo *site* de rede social mais acessado do Brasil (RECUERO: 2009, p. 168-169).

A partir dessas informações, é possível perceber que o acesso ao *fotolog* decresceu no Brasil proporcionalmente ao aumento do acesso ao *Orkut*, o qual também oferece a possibilidade de armazenamento de fotos, além de várias outras funções. Essa é a rede social com maior número de usuários no Brasil atualmente.⁹

Segundo uma pesquisa de mercado, realizada com 1000 internautas, que foi encomendada pelo próprio *Google*¹⁰ e divulgada em julho de 2009, 92% das pessoas entrevistadas utilizam regularmente o *Álbum de Fotos do Orkut*, sendo esta a opção mais votada para a questão “Quais funcionalidades do *Orkut* mais utiliza?”. O segundo lugar ficou com as *Comunidades*, com 81% dos votos. Outro dado importante ainda com relação às fotos e o *Orkut* é que 94% dos entrevistados disseram que o conteúdo que mais publicam no *site* são suas fotos. Em segundo lugar, com 81% das escolhas, disseram publicar comentários e opiniões.

A partir desses dados fica patente a importância atribuída pelos usuários às fotografias dentro do *site* de relacionamentos *Orkut*, isso ainda sem pensarmos na quantidade de fotografias que são enviadas ao *site* diariamente e em quantas fotografias estão nesse momento hospedadas nele. Mais do que demonizar um tipo de técnica fotográfica e elogiar outra, destacar os avanços e criticar os excessos, esse trabalho procura ater-se em verificar que sentidos estão tomando as fotografias registradas e publicadas pelos jovens observados em seus álbuns de fotografias disponíveis na plataforma do *site Orkut*. Fotografias estas que foram registradas em seu cotidiano de forma espontânea, sem que soubessem que estavam sendo observados, e que foram escolhidas por eles para ser publicadas no *Orkut*. Fotografias que são imagens numéricas, mas ainda imagens; manipuláveis sim, como nunca foram antes, mas ainda fotografias. Temos a finalidade

⁸ Cf. acesso em <www.fotolog.com>

⁹ Cf. <<http://readwriteweb.com.br/2010/07/20/facebook-continua-crescendo-no-brasil-mas-ainda-longe-do-Orkut/>>, acesso em 21 out 2010 e <<http://readwriteweb.com.br/2010/01/11/colheita-feliz-e-maior-que-o-Twitter-no-brasil/>>, acesso em 21 out 2010

¹⁰ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=1YwnH1TGH8Y&feature=player_embedded>, acesso em 21 out 2010.

de observar como essas fotografias estão sendo registradas, manipuladas, disponibilizadas, quais são os temas mais freqüentes de registro, quais relações estão sendo estabelecidas a partir de quem as produz, quem as manipula digitalmente, quem as observa, quem tece comentários e, principalmente, como a escola aparece nessa socialização imagética.

Observando meus amigos virtuais do *Orkut* que possuíam o hábito de publicar fotos na *Internet*, pude perceber que os adolescentes são os que publicam a maior quantidade de imagens. Comecei a selecionar os tipos de imagens e organizá-las por nome e, depois de montar 60 pastas de imagens de amigos diferentes, organizei-as por faixa etária: adolescentes, jovens adultos – pessoas de 18 a 24 anos aproximadamente – e adultos. Resultado: 7 pastas de jovens adultos, 7 pastas de adultos e 46 de adolescentes.

O tema das imagens publicadas na *Internet* é bastante diferente se compararmos as idades: adultos costumam inserir imagens principalmente a respeito de viagens realizadas e reuniões em família organizadas. Os jovens adultos preferem divulgar as imagens das reuniões com seus amigos, baladas, churrascos, confraternizações, ou seja, momentos de comemoração.

Já os adolescentes têm uma grande variedade de temas em seus álbuns de fotografia, em comparação com os adultos, e uma grande quantidade de produção de imagens também e por isso foram selecionados em primeira instância para serem os observados da pesquisa, além do motivo principal que me movia por perceber o quão presente a máquina fotográfica e o registro fotográfico estavam na sala de aula no início da realização da pesquisa e mesmo durante todo seu processo.

Fotografia e escola caminham em conjunto há tempos. É só recordar-se das tradicionais fotografias de formatura com a turma toda que aconteciam de tempos em tempos na vida escolar de todos os alunos, fosse ao finalizar a 4ª série (Grupo Escolar), ou a 8ª série (Ginasial) e, geralmente, o Curso Normal, para as moças, equivalente ao atual Ensino Médio. Em se tratando de cursos de graduação, o peso se tornava maior ainda, com as fotografias da colação de grau assomando na memória coletiva como a *prova* de que se é *doutor*, ou seja, de que se concluiu o curso de direito ou de medicina. Leite (2005, p. 37) afirma que:

Mesmo se se considerar a fotografia como uma mercadoria, que visa lucros industriais com a comercialização da foto, da câmara e dos filmes, não é possível ignorar áreas vitais, em que a fotografia e o ato fotográfico, desde a sua invenção, desempenham papel fundamental na socialização de seus membros, e na circunscrição e legitimação do setor privado da sociedade – a família.

O comércio de fotografias abrange também a educação: as classes escolares são anualmente fotografadas para a venda do produto aos pais de alunos, As fotografias são intermediárias entre o álbum de família e a identificação policial.

No decorrer do tempo, tais imagens só aumentaram: festas juninas, festas dos dias das mães, dos pais, de encerramento de todas as séries, lembranças de todas as séries e álbuns completos de formaturas, com direito a filmagem. Todo um ritual foi sendo criado ao redor da elaboração dessas imagens escolares. Simson (2005, p. 20) afirma que a partir da democratização do aparelho fotográfico “a vida dos grupos sociais e dos indivíduos passou a ser registrada muito mais pela imagem do que pelos livros de memórias, cartas ou diários, e a memória individual e familiar passou a ser construída tendo por base o suporte imagético”.

Mas sempre foram realizadas por um olhar externo: ora o profissional contratado, ora a própria escola registrando os eventos organizados, na figura dos professores ou da equipe diretiva, enquanto memória da instituição, e não dos alunos (Wunder, 2008). No presente trabalho são os próprios jovens/alunos que estão construindo sua história imagética, tanto dentro dos muros escolares quanto fora, em todo seu cotidiano. Dessa forma, estão mostrando quais são seus pontos de vista e o que é interessante registrar para seu grupo.

Esse trabalho nasceu do convívio com meus alunos na escola em que leciono e de nossa interação com as fotografias e com a virtualidade. Percebi quão presente as imagens se transformaram em suas vidas conforme o celular se popularizou e ganhou seu cotidiano, juntamente com os *sites* de redes sociais.

A partir de então concentrei minha análise à produção dos adolescentes que eram meus alunos, procurando analisar quais tipos de imagens eles costumam registrar, quais tipos de manipulações e montagens gostam de fazer, bem como quais recursos técnicos utilizam, quais ângulos e que temas mais os atraem. Interessava-me, principalmente, procurar as fotografias da escola, perceber como a instituição escolar estava sendo registrada nas imagens feitas pelos jovens alunos dessas instituições.

Dessa forma pude perceber que estão presentes em seus álbuns fotografias sobre eventos (IMAGEM 1), sobre a escola (IMAGEM 2), sobre seus familiares, amigos e namorados (as), além de autorretratos (IMAGEM 3) e Fotografias com o uso de espelhos (IMAGEM 4). Pesquisei até mesmo imagens do universo da cultura jovem que ganhavam álbuns próprios (IMAGEM 5) nas páginas de perfis dos adolescentes pesquisados e dessa forma pude mapear os temas mais freqüentes. Esse último tipo de imagens é bastante relacionado com o tipo de interação que existe

dentro do próprio *Orkut*, assunto discutido no primeiro capítulo desse trabalho: Cultura Jovem e Orkut.

Também é notável como é variada a forma como tratam as imagens ao elaborarem muitas fotomontagens, ou seja, manipulações de imagens, utilizando-se de diversos tipos de efeitos (IMAGEM 6) e fotomontagens com a utilização de textos sobrepostos (IMAGEM 7).

Além desses usos citados, há ainda frequentemente a escolha de se realizar a fotografia nas cores preto e branco e algumas são até mesmo registradas em tom sépia¹¹. O preto e branco é utilizado bastante em montagens também, quando se quer realçar algum detalhe em especial, mantendo-o em cores contrastantes com o monocromático do fundo, principalmente no caso de textos (IMAGEM 8).

É necessário registrar que essas maneiras de trabalhar as fotografias não são estanques, mas se interpenetram e uma mesma fotografia pode ser em preto e branco, figurar em uma montagem de um encontro com os amigos (evento) e ser um retrato. São imagens polissêmicas, cuja análise pode ser ainda mais desdobrada, mas tal atitude não é o objetivo desse trabalho. Há entre os jovens aqueles que conseguem se apropriar dessas linguagens de forma bastante coerente e realizarem trabalhos que se destacam por se diferenciarem de alguma forma da grande quantidade de imagens publicadas na *Internet*, conforme aborda o capítulo 3 do trabalho.

Na sequência, serão discutidas as fotografias cujo cenário é a escola. As fotos na escola me inquietam pelo fato de que a câmera fotográfica é um aparelho estranho a este ambiente, em princípio. Mas os jovens, os alunos em geral, estão fazendo com que o equipamento esteja cada vez mais presente em seu cotidiano, e assim, incluem a escola nesse processo. E, mesmo se tratando de fotos realizadas na escola, percebe-se que são despendidos tempo e esforço em fazer poses, montagens, acréscimos de detalhes e utilização de recursos como preto e branco. São fotos que merecem todo um cuidado especial, assim como as das outras categorias. Por que existe tamanho empenho nesse ato fotográfico em um tempo em que a escola é tão desacreditada?

Para realização da pesquisa selecionei cerca de 25 jovens que possuíam grande número de fotografias publicadas no *site* de relacionamento *Orkut*. Desses 25, 17 transformaram-se nos pesquisados finais, pois são aqueles que possuem fotografias de variados temas, principalmente relacionadas às imagens registradas dentro de instituições escolares, formando, assim, um corpus para análise bastante interessante. Além de ter suas fotos observadas e analisadas, esses 17 jovens

¹¹ Refere-se ao recurso *Sépia* presentes em muitas Câmeras Digitais.

participaram da entrevista descrita no capítulo 4 do trabalho e elaboraram e publicaram no referido *site* as imagens discutidas nos capítulos 3 e 5.



Imagem 1: Eventos



Imagem 2: Na Escola



Imagem 3: Família



Imagem 4: Espelhos

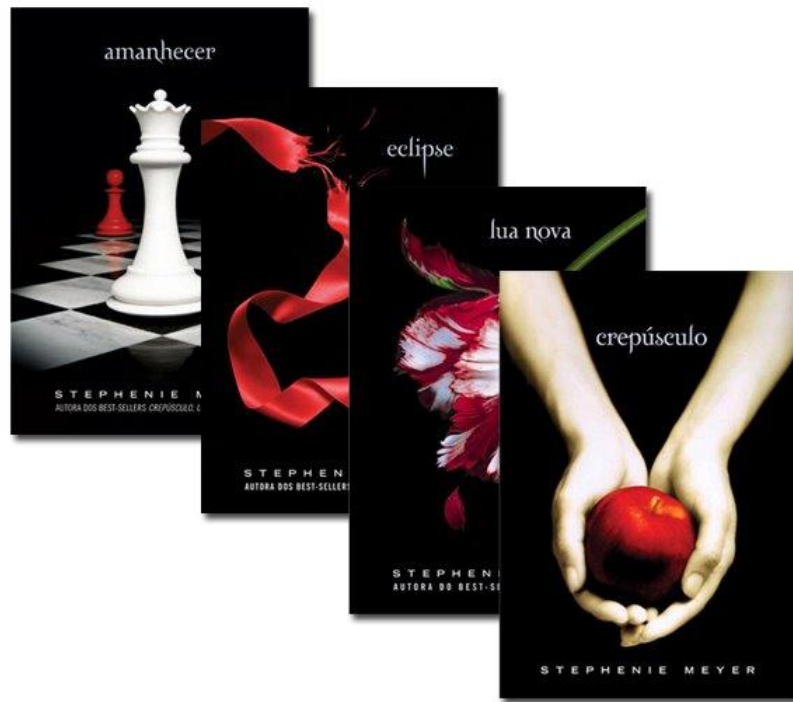


Imagem 5: Cultura Jovem



Imagem 6: Fotomontagens

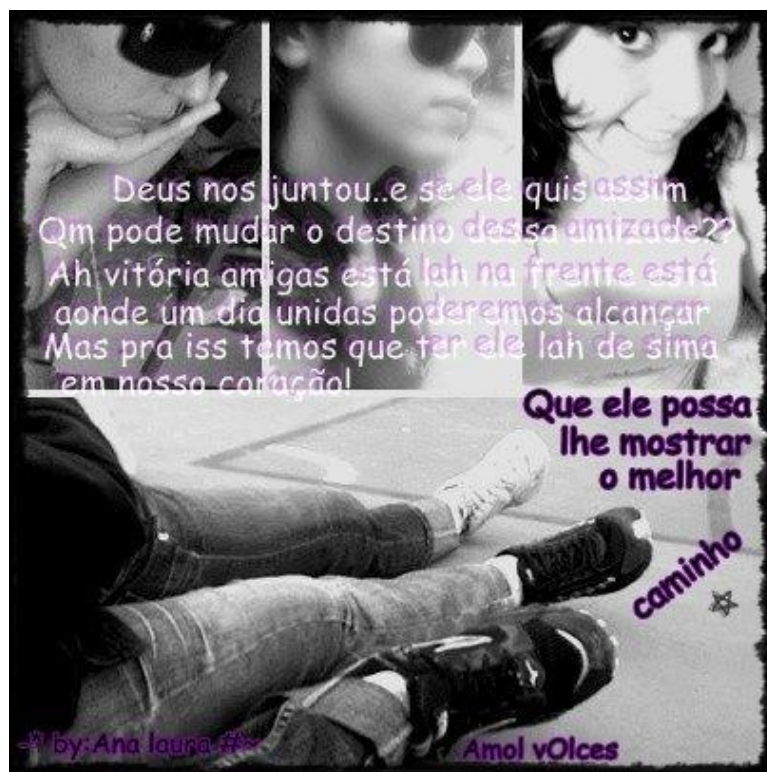


Imagem 7: Fotos e Textos

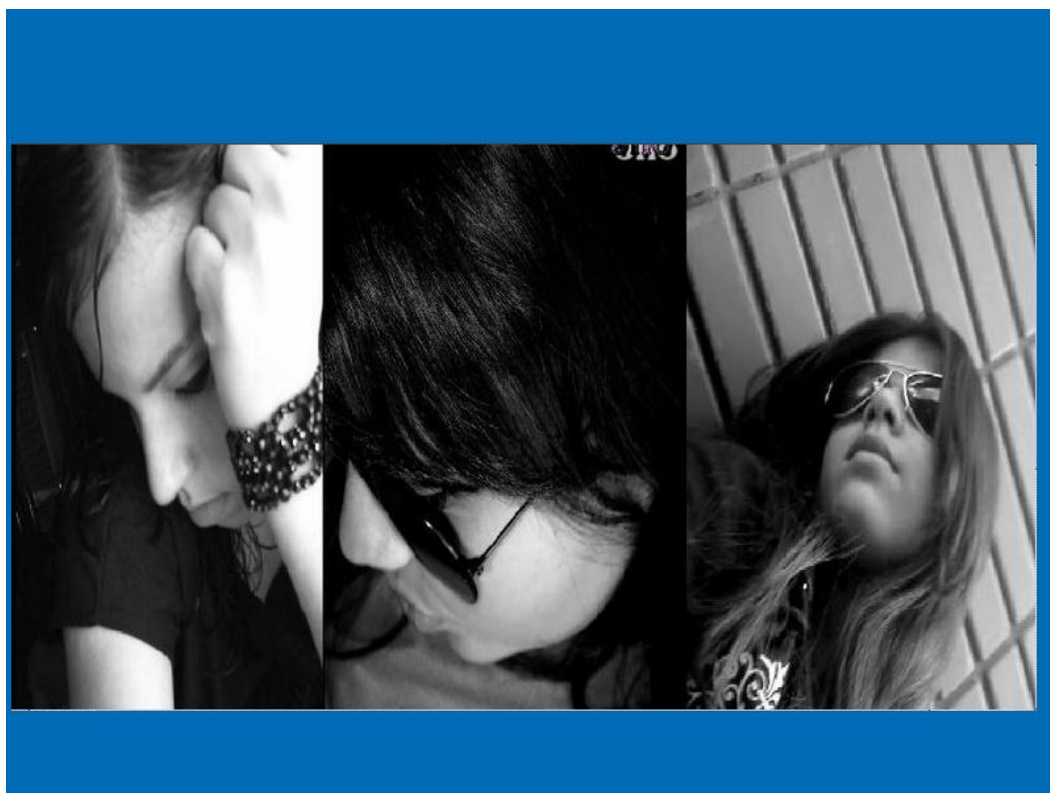


Imagem 8: Preto e Branco

1 – CULTURA JOVEM E O *ORKUT*

Cada vez é maior a sensação de desinformação e de necessidade de apressar-se e buscar tudo o que não se sabe, não se leu, não se assistiu, não se ouviu e poderá perder-se, deixando-nos desatualizados, fora do contexto de nossa própria sociedade. Ramos (2002, p. 101) considera que há um verdadeiro deslumbre com relação às novidades tecnológicas:

A novidade e a necessidade do novo acabam por se transformar em uma espécie de fetiche, que alimenta de moto próprio toda a contextualização histórica, social e de linguagem que circunda a análise do meio. O eixo da intensa e incessante inovação tecnológica, movido pela própria lógica da realização do valor das mercadorias nas sociedades capitalistas, acaba por absorver autofagicamente a análise.

Ainda, segundo a opinião do autor, o problema não é a transformação em si, mas a obsessão da evolução tecnológica, ou seja, o excesso do novo, influenciado ainda pela tradição positiva do pensamento evolucionista.

Sobre o assunto, Silva (1998, p.21) diz que:

O homem contemporâneo tornou-se refém do culto tecnológico envolvido pelo poder medusado decorrente de seus próprios atos. A noção de um novo tempo real imediato, vertiginoso, fundamenta-se na idolatria da velocidade, transferindo o olhar ocidental a essa nova realidade espaço-temporal. O aceleração das técnicas de transmissão e circulação dos meios simbólicos de produção cultural retratada por Régis Debray nos transporta, segundo ele, a uma mídiasfera, onde essa noção de “meio” reaproxima o homem e as suas relações diante de um valor catastrófico, de pânico, reavivando o sentimento de finitude. Na visão de Debray, o homem é considerado o ser vivo que mais se adapta aos meios, portanto, um ser de cultura. Contudo, o que ele fabrica em suas culturas sucessivas nem sempre se adapta às variações do meio técnico.

Já Lemos (2002, p. 117) propõe outra reflexão a respeito do assunto, baseada nas ideias de Bataille, segundo as quais há duas formas de consumo: uma considerada útil, referindo-se às atividades produtivas, e outra considerada improdutiva, representada pelos momentos de festividades, de excessos. Curiosamente, seriam esses momentos improdutivos que garantiriam o cimento social, o *glutinum mundi* dos alquimistas. O autor ainda reconhece que esse excesso na cibercultura torna possível

(...) viajar por vínculos banais e efêmeros do ciberespaço, produzir vírus, penetrar sistemas de computador, trocar informação frívola em bate papos e grupos temáticos [refletindo] essa orgia de signos que preenchem nossa realidade cotidiana nesse fim de século. (...) não é a falta, nem o excesso, mas a abundância preservada e sem distribuição que representa problemas para o homem e para o planeta.

Ainda no mesmo texto, o autor diz não concordar com intelectuais que criticam o caráter frívolo e de excesso improdutivo da *Internet*, argumentando que “esse espírito conservador está na contramão das práticas sociais da cibercultura”.

A rede mundial de computadores proporciona uma forma diferenciada de comunicação, que não é mais a tradicional mensagem emitida por apenas um emissor e recebida por apenas um receptor, proporcionada pelas cartas, telefones e telégrafos. Também não é a mensagem unidirecional que atinge grande número de pessoas, mas não permite o retorno imediato de opiniões por parte dos espectadores como a *TV* ou o cinema: na *Internet* uma mesma mensagem emitida é recebida por incontáveis receptores, por diferentes programas ou *sites* de emissão de informações, os quais permitem respostas instantâneas e por grande contingente de pessoas imediatamente. A respeito desse assunto, Kenski (2008, p. 653) diz que:

As novas formas de interação e comunicação em redes, oferecidas pelas mídias digitais, possibilitam a realização de trocas de informações e cooperações em uma escala inimaginável. Permitem o desenvolvimento de projetos colaborativos complexos e associações inesperadas. *Wikipedia, Second Life, Craigslist, MySpace, Bebo, Facebook, Flickr* são exemplos de espaços virtuais e informais de encontro na *Internet* que permitem a construção coletiva aberta.

Desse modo, as redes telemáticas proporcionam essa conexão entre diversos atores em tempo real, os quais podem estar muito distantes entre si e pertencerem a culturas bastante diversas. A produção de textos e de produtos é abundante e ao alcance de todos os usuários da rede, através de lojas que só existem *on line*, na maioria dos casos, ou lojas que além de existirem fisicamente estão se apropriando do espaço virtual também. Todos os que acessam podem produzir e consumir informações ou produtos, inserindo seus textos, suas imagens e também sendo alvo das publicações e propagandas alheias.

Inserido nessa abundância de informações está o *Site de Relacionamentos Orkut*, no qual atualmente muitos jovens brasileiros de todas as idades possuem uma identidade virtual que os conecta, uma página com seus dados pessoais, gostos, fotos e amizades, acessado em www.Orkut.com.br.

Recuero (2009, p. 24), baseia-se dos estudos de Wasserman e Faust (1994) e Degenne e Forse (1999) para definir o que é uma Rede Social: um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições) que seriam os nós dessa rede e suas *conexões*, ou seja, suas interações ou laços sociais. A autora afirma que:

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Assim é o *Orkut*: um *site* onde o objetivo maior é a interação entre as pessoas, trocando imagens fotográficas, inserindo vídeos a partir do *site You Tube* e teclando conversas nas

milhares de comunidades existentes e, principalmente, nas páginas de perfil de seus amigos virtuais, gerando uma quantidade enorme de mensagens a cada instante, muito mais do que é possível acompanhar.

As ferramentas básicas utilizadas pelos usuários do *Orkut* desde sua criação são as comunidades – que versam sobre múltiplos assuntos –, o acesso aos amigos que devem ser *adicionados* previamente, mediante envio de uma mensagem de convite presente na página inicial da pessoa que se quer adicionar, a informação dos próximos aniversários – no período de quinze dias –, além de algumas informações presentes no questionário de *perfil do usuário*. Esse questionário é bastante detalhado, mas não é necessário preenchê-lo por completo para se tornar usuário do *site*. A partir desse pré-cadastro, o usuário está autorizado a movimentar-se entre seus pares e a interagir nos ambientes virtuais ofertados pelo sistema.

O *Orkut* foi inventado pelo turco *Orkut Büyükkökten* (RECUERO: 2009, p. 166) e lançado no dia 24 de janeiro de 2004. Foi um projeto independente, realizado enquanto ele estudava na Universidade de Standford. O *Orkut* nasceu como um *site* de relacionamento, no qual as pessoas podem entrar em contato com conhecidos ou fazer novas amizades, a partir do momento em que “adicionam” umas as outras em seu perfil, ou seja, em sua página inicial. Além de se comunicar através de mensagens postadas em campo específico, é possível interagir em diversas comunidades a respeito dos mais diferentes assuntos, desde interesses diversos, como jogos de videogame e filmes, brincadeiras ou assuntos fúteis, até comunidades sérias, que congregam grupos religiosos ou acadêmicos. Mesmo comunidades ilegais, com tendências racistas ou pedófilas são encontradas e banidas (excluídas) do sistema.

O sistema de segurança do *site* foi sendo aprimorado, até permitir que o próprio usuário escolha quem pode visualizar o que de seu perfil e de suas imagens. O efeito colateral dessa medida foi o crescimento dos usuários *fakes*, que são aqueles que criam perfis fantasmas apenas para passear por entre os perfis sem ser reconhecido.

Com relação à escolha dos amigos *on line*, é muito comum os jovens adicionarem qualquer pessoa que peça, sem distinção, não se importando se o conhecem pessoalmente ou não. Essa atitude ajuda a disseminar os *fakes*¹², cuja utilidade pode ser apenas disseminar vírus na rede, ou promover outros tipos de ataques hacker no sistema, ou até mesmo cometer crimes maiores como veiculado em uma matéria da revista *Cláudia* de julho de 2008 (RAMOS, 2008, p.

¹² Para maiores informações sobre o assunto, ver Recuero, 2009.

140), a respeito de um *Estelionato on line*: homens que se especializaram em encontrar mulheres sentimentalmente carentes em *sites* de relacionamento e em *sites* de bate-papo e então se apresentam como homens perfeitos a procura de uma companheira para toda a vida. Dessa forma, ao conquistarem a confiança da vítima conseguem convencê-las de que precisam de financiamento para determinada atividade urgente e assim conseguem tirar muito dinheiro das iludidas.

Concomitantemente a essas atualizações de segurança, também foram inseridas novas utilidades, chamadas de *APPs*, tais como recurso de avatar *BuddyPoke* – uma representação animada do próprio usuário com a aparência modificada de acordo com as características físicas escolhidas, que pode interagir com outros avatares *BuddyPoke*, dando abraços, apertos de mão, beijos ou socos, pontapés e rasteiras, inclusive apresentando temas de acordo com o calendário, como carnaval e Páscoa; álbum de fotos com capacidade para 10.000 fotos; possibilidade de integração com o *You Tube*, inúmeros tipos de jogos *on line* entre outros 600 programas aproximadamente que podem ser instalados e utilizados na página inicial, dos mais diferentes tipos, desde testes de QI a versículos diários da Bíblia em seu perfil.

Essa estrutura foi ganhando forma no decorrer das atualizações do *site*. Inicialmente, nem mesmo havia opções para alteração da língua padrão. Apenas em abril de 2005 o *Orkut* ganhou sua versão em um segundo idioma: o português. Inicialmente o público alvo era o americano, mas a maioria dos usuários acabou sendo brasileira e indiana. No Brasil é o segundo *site* em número de acessos¹³, perdendo apenas para o *Google*. Outros idiomas seriam acrescentados no mesmo ano, no mês de julho e em setembro de 2005 o *Google* comprou o sistema e o integrou a sua plataforma. Segundo a pesquisa de acessos do próprio *Orkut*¹⁴, em novembro de 2008 os que se declaravam brasileiros somavam 51,18% dos usuários, seguidos dos americanos com 17,46% e dos indianos com 17,40%.

Graças ao montante de brasileiros presentes no *site*, a partir de 7 de agosto de 2008 o *Google* Brasil, cujo escritório localiza-se em Belo Horizonte, passou a ter o controle mundial do *Orkut*, dividindo a responsabilidade com os indianos. Segundo notícia veiculada na mesma

¹³ Cf. <<http://www.alex.com/siteinfo/Orkut.com>>, acesso em 05 maio 2009.

¹⁴ Cf. <<http://blog.Orkut.com/>>, acesso em 05 maio 2009.

época pelo *site* de notícias do *UOL*¹⁵, uma pesquisa do *IBOPE/Netratings* apontava que existiam 40 milhões de brasileiros que utilizavam o *Orkut* naquele momento.

Atualmente estão sendo desenvolvidas cada vez mais ferramentas que dão várias opções de privacidade aos usuários, para que todos possam escolher o que exatamente querem mostrar. Mas nem sempre foi assim. Durante os primeiros anos de sua criação, tudo era visível a todos, portanto informações pessoais, amigos, conversas, fotos, tudo o que estivesse na página pessoal do usuário poderia ser visualizado. Para os usuários, o *site* em questão também pode ser a ligação com amigos de várias épocas, pessoas que não são vistas pessoalmente há anos, por mudanças de trabalho, de cidade ou incompatibilidade de horários, por exemplo. A relação tornou-se virtual e o *Orkut* o local de interação.

O mesmo aconteceu com as fotos: o usuário atualmente escolhe quem pode vê-las. Portanto, ver as fotografias de desconhecidos, apenas por curiosidade, tornou-se um pouco mais complicado. As pessoas podem escolher alguns amigos para visualizá-las, ou *todos os amigos*, ou ainda, até *os amigos dos amigos*. Porém, basta convidar a pessoa para “ser um amigo”, pois raramente alguém nega o pedido. Dessa forma, será possível ver o álbum dessa pessoa também. No *Orkut* a amizade é definida assim, por convite, e não por relacionamento, por conhecimento. Existem comunidades que existem apenas para agrupar as pessoas e deixar seu perfil “cheio de amigos” – com os quais nunca se conversou e nem mesmo teclou – apenas para se ter centenas de ligações *on line*. Vazias ligações.

Já os grupos de discussão no *Orkut* são chamados de *comunidades*. Versam sobre os mais variados assuntos, desde produtos da cultura de massa até religiões, grupos relacionados a profissões, estudo, empresas ou escola e até mesmo sobre filosofias e experiências de vida. Como mencionado por Kenski, são exemplos dos espaços virtuais de encontros informais na *Internet* e que permitem a construção coletiva aberta (2008, p. 653). As comunidades mais emblemáticas são aquelas cujo tema é uma experiência em comum vivida pelos usuários como, por exemplo, as intituladas *Decepção não mata, ensina a viver*, ou ainda *Amar é fácil, difícil é esquecer*, ou *Ouçõ mil vezes a mesma música*. Esse tipo de comunidade é a mais comum do *Orkut* e agrega milhares de adeptos por nada, pois ao acessar a lista de tópicos de discussão percebe-se que pouco se fala sobre o tema, poucas são as pessoas que realmente interagem e postam mensagens e, em geral,

¹⁵ Cf. <<http://idgnow.uol.com.br/mercado/2008/08/07/brasil-passa-a-controlar-Orkut-e-presidente-do-Google-brasil-assume-al/>>. Acesso em 03 maio 2009.

apenas realizam brincadeiras *on line* e não conversam a respeito do tópico que deveria ser o tema gerador da interação. Por vezes esse tópico é esvaziado de sentido e dispensa discussões, como por exemplo, sobre a comunidade *Odeio Acordar Cedo: o próprio tema dispensa discussões, pois já encerra uma afirmação e boa parte do que decorrer a partir dele será apenas explicativo e redundante.*

Graças às comunidades e a todas as imagens e informações vinculadas, o perfil *Orkut* de um usuário torna-se uma vitrine de si, demonstrando parte do que se é e do que se gosta, do que não gosta, do que preocupa, do que atrapalha e do que pensa. Segundo Recuero (2009, p. 30) “perfis do *Orkut*, *weblog*, *fotologs*, etc, são pistas de um “eu” que poderá ser percebido pelos demais. São construções plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas e sua identidade”.

Entre os jovens observados é possível perceber a participação nos mais diversos tipos de comunidades, desde as voltadas para religiosidade, para música e cultura de massa em geral. É notável a quantidade de comunidades religiosas e de música gospel, com milhares de seguidores em cada vertente (evangélica, católica, espírita). Muitos cantores e grupos musicais religiosos surgiram nos últimos anos, levando multidões aos seus shows / culto de adoração, visando principalmente o público jovem, tais como a cantora *Cassiane* e os grupos *Toque no Altar*, *Rosa de Saron* e *Diante do Trono*, ou mesmo os padres *Marcelo Rossi* e *Fábio de Mello*. Comunidades no *Orkut* criadas pelos próprios fãs desses grupos se organizam divulgando shows, trabalhos e até mesmo organizando caravanas para os eventos realizados¹⁶. Para Jenkins (Jenkins apud Kenski: 2008, p. 660):

Essas novas relações mostram outro perfil da audiência. Se antes o público era passivo, submisso, previsível e isolado socialmente, na atualidade ele assume caráter proativo e participativo. Reunidos em redes, as pessoas se apresentam ativas, críticas, mutantes, conectadas, resistentes, barulhentas e preferem produzir colaborativamente seus próprios produtos e conteúdos midiáticos.

Essas manifestações personalizadas e colaborativas abarcam os diversos âmbitos culturais. Astros da música adolescente nacionais e internacionais de todos os estilos também são os primeiros da lista. Pode tratar-se do grupo americano *Jonas Brothers* ou dos brasileiros do *NX Zero*, bandas japonesas como *Kagura* ou *Asian Kung Fu Generation* ou de heavy metal inglês como *Iron Maiden*. Até mesmo bandas nacionais que já assistiram seu ocaso, como *Legião*

¹⁶ Todas as comunidades citadas no capítulo podem ser acessadas no *site* *Orkut* disponível em <www.Orkut.com.br>.

Urbana, possuem sua vez, em diversas comunidades com milhares de seguidores: a maior comunidade dessa banda possui 500.000 seguidores.¹⁷

Além das estrelas de música e cinema, é perceptível que toda a cultura de massa possui seu espaço no *site*. Como o próprio *Orkut* principia a oferecer jogos aos usuários, esse é outro tema de várias comunidades nele presente, em se tratando de jogos *on line* ou não. A maior parte trata de dicas de jogos e *sites* para fazer *downloads* de novos jogos ou novas versões e ainda conhecer novos usuários e descobrir até mesmo formas de *hackear* o sistema para facilitar o ganho de pontos. Mesmo que o comércio não seja realizado dentro da plataforma, esta é uma grande divulgadora de inúmeros produtos, através dos próprios fãs e usuários dessas mídias.

Entre todos esses produtos consumidos e debatidos pelos jovens é possível perceber que existe uma rede de mídias que os liga, transformando-os em *hipermidiáticos*: o consumidor lê o livro, assiste ao filme, ouve a trilha sonora, compra a revista/mangá, joga o jogo em seu console ou com outros usuários de forma remota (*on line*), ou até mesmo em forma de *RPG* de tabuleiro, coloca as fotos em seu celular ou até mesmo o livro, se tiver paciência para lê-lo na tela pequena e permanece assim ligado ao produto ao qual é aficionado permanentemente. Fica patente a citação de Ramos com relação ao *deslumbre* que as novidades tecnológicas e a necessidade do novo causam, pois cada um desses produtos visa o mesmo público, que consome cada um deles avidamente, como se fosse o primeiro.

Dessa forma são organizados os universos de *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis*, por exemplo: a origem é uma coleção de livros, as quais recentemente foram adaptadas para filmes que se transformaram em *blockbusters* adorados pelos jovens de todo o mundo. Dessa maneira uma série de novos produtos são criados, sejam mapas da Terra Média – cenário do livro/filme/*RPG* –, jogos de *RPG* ou Universos *on line* de *O Senhor dos Anéis*. Ou, como no caso de *Harry Potter*, além dos filmes, revistas, *cds* de trilha sonora, *dvds* e jogos para videogames e computadores, foi construído até mesmo um parque temático dentro do parque *Universal Studios* em Orlando, Estados Unidos, que se chama *O Mundo Mágico de Harry Potter*. As atrações são ambientadas em cenários do livro/filme, como o *Expresso de Hogwarts*, *O Castelo*, *Hogsmeade* e a loja *Dedos de Mel*¹⁸. Projetos surgem para atender a uma demanda de produtos da cultura

¹⁷ Acesso em 30 nov 2009.

¹⁸ Inaugurado em 16 jun 2010 cf. <<http://www.dgabc.com.br/News/5816543/parque-tematico-de-harry-potter-e-inaugurado-nos-eua.aspx>>, acesso em 26 jun 2010.

jovem de todos os tempos, que agora está em seu apogeu: nunca se vendeu tanto para os jovens. O *Orkut* e outras redes sociais podem ser utilizadas como fonte de pesquisa dessas tendências, afinal é um aglomerado de jovens conversando o tempo todo sobre o que querem consumir e sobre o que querem saber. Em cada perfil, em cada grupo, em cada comunidade há várias informações a serem coletadas e é isso que a Pesquisa de Mercado realizada pelo *Google*, já citada, quer mostrar para o setor de marketing de todas as empresas: anunciar no *Orkut* é um bom negócio. A partir do ano de 2010 o *Orkut* passou a apresentar anúncios em todas as páginas de perfis dos usuários, atualizando-os de forma randômica, proporcionando aos usuários a possibilidade de criar seus próprios anúncios também. Segundo a mesma pesquisa, os produtos que os usuários do *Orkut* mais querem ver anunciados são das áreas de tecnologia, mídia, viagens, empregos e telecomunicações.

Em cada perfil podemos visitar as comunidades que são seguidas pelo usuário e ter acesso aos textos, perguntas e respostas, discussões a respeito de teorias e *fanfics* desses universos cultuados pela geração atual. Filmes, shows, seriados, livros, animês, *HQs* e tantos outros produtos podem ser temas de uma mesma pessoa. Os interesses dos jovens são múltiplos e nunca houve tanta disponibilidade de informações. Nunca foi tão fácil encontrar pessoas com os mesmos gostos e interesses com os quais os jovens pudessem discutir, trocar informações e rever seus pontos de vistas.

Há cerca de dez anos, as poucas maneiras de saber o que estava acontecendo com seu ídolo, com seu autor preferido, quando seria lançado determinado filme no cinema ou em *dvd*, ou o simples lançamento de um *cd*, era através de revistas especializadas ou em algum programa de *TV* ou rádio também especializados no assunto. Evidentemente a quantidade de conteúdo dessas mídias é muito limitada em comparação ao oferecido pela *Internet*, portanto não era possível ter detalhes sobre tudo o que se queria, fosse uma banda japonesa ou sueca, ou ainda um desenho ou filme exibidos há 30 anos, ou aquela música de abertura do seriado dos anos 70. Hoje essas informações estão disponíveis, tendo muitas vezes o inglês como língua padrão.

Também é possível discutir suas teorias e seus gostos com pessoas que nem conheceria se não fosse essa relação construída à distância, ou trocar material ou mesmo organizar encontros presenciais, como os que tornaram-se referência aos seguidores da cultura pop japonesa e que são organizados frequentemente no Brasil, cujos maiores exemplos são o *Anime Friends* e o *Anime*

Dreams, ambos realizados na cidade de São Paulo. Tais eventos possuem suas próprias comunidades no *Orkut*, as quais servem como ponto de encontro e planejamento dos eventos e como lugar de troca de impressões, opiniões e imagens depois de cada dia de evento. A média de visitantes aumenta a cada ano. Em janeiro de 2009, o *Anime Dreams* – Segundo maior evento do país, perdendo apenas para o *Anime Friends* – reuniu quase 60.000 pessoas do Brasil, Paraguai, Argentina, Chile, México, entre outros, em uma grande convenção de videogames, jogos de *RPG*, *animês*, *mangás* e *cosplays*. Novamente um exemplo de como incontáveis comunidades e *sites* servem de meio de divulgação e planejamento para grandes eventos realizados.

Interessante notar que muitas dessas manifestações, entretanto, são derivadas da cultura jovem de décadas anteriores. São momentos feitos por jovens e para jovens desde sempre e continuam sendo. Por exemplo: a maior comunidade sobre os *Beatles* denomina-se brasileira e possui 124.000 membros. Pode-se dizer que seja um estilo musical que soube manter-se jovem e atual, conquistando novas gerações com o passar do tempo. Assim perpetuam-se muitas bandas de *rock* e *heavy metal*, filmes como *Star Wars* (65.000 membros) e *Jornada nas Estrelas* (modestos 5.000 membros), até mesmo a trilogia de *O Senhor dos Anéis*, cujos livros foram lançados a partir de 1954.

Sobre esta saga, há informações que desde a divulgação sobre a produção dos filmes, a venda dos livros aumentou em 500%¹⁹. Uma mídia ajuda a aumentar a produção e a divulgação da outra. Atualmente, em novembro de 2009, a lista dos livros mais vendidos de diversos *sites* e revistas²⁰ aponta os livros *Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* e *Amanhecer*, da autora Stephenie Meyer, alternando-se entre as primeiras posições, bem como o livro *A Cabana*, de William P. Young, cujos direitos, há rumores, que já foram vendidos para produção de um filme e *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien – livro que seria o prelúdio da Trilogia de *O Senhor dos Anéis*, obra que está sendo adaptada para dois filmes e tem estréia prevista para 2011 e 2012, respectivamente. O simples anúncio de uma adaptação de livro para filme é o estopim de uma corrida às livrarias.

Podemos perceber que atualmente a maioria dos grandes lançamentos do cinema baseiam-se em personagens e histórias que foram sucesso entre os jovens das décadas de 70 e 80. Os

¹⁹ Cf. <<http://veja.abril.com.br/blog/10-mais/diversao/as-10-maiores-manihas-dos-teens-em-todos-os-tempos/#ancorato>>. Acesso em 29 nov 2009 .

²⁰ Cf. <<http://www.mundodastribos.com/lista-dos-10-livros-mais-comprados.html>>, acesso em 29 nov 2009, ou <<http://www.lendo.org/livros-mais-vendidos-marco-2009/>>, acesso em 29 nov 2009, ou ainda <<http://www.livrariasaraiva.com.br/>> guia *mais vendidos*, acesso em 29 nov 2009.

antigos consumidores cresceram e agora estão transformando seus sonhos heróicos em realidade simulada através do cinema. O mais interessante é que a atual juventude também se diverte com a ideia e assimila como seus, os heróis de outrem, com poucos acréscimos atuais. Dessa geração podemos citar as obras de *Harry Potter* ou talvez *Crepúsculo*, apesar deste último não ser tão original assim já que faz uma releitura dos mitos vampirescos e de lobisomens, cuja história bebe na fonte de muitas obras sobre o assunto, especialmente nas obras de RPG de mesmo tema: *Vampiro*.

Entre os doze filmes de maior bilheteria dos últimos anos podemos destacar também a importância das adaptações de livros²¹. Em 3º lugar está *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*, terceiro livro da trilogia de mesmo nome; em 7º lugar está *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, primeiro livro da saga do bruxinho, seguido pelo 5º livro em 9º lugar: *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; e do 6º livro em 10º: *Harry Potter e o Príncipe Mestiço*; em 12º aparece novamente um filme baseado no segundo livro da obra de Tolkien: *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*.

Entre essas obras, podemos verificar a mistura de datas de lançamento do produto original, ou seja, os livros. Quase cinquenta anos separam as histórias de Tolkien e de Rowling, mas a influência daquele sobre esta é inegável, fato que, aliás, a autora já assumiu há tempos. E ambas as obras misturam-se entre os mais vistos e lidos atualmente.

Recentemente a revista *Veja* fez uma reportagem²² intitulada “As 10 maiores manias dos teens em todos os tempos”, na qual classifica vários artistas e produtos midiáticos, valorando-os de 1 a 10 de acordo com sua suposta valorização pelos jovens. O nível de popularidade de comunidades do *Orkut* atesta 7 membros dessa lista, cujas maiores comunidades possuem mais de 100.000 participantes: *Beatles* (124.000), *Harry Potter* (315.00), *High School Musical* (210.000), *Crepúsculo* (501.000), *Hannah Montana* (169.900), *Jonas Brothers* (222.000), *O Senhor dos Anéis* (122.000) e *Camp Rock* (122.000), sendo que apenas os *Beatles* e *O Senhor dos Anéis* conseguiram se manter nessa lista por décadas.

Pode-se concluir que as redes sociais fazem parte das grandes mídias divulgadoras atuais da cultura de massa e não cobram nada de seus usuários, por enquanto, para realizar essa

²¹ Cf. <<http://www.portaldecinema.com.br/top10eua.htm>>. Acesso em 24 jul 2010.

²² Cf. <<http://veja.abril.com.br/blog/10-mais/diversao/as-10-maiores-ma-nias-dos-teens-em-todos-os-tempos/#ancoratopo>>. Acesso em 29 nov 2009.

divulgação de ideias, uma vez que são os próprios fãs – na maioria dos casos – que realizam essa divulgação e toda a propaganda por intermédio de comunidades e listas de discussões a respeito dos lançamentos realizados ou ainda por realizar. É um ponto de encontro de inúmeros produtos e seu público alvo, um local onde as trocas de informações são realizadas e concretizadas por pessoas fisicamente distantes, mas com interesses vários em comum. Ainda que nada seja vendido por intermédio do *site*, os assuntos em debate são, muitas vezes, sobre produtos culturais a serem consumidos. Ou seja, ainda que interagindo em um *site* de redes sociais, cada usuário está à mercê de propagandas e estímulos ao consumo, além de ter de discernir quais informações são fidedignas e quais não passam de lendas ou invenções de usuários mal intencionados.

Comportamentos e itens de desejos eletrônicos pululam e reinventam-se diariamente com a finalidade de proporcionar a novidade e abocanhar os insatisfeitos de plantão, alcançar os que se sentem insaciados de informação e de entretenimento perenemente e estão imersos no dilúvio das informações em série.

Santaella (2002, p. 54) aponta que:

as redes estão sendo crescentemente reguladas pelos mecanismos reinantes no mercado capitalista. O reino dessa liberdade, portanto, será predominantemente a liberdade do mercado. As corporações gigantescas das mídias já vêm há algum tempo juntando suas armas não apenas para confrontar, mas para formatar as novas tecnologias. Uma visão realista de como o mercado capitalista opera nos leva a compreender porque as tradicionais empresas das mídias pré era digital não estão se encolhendo diante do ciberespaço, mas, ao contrário, estão se dilatando através de alianças com as telecomunicações e setores comerciais.

Seguindo esse raciocínio, podemos concluir que continuará existindo a desigualdade social mesmo em um mundo em que a democracia da comunicabilidade está difundida em todos os recantos. E a propaganda consumista não se esgota, pois *sites* estão se especializando em definir o perfil de compra de seus usuários, em especial o *Google*, que é o *site* mais visitado do mundo atualmente (AFFONSO, A. e DORIA, P. 2009, p. 46)²³. Lojas *on line* já oferecem outros produtos de possível interesse do internauta em local visível durante suas visitas ao *site*. Estudiosos do assunto já avisam a respeito da possibilidade de termos detalhados perfis traçados a partir dos rastros que deixamos durante nossa navegação.

Canclini (2005, p. 92) observa ainda que:

(...) agora importam as diferenças integráveis aos mercados transnacionais e acentuam-se as desigualdades, vistas como componentes “normais” para a reprodução do capitalismo. As diferenças, as desigualdades deixam de ser fraturas a se superar (...). A relativa

²³ Cf. <<http://www.alexa.com/>> acesso em 14 out 2010.

unificação globalizada dos mercados não se sente perturbada pela existência de diferentes e desiguais: uma prova é o enfraquecimento desses termos e sua substituição por esses outros, *inclusão* e *exclusão*. (...) Os incluídos são os que estão conectados; os outros são os excluídos, os que veem rompidos seus vínculos ao ficar sem trabalho, sem casa, sem conexão.

Dessa forma, a exclusão que se processa na atualidade é com relação a participar de determinado padrão de vida regulado pelos equipamentos tecnológicos ou estar fadado à exclusão. Não há escolhas a serem realizadas, ainda que se queira não ter um celular de última geração, um *Ipad* ou um *Play Station 3*, novos recursos e novas atualizações surgirão apenas para essa nova geração de equipamentos, deixando todos os outros usuários excluídos do sistema. Dessa forma, quão excluídos serão aqueles que sequer conseguem adquirir esses bens.

Santaella (2002, p. 54) afirma que “sob a aparência de ausência de regras no ciberespaço, existe a omissão do Estado na representação de interesses públicos em oposição aos interesses comerciais”.

No ponto de vista da autora, ainda que o número de usuários da *Internet* continue crescendo exponencialmente, teremos acesso a um navegar formatado pelos interesses daqueles que detém o poder de nos guiar durante a navegação. Esse universo será sempre organizado de acordo com os interesses capitalistas e nada terá de democrático.

Pierre Lévy (2001, p. 53) também reflete a respeito do mesmo assunto, mas chega a conclusão diversa de Santaella. Lévy concorda que haverá poucos fornecedores mundiais para cada tipo de produto hiperespecializados em atender seus clientes, mercados virtuais cheios de supérfluos e objetos inusitados, mas vê nessa abertura a conquista de um novo patamar de conhecimento da humanidade, o qual seria o conhecimento da informática e de todos os benefícios que o “estar em rede” traz à humanidade. Essa competitividade e oferta de produtos em massa também seria a realização de um sonho milenar da humanidade: a procura da liberdade de ir e vir e de fazer escolhas. Segundo o autor, esse sonho é acalentado desde a formação das cidades, da redescoberta do comércio e, conseqüentemente, da formação do capitalismo.

Lévy (2001, p. 57) não concorda com as críticas pessimistas ao assunto, e a elas responde da seguinte forma:

Não importa o que pensemos contra ou a favor, devemos admitir que a maior parte dos indícios de que dispomos apontam para um futuro cada vez mais marcado pelo mercado capitalista, pela ciência e pela técnica. (...) Uma vez que constatamos isso, uma escolha se abre para nós: ou denunciar e criticar essa tendência irreversível ou tentar compreendê-la e dar-lhe sentido. (...) A maior parte da “crítica” contemporânea da globalização capitalista, da cibercultura ou da tecnociência, infelizmente, trabalha mais para ampliar o ressentimento e o ódio do que para promover uma visão positiva do futuro. É justamente o movimento

irresistível em direção ao futuro – a tendência efetivamente em curso – que ela condena. A crítica era progressista, tornou-se conservadora. Era visionária, hoje caminha de costas para o futuro. Uma outra atitude, a que me esforço por adotar aqui, se defronta abertamente com o *movimento real* da evolução em curso e tenta discernir seu sentido mais favorável, a fim de fazê-lo surgir. *Não é senão nos inserindo, tanto intelectualmente quanto afetivamente, na corrente que nos leva, que poderemos orientá-la, tanto quanto for possível.*

Nesse trecho o autor toma uma posição marcadamente otimista com relação ao momento histórico atual, mirando-o pleno de possibilidades fantásticas, a ponto de colocar a invenção da comunicabilidade em rede em um patamar comparável ao descobrimento do fogo ou a invenção da escrita. Acredita fielmente que o livre comércio tende só a trazer benefícios inumeráveis a toda humanidade e em nenhum momento considera que há pessoas excluídas desse sistema. Como já mencionado por outros autores, a utilização dos conhecimentos tecnológicos é desigual e, portanto, mais complexo do que se pode perceber, não trazendo apenas “benefícios maravilhosos para a humanidade”, mas ainda maiores pontos de tensão e divergência de poderes sociais.

É consenso entre pesquisadores da cibercultura essa divergência de opiniões a respeito do impacto que as tecnologias da informação e comunicação causam e ainda causarão na humanidade. Santaella os classifica em *Eufóricos* e *Disfóricos* (2003, p. 72): estes utilizam o mesmo discurso empregado para criticar a cultura de massas, indústria cultural e a sociedade instrumental, sem ter conseguido frutos com isso; aqueles possuem ideias tão otimistas que chegam a acreditar que o capitalismo é um sistema justo e, por isso, também são chamados de *utópicos*.

Pontos de vistas tão diferentes demonstram a controvérsia ainda presente entre os estudiosos. A conclusão possível é analisar cuidadosamente tanto o excesso de zelo quanto o excesso de euforia, pois sabemos que impactos diversos são gerados a partir de todas as ações tomadas em todos os campos de atividade. Resta saber o que potencialmente há para ser aproveitado nas malhas da cibercultura, como podemos utilizar de forma útil todo o conhecimento que nos está sendo distribuído e para isso realizar essa análise de forma coerente.

Santaella (2003, p. 229) opina que os temores podem até ser “justificados, já que todas as tecnologias complexificam nossa visão de mundo: a escrita, a imprensa, o carro, os satélites, o telefone, o rádio, a televisão são tecnologias ou complexos tecnológicos que mudaram para

sempre o nosso modo de vida”. Lembra ainda que nenhuma tecnologia da inteligência²⁴ suprime a outra, mas todas convivem entrelaçando-se. Assim a escrita não suprimiu a oralidade e nem foi suprimida pela cultura impressa. A cibercultura, por sua vez, não acabará com a cultura impressa, mas, pelo contrário, utiliza-se dela e ajuda a divulgar materiais impressos em escala global como nunca havíamos presenciado.

Dessa forma, podemos perceber que esse cenário complexo ainda está sendo desenhado, definido, elaborado. Os atores ainda estão se organizando para utilizar a rede de acordo com seus interesses imediatos. Enquanto estudiosos, pesquisadores, educadores, usuários, consumidores de informações ou consumidores de entretenimento precisamos refletir em como queremos formatar a *Internet*. Ainda que com suas falhas e defeitos, ela está propiciando que vozes sejam destacadas e ouvidas: portais de organizações artísticas, de organizações políticas, de organizações não-governamentais, de Institutos Educativos e Universidades, entre outros, têm muita visibilidade atualmente e têm possibilidades imensas de divulgação de seus objetivos e de seus trabalhos, algo incomparavelmente maior do que antes do advento da rede, como afirma Kenski (2008, p. 655):

Reunidos em comunidades e consórcios, conectados virtualmente, pesquisadores desenvolvem ou se utilizam de programas cada vez mais sofisticados e potentes que possibilitam avanços nas pesquisas e descobertas revolucionárias em todas as áreas do conhecimento. Este é o caso, por exemplo, do *Exploratory*, um programa anunciado em fevereiro de 2008 pela *National Science Foundation* que possibilitará a realização de pesquisas em uma plataforma desenvolvida conjuntamente pelo *Google* e a *IBM* com seis universidades (...) e que incluirá simulações do cérebro e do sistema nervoso e outras pesquisas biológicas.

Cada vez mais iniciativas como essa surgirão nos diversos campos das pesquisas e dos grupos científicos, proporcionalmente ao avanço da capacidade de armazenagem e de segurança e confiabilidade das redes e equipamentos. Definir o que queremos reter das informações divulgadas, filtrar o que é importante, selecionar o que será produzido, arquivar o que deve ser consultado sempre que necessário e da forma mais acessível são prioridades, sendo imprescindível analisar que nem todas as fontes de pesquisa da *Internet* são confiáveis e é preciso sempre checar os dados com outras fontes de pesquisa, uma vez que a autoria de textos na *Internet* não é confiável, bem como as fontes de referência – quando elas existem. O comum é encontrarmos um mesmo texto ou uma mesma notícia copiada de um *site* original – que se perde na vastidão de *sites* – e reproduzida em muitos *blogs* e páginas, sem autoria e sem citação de

²⁴ As Tecnologias da Inteligência são denominadas por Pierre Lévy (1993, p. 76) de *oralidade, escrita e informática*. Já Santaella (2003, p. 77) as chama de *eras culturais*, a saber: oralidade, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital.

onde foi retirada. Dessa forma, poucos *sites* oferecem informações mais confiáveis, tais como portais de jornais e revistas reconhecidamente criteriosos e que, em sua maioria, reproduzem em sua versão digital notícias que estão em sua versão impressa.

Ainda assim, é fato que a *Internet* nos trouxe ganhos no quesito disponibilidade de informações e, juntamente com as redes sociais, a facilidade de conhecer pessoas de lugares diferentes, organizando outras possibilidades de comunicação e interação interpessoal. E, da mesma forma, trouxe uma necessidade ainda maior da busca criteriosa de fontes de informação fidedignas, pois, logicamente, é impossível tomar por verdadeira toda informação veiculada na rede.

Dentro do universo da *Internet*, e de todas as possibilidades que a rede nos traz, muitos *sites* de Redes Sociais promovem a interação de milhares de pessoas ao mesmo tempo. Nesse âmbito, situa-se o *Orkut* e todos os discursos da Cultura Jovem que estão sendo veiculados a todo momento e todas as discussões a respeito do que se vê, lê, assiste, vive. Entre esses discursos, situam-se as fotografias, milhares de imagens disponibilizadas diariamente, observadas, comentadas e que precisam ser analisadas acuradamente.

2 – FOTOGRAFIAS DE JOVENS NO ORKUT

Segundo pesquisa de mercado realizada pelo próprio *Orkut*²⁵, a funcionalidade mais utilizada pelos usuários do *site* é o Álbum de Fotos: cerca de 92% dos 1000 entrevistados a utilizam e 94% dos que utilizam o *site* afirmam também que o conteúdo que mais publicam são suas próprias fotografias. Através do Álbum do *Orkut* é que as fotografias são disponibilizadas na *Internet* e, dessa forma, podem ser coletadas e analisadas. Como já comentado, cada página de perfil do *Orkut* pode armazenar até 10.000 fotografias, organizadas em quantos álbuns o usuário quiser fazer. Já cada um desses álbuns, que seriam espécies de pastas de armazenamento de imagens, pode armazenar até 100 imagens de no máximo 10 MB cada (IMAGEM 9).

Para cada foto é possível acrescentar uma legenda e cada usuário pode fazer comentários a respeito das fotos publicadas. Atualmente verdadeiras conversas aparecem abaixo das fotos mais populares, como pode ser visto no Anexo I²⁶. A página da imagem com muitos comentários lembra uma *foto legenda*, com a diferença de que são várias legendas e não apenas uma. Geralmente são comentários a respeito da beleza da imagem ou da estranheza que a foto causa, ou como tal pessoa está bem, onde estão, o que está acontecendo, mas pode também acontecer da conversa direcionar-se a um assunto em nada relacionado à imagem.

Através da análise dos álbuns dos jovens pesquisados e das imagens neles presentes pude perceber que se dividem por assuntos, como um álbum de fotos tradicional. Alguns temas recorrentes são *Amigos*, *Eu*, *Família*, *Escola*, *Namorado*, *Um dia perfeito*, festas das quais participam, eventos na vizinhança, dias em que realizam algum passeio, vão a um show, etc. Cada evento aparece em seu próprio álbum e momentos diferentes nunca são misturados.

Viagens aparecem raramente, pois estes jovens por mim observados não as realizam com frequência. Este é um tema presente geralmente nos álbuns de adultos. O álbum *Família* apareceu mais recentemente, conforme eles estão crescendo, mas mesmo entre os que trabalham, não aparece o álbum *trabalho*. Somente entre os adultos vemos essa ocorrência, e não com muita frequência.

²⁵ Cf. < <http://www.youtube.com/watch?v=1YwnHITGH8Y>>, acesso em 21 out 2010.

²⁶ A foto não foi salva em meu computador no mesmo momento em que o texto presente no anexo I. Ao retornar ao site em busca da imagem, a mesma já havia sido retirada. Buscando o autor da referida fotografia com a finalidade de consegui-la, foi relatado que o mesmo havia perdido, por acidente, todas as fotografias gravadas em seu computador. Portanto, apenas o texto está presente no anexo e não a imagem que o originou.

Os álbuns possuem uma rotatividade de imagens muito grande. Diariamente recebem acréscimos e decréscimos. Perfis com mais de 1000 fotos podem ser excluídos de um dia para o outro. Aparentemente os jovens enjoam do trabalho ao qual dedicaram tanto tempo e o apagam. É algo mutante, muito maleável e que está em constante aprimoramento. Está sendo reinventado agora, neste minuto, e daqui a uma hora já será diferente. As fotografias do *Orkut* parecem ser algo como “veja o que estou fazendo agora”. O registro do momento. Raras pessoas possuem as fotos das férias passadas em seus perfis. Geralmente são os adultos que digitalizam suas fotos da infância e as colocam em seus álbuns. Dayrell (2007, p. 1112) aponta que os jovens têm uma maneira própria de lidar com o tempo, na qual

Há predomínio do tempo presente, que se torna não apenas a ocasião e o lugar, quando e onde se formulam questões às quais se responde interrogando o passado e o futuro, mas também a única dimensão do tempo que é vivida sem maiores incômodos e sobre o qual é possível concentrar atenção.

Seguindo esse raciocínio, podemos pensar que a lógica do ato dos jovens de disponibilizar suas fotografias em *sites* de relacionamento também segue a dimensão do tempo presente, tempo no qual, supostamente, as atenções dos jovens estão focadas. Sobre esse assunto, Fischer (2008, p. 680) desenvolveu uma pesquisa com jovens de 15 a 24 anos de Porto Alegre a respeito do assunto *Mídia. Juventude e Memória Cultural* e uma das constatações foi que eles consideram um *vício* entrar nos *sites* de redes sociais, como o *Orkut*, ou nos *chats* em tempo real, como o *MSN* e que o fazem muitas vezes para comunicar-se com pessoas muito próximas, com quem eles têm contato presencial diariamente. Além disso

Tais práticas aparecem associadas a uma curiosa percepção do tempo: um tempo que parece encurtar a cada dia, de tal modo que jovens de 15 ou 18 anos referem-se a si mesmos como pessoas que literalmente “não têm tempo”, sentem-se divididos e fragmentados. A maioria deles revela certa angústia com o tempo, que para todos eles passa rápido demais – angústia que não se separa de outro problema: a necessidade quase incontrolável de estar *up to date* com a mais nova tecnologia (do celular, do PC, do programa de *download* de músicas e materiais audiovisuais, etc.), como se todas as coisas do mundo envelhecessem a cada segundo.

Segundo Silva (1998, p.21), já citado no capítulo sobre Cultura Jovem, essa necessidade do *novo* não é apenas característica dos jovens, mas do homem contemporâneo devido ao aceleramento da técnica de transmissão dos meios simbólicos, o que nos reaviva o sentimento de *finitude*, ou seja, de não ter tempo. Essa necessidade de estar envolvido com tudo, de estar atualizado, de saber o que seus amigos estão fazendo, de saber as notícias dos famosos, de ver os filmes da moda, ler os livros da moda, jogar os games da moda também está presente na

necessidade de publicar fotos no *Orkut* de forma contínua e visualizar as fotografias dos amigos, comentando-as, de forma contínua. São atividades demoradas, que tomam tempo e talvez esta seja uma das causas da sensação de *falta de tempo*. Não há tempo para visualizar todas as fotografias que se gostaria, muito menos de comentá-las.

Também não é possível fazer todas as fotografias que se gostaria, pois é necessário certa reflexão, fazer escolhas, pensar e analisar as ações a serem realizadas durante todo o processo, seja em um autorretrato, na organização de uma montagem, em uma fotografia dos amigos ou de uma paisagem. Ângulo, composição, recursos do equipamento e pós-equipamento, até a escolha de qual foto enviar para o próprio álbum virtual: sempre escolhas. Samain (2005, p. 126-127) discorre sobre esse olhar *para* a fotografia:

Ver um filme não é olhar para uma fotografia. São atos de observação, posturas do olhar, muito diferentes. “Assiste-se” a um filme, “mergulha-se” numa fotografia. De um lado, um olhar horizontal, do outro, um olhar vertical, abissal. Enquanto as imagens projetadas levam o espectador num fluxo temporal contínuo, que procura seguir e entender, as fotografias, por sua vez, o fixam num congelamento do tempo do mundo e o convidam a entrar na espessura de uma memória. Diante da tela, somos viajantes e navegadores; diante da fotografia, tornamo-nos analistas e arqueólogos.

Cada foto trabalhada é uma foto em que todos os passos mencionados pelo autor são seguidos. E cada foto apresenta uma pequena parte da pessoa em questão, congelada para sempre ou até que o seu autor/manipulador aperte o botão *delete*. Enquanto isso não ocorre, seu idealizador/configurador recorta e molda, escolhe o sorriso, a pose, o vento, o gesto, os objetos, o efeito, o local, a companhia e clica. Invariavelmente clica, ininterruptamente clica, dezenas de vezes seleciona, apaga, registra, refaz (IMAGENS 10 E 11). Em grupo ou sozinho. E publica na *Internet*. Essa é a mania do jovem da cibercultura, como eles mesmos mencionam na pesquisa de Fischer, um de seus *vícios*. Barthes (1984, p.22) já dizia que:

a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a Fotografia cria meu corpo ou o mortifica, a seu bel-prazer.

Mas é mais do que mania. É a forma de ser *on line*, é o jeito de construir-se na *Internet*. O jovem da atualidade não vê divisões entre sua vida real e sua vida virtual, pois ele as vivencia amplamente e cada qual é parte de sua constituição enquanto jovem. Não há dicotomia, mas complexidade e complementaridade. Dayrell (2007, p. 1110), que trata das culturas juvenis em seus trabalhos, afirma, a respeito delas, que:

A partir da década de 1990 assistimos, no Brasil, a uma nova forma de visibilidade dos jovens, na qual a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada por eles como forma de comunicação, expressas nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. (...) O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Nessas práticas, criam novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado, assumindo um papel de protagonistas, atuam de alguma forma sobre seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Significa dizer que, no contexto da diversidade existente, a condição juvenil é vivenciada por meio da mediação simbólica, expressa nas mais diferentes expressões culturais. Longe dos olhares dos pais, educadores ou patrões, mas sempre tendo-os como referência, os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens.

Sendo assim, os jovens vivenciam sua condição juvenil através das fotografias, mas não apenas com elas: ouvir música o tempo todo, fotografar o tempo todo, escrever mensagens o tempo todo (no celular, no *msn*, no *blog*, no *Twitter*, no *e-mail*, no *Orkut*...), assistir filmes, seriados, desenhos, novelas, propagandas e tudo o mais que existir no *You Tube* e na *TV*, em *DVD*, o tempo todo. Conseqüentemente, ler e escrever o tempo todo, ainda que não se escreva o que a escola espera que eles escrevam, ainda que não leiam o que a escola espera que eles leiam, mas estão lendo/escrevendo. Como afirma Certeau (1994, p. 225-226):

(...) a página em branco [é] um espaço “próprio” [e] circunscreve um lugar de produção para um sujeito e (...) aí se constrói um texto. Fragmentos ou materiais linguísticos são tratados (usados, poder-se-ia dizer) neste espaço, segundo métodos explicitáveis e de modo a produzir uma ordem, (...) tendo como alvo uma eficácia social.

Nos escritos dos jovens existe uma função social e também uma ordenação lógica coerente para seus pares, pois se não houvesse não seria comunicação, não seriam mensagens inteligíveis. Ainda assim essa forma de escrita e divulgação de mensagens custa a conseguir seu espaço enquanto forma legítima de comunicação escrita. Em seu dia a dia os jovens constroem sua identidade a cada mensagem enviada, a cada fotografia publicada, mesmo que inconscientemente. Se é a música, o teatro ou a dança o meio pelo qual os jovens se agrupam, se mobilizam, tornam-se protagonistas de sua vida, como afirma Dayrell, atualmente também o é a fotografia e os meios de expressão *on line*. Como lembra Varela (apud BARBOSA: 2007, p. 1061)

a ideia de que a escola é a “única” instituição educativa e que os conhecimentos por ela transmitidos também são os legítimos pode também ser analisada como uma estratégia de poder que visa legitimar um tipo de conhecimento, considerado legítimo e oficial, em detrimento de outros, os populares, desqualificando assim outras formas de cultura e estilo de vida.

Já Lahire (apud BARBOSA: 2007, p. 1061) afirma que “a escola tem sido a instituição central para veicular, de forma homogênea, a cultura considerada “legítima” e para desconsiderar as culturas “não legítimas”, isto é, não-hegemônicas. Escola como local da escrita por excelência que tem como finalidade veicular os conteúdos legítimos do conhecimento hegemônico em detrimento das culturas locais: não aceitará de pronto a manifestação espontânea de jovens que querem utilizar suas máquinas fotográficas, seus aparelhos de celular e seus mp3 em suas dependências. Ainda assim, os jovens estão canalizando para as imagens que registram e publicam na *Internet* características de seu mundo, de seu comportamento, de sua forma de se comunicar. Estão construindo a sua própria forma de ver, selecionar, escrever, registrar e divulgar seu mundo através de imagens. A condição de ser jovem atualmente muitas vezes perpassa o fato de ser fotógrafo de si e de seus pares. Canclini (2008, p. 44) diz que:

o celular torna os jovens independentes dos pais, porque estes deixam de saber exatamente onde aqueles estão e o que fazem com seus corpos. Para os jovens, torna-se um recurso para novas experiências corporais e de comunicação. Mais do que a localização, importam as redes. Mesmo sentado, o corpo atravessa fronteiras.

Portanto, uma das formas possíveis de experimentar esse recurso é fotografar e comunicar-se em imagens. O aparelho é multitarefa e, por isso, permite ser utilizado de diferentes formas comunicativas. A fotografia é escolhida como condição privilegiada, já que sem custo e fácil de ser realizada, tendo à disposição um poderoso aliado na divulgação: a *Internet*.

Um encontro de amigos, uma festa de aniversário, um evento da escola, um campeonato de futebol, uma viagem. Esses assuntos sempre foram motivos para fotografar e essa geração continua reconhecendo-os como tais e é possível encontrar registros desses tipos de eventos nos álbuns *on line*. A diferença que se observa é, provavelmente, as poses de algumas fotos, que fogem ao tradicional lado-a-lado, centralizado na foto. Fotos em movimento, fotos de perfil, de costas, deitados no chão, fotos a partir de espelhos ou mesmo o autorretrato – que ficou muito mais fácil de ser realizado com o advento da máquina fotográfica digital. Mas não apenas uma foto: muitas fotos de cada situação, quase imagens repetidas de tão parecidas.

Não é o caso desses jovens pesquisados, pois a existência ou não da pose não importa. Aparentemente não se importam em aparecer naturalmente: às vezes é reconhecível o fotógrafo, porque ele não faz a mínima questão de disfarçar-se, outras vezes não. Em certos momentos o próprio fotógrafo desmonta toda a pose, com seus trejeitos, com sua interpretação. Há uma

intencionalidade velada que procura quebrar esses paradigmas que, se não é totalmente pensado para ser proposital, é pensado enquanto diferenciação da fotografia convencional (IMAGEM 12).

Talvez até por isso as fotos a respeito de eventos sociais sejam minoria no *Orkut* – momentos que, tradicionalmente, são fotografados, como casamentos, aniversários, comemorações diversas. Existem sim, mas não apenas estes. Encontramos muitos álbuns cuja finalidade parece ser o de reafirmar vínculos de amizade, sentimentos de afeição, um vínculo familiar ou de namoro, pois não registram um acontecimento em si, mas um momento junto com alguém. Parece que o simples fato de estar com determinada pessoa ou mesmo animal de estimação enseja a necessidade de registro e posterior divulgação da imagem.

É perceptível também certos momentos de interpretação de si mesmo, como se fingissem que não sabem que estão sendo fotografados, mesmo quando são os próprios fotógrafos ou talvez procurem registrar uma construção idealizada de si durante as fotografias (IMAGEM 13). A tentativa de traduzir em imagens uma brincadeira, um momento de dúvida, um estereótipo de pessoa decidida, alguém “de bem com a vida” ou “em paz consigo mesmo”. Momentos de conforto, de aconchego, de emotividade são registrados. Às vezes esses momentos beiram a erotização, independente do sexo do jovem, pois são representações cujo cenário, em geral, é a própria cama do fotografado ou ainda algum sofá confortável, e cujas vestimentas compõem-se de trajes bem informais, por vezes mínimos ou com decotes e comprimentos sugestivos. Como diz Barthes (1984, p. 27): “Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo julga e aquele de que ele serve para exibir sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não paro de me imitar.”

Nessas imagens o fotógrafo confunde-se com o fotografado e ambos coadunam para compor a imagem que querem mostrar a seus observadores. Há uma linha bastante tênue que separa a foto com roupas do dia-a-dia da foto sensual e com um toque de erotização. A transgressão dessa divisão manifesta-se pela pose escolhida, pela valorização que a escolha do ângulo pode dar a determinada parte do corpo ou ainda através do apelo sensual estampado no rosto fotografado. Essas imagens geralmente são registradas em forma de autorretrato solitário: não há companhia de amigos (as) e o espelho geralmente é o principal aliado na organização do espaço da fotografia cujo objetivo é se autorretratar.

O autorretrato (IMAGEM 14) é característica marcante entre as fotografias publicadas na *Internet*. Aparentemente existe uma necessidade de se ver, seja em espelhos, nos reflexos do

vidro de um carro, da vitrine de uma loja ou até mesmo nas próprias sombras espalhadas pelo chão. Nos dizeres de Fabris (2004, p. 15) “a fotografia constrói uma identidade social, uma identidade padronizada, que desafia, não raro, o conceito de individualidade, permitindo forjar as mais variadas tipologias.”. Parece que os jovens se aperceberam disso e estão procurando construir sua própria identidade.

O autorretrato beira a obsessão para alguns jovens. É evidente que certas fotos foram registradas em sequência, em uma mesma oportunidade, em poses e com trejeitos praticamente idênticos, com as mesmas roupas e acessórios, inúmeras vezes em frente a espelhos e ainda assim essas imagens semelhantes são publicadas lado a lado nos álbuns do *Orkut* mesmo que, aparentemente, não tragam nada de novo.

Há casos em que o autor – geralmente a autora – das fotos se prepara com toda uma produção de figurino e maquiagem, apenas para a realização de uma sessão de autorretratos. Seria algo como um *autobook*: o fotógrafo é também fotografado e produtor das próprias imagens, chegando a ser o finalizador, quando são organizadas em montagens, transformando-se no *agente da fotografia*, como já mencionado na citação de Seligmann-Silva (2010, p. 50), e divulgador, no momento em que as disponibiliza na *Internet*,

Parece que cada jovem faz uma espécie de *marketing* de si mesmo, alardeando talvez um estilo de vida, uma imagem de auto-suficiência vitoriosa e felicidade constante, interpretando como se fosse um ator ou uma atriz com o (a) qual se identifica, ou mesmo algum modelo fotográfico.

Qualquer reunião de amigos enseja momentos que devem ser registrados e entre essas imagens são comuns fotos das sombras dos jovens ali reunidos, ou ainda fotos de seus reflexos em vitrines, em vidros de carros ou qualquer superfície que ofereça algum tipo de reflexo, por mais distorcido que seja. Um dado impressionante é a quantidade de fotos em espelhos de banheiros de restaurantes, bares, casas noturnas e até mesmo de banheiros de escolas. Qualquer ‘visita’ a um novo banheiro é motivo para fotografar e não raras vezes nos deparamos com esse comportamento *in loco* em banheiros de *shopping centers* e de cinemas. Parece ser algo como um ritual necessário que comprove que se esteve em determinado lugar e em companhia de certas pessoas – assunto que retomaremos no capítulo 4, sobre Fotografias na Escola.

Essas fotos fazem, então, parte da organização do diário virtual em imagens chamado “Álbum de fotos do *Orkut*”. Esse tipo de comportamento tornou-se comum e quanto mais

imagens são disseminadas no *Orkut*, mais acesso mútuo todos tem e mais proliferam registros semelhantes, já que a imitação da fotografia alheia também parece ser comum. Cada usuário quer ter seu próprio reflexo fotografado nas posições e nos locais mais diferentes possíveis. O espelho parece ser utilizado como forma de elaborar melhor a cena, como recurso cenográfico ou como uma espécie de montagem prévia da imagem, uma moldura, um autorretrato que não precisa ter seu foco tão diminuído, posto que basta distanciar-se o suficiente e todo um grupo pode ser fotografado em frente ao espelho. Faz parte do próprio estilo do jovem de produzir suas imagens.

Também é fácil encontrar fotos registradas em sala de aula ou em casa utilizando-se do espelho como parte da montagem da foto, como se fossem brincadeiras de refletir e fotografar o que está refletido. São montagens feitas antes mesmo da foto ser registrada: o objeto fotografado já altera a imagem e produz um efeito, oferecendo um novo sentido. Em primeiro plano vemos o espelho ou outro objeto que proporcione reflexo – como um óculos de sol espelhado. Então o que vemos em segundo plano é a imagem da pessoa refletida e ao fundo ainda temos a imagem do cenário onde se desenrola a ação, que pode ainda trazer registros de outras pessoas ou outros objetos, por exemplo, também parte da composição daquela fotografia. (IMAGEM 15)

E o principal cenário dessas imagens são os respectivos lares dos fotografados. Utilizando espelhos portáteis ou grandes espelhos presentes nos quartos, ou ainda espelhos de tamanho mediano presentes nos banheiros das residências, é possível analisar uma grande quantidade de produções, cujos ângulos são semelhantes e nem sempre criativos, posto que, em grande parte, são cópias de fotos já vistas nos álbuns de amigos e de amigos de amigos. Mais de um espelho tende a ser usado simultaneamente, criando um efeito de imagem infinita, trazendo em seu reflexo os traços da pessoa fotografada, partes de seu corpo ou, na maioria das vezes, a imagem de seu rosto. Em alguns casos há a tentativa de esconder a existência da máquina fotográfica. Em outros, ela é explicitamente colocada em primeiro plano, até mesmo utilizando-se do brilho do flash refletido como parte constituinte da composição.

Um dado curioso é que aparentemente não há problemas em fotografar e ser fotografado em um ambiente desarrumado ou até mesmo íntimo da casa – como o banheiro ou o quarto –, em especial nas fotos de autorretrato e nos autorretratos em que aparecem os amigos também, contrariando o uso habitual do cenário nas fotos, que recebe até mesmo uma preparação especial e a escolha da melhor vista para a pose – fotografias de viagens, por exemplo. Como boa parte dos cenários são banheiros de diversos lugares e quartos dos próprios fotografados, canos, portas

e outros componentes do ambiente ficam aparentes para o observador. E ainda assim são imagens expostas em um local tão visualizado como a *Internet*. Por vezes esse registro da *desarrumação* parece ser algo proposital, para exatamente quebrar com a ordem da fotografia tradicional. Em outros momentos, não: simplesmente não importa o que esteja sendo registrado, pois não é importante, não é o foco daquela ação, mas sim a pose. Se espelhos em uma loja de móveis ensejam uma sessão de fotos relâmpago, quão diferentes serão os itens fotografados em plano de fundo? Fogões, geladeiras, eletrodomésticos, entre outros itens.

Talvez a intenção de se fotografar em plena loja de eletrodomésticos – algo que quebra totalmente com o objetivo de ali estar – seja o motor da ação, e não o resultado em si. Até porque as escolhas que envolvem o momento da fotografia fazem parte da *primeira realidade* da imagem fotográfica, como afirma Kossoy (2002, p. 36-37), ou seja, de seu passado, o momento que vincula a fotografia já realizada à realidade do momento de duração infinitesimal em que se dá o registro, o momento em que a fotografia é gerada e gravada dentro da memória da máquina fotográfica digital. A partir do momento em que se tem a imagem imóvel, gravada, observável, ela representa a *segunda realidade* da imagem fotográfica: aquele recorte bidimensional selecionado no espaço e no tempo da *primeira realidade* chamado de *fotografia*, não importando em que suporte apareça. Conforme citação de Vicente (2005, p. 325) verificamos que ele vai ainda além ao que se refere às realidades imbricadas nas fotografias ao dizer que aquelas que são tratadas digitalmente, ou seja, manipuladas de alguma forma, criam uma *terceira realidade* na trama fotográfica, já que alteram, de alguma forma, o registro bidimensional captado e fixado na *segunda realidade*. Assim sendo, os jovens têm criado muitas *terceiras realidades*, ao inserir objetos em suas imagens, modificar o fundo, alterar o brilho e o contraste da imagem, por vezes alterar até as cores presentes e inserir pessoas e objetos que não estavam ali.

Fotografar a própria sombra é outra atividade realizada pelos jovens. Talvez por que o efeito seja interessante, em especial nos momentos em que a sombra parece “alongada”, não raras vezes é encontrada essa temática. O grupo reunido, “amontoado” faz gestos, acena e clica. Não se escolhe terreno – pode ser uma calçada de cimento ou um espaço de terra vermelha – a impressão que se tem é que se observa a disposição das sombras, define-se que a imagem resultante poderá ser interessante, *legal* e fotografa-se. É perceptível que não há uma escolha por cenários que poderiam ser considerados convencionalmente como *belos*, ou seja, para o jovem isso não é relevante. Invariavelmente essas imagens vão parar no *Orkut* e se transformam em inspiração

para outros grupos de jovens realizarem suas próprias fotografias com sombras e de sombras. É tanto uma brincadeira com a sombra – falta de luz – quanto com a imagem que acaba escondendo mais do que mostrando aquilo que origina a sombra que foi fotografada: as pessoas ali presentes (IMAGEM 16).

Por último, ainda tratando-se de fotografias de reflexo, podem ser encontradas imagens dos próprios reflexos registradas a partir de vidros de carros ocasionalmente estacionados nas vias públicas. Não são encontradas em profusão, possivelmente porque o efeito não é nítido, ou seja, perdem-se as características do autorretrato, pois a imagem torna-se escura, turva, distorcida de fato, dependendo da visibilidade do *insulfime* do vidro do carro em questão. Ainda assim o efeito é interessante, para aqueles que a realizam: é como se fosse uma nova fotografia de sombras, com efeito fantasmagórico e luminoso ao mesmo tempo, registrando-se as pessoas e o interior do carro ao mesmo tempo, além dos reflexos no vidro, transformando a imagem em uma fotografia com várias camadas a ser observadas (IMAGEM 17).

No que se refere à fotografia com outras pessoas, é difícil separar o que é autorretrato e fotografia dos outros. O mais comum é se fotografar juntamente com os amigos, com os parentes, com o namorado (a). Aparentemente não existe mais a necessidade de haver um fotógrafo, já que com o auxílio de um espelho pode-se fotografar um grupo todo, incluindo o fotógrafo. Ou, quando são apenas duas pessoas, basta esticar o braço e tentar enquadrar-se com a outra pessoa da melhor maneira possível. Se a experiência não der certo, é só apagar e tentar novamente.

Nesse quesito, não somente as amizades atuais são celebradas. As pessoas importantes que um dia fizeram parte da trajetória desses jovens por vezes estão presentes (com exceção de ex-namorados (as)) no conjunto de fotos exibidos em seus álbuns virtuais. Às vezes encontram-se fotos de infância em companhia dos primos, dos pais, dos avós e até mesmo de ex-professores. São fotos que foram digitalizadas para fazer parte desses álbuns virtuais, já que esses jovens nasceram na idade da fotografia analógica e apenas agora estão se aprimorando na manipulação da fotografia digital. A digitalização de suas principais fotografias pode trazer luz a uma pequena parte do passado imagético de cada jovem, mesmo que sejam em pequeno número, se comparado com a profusão de imagens que registram cotidianamente.

Com os namorados e namoradas as fotografias retratam o trivial: beijos, abraços, mãos dadas e cenas românticas tão bem documentadas por filmes e fotografias que fazem parte de nosso imaginário. As caracterizações aparecem às vezes em algum ângulo diferente, no foco em

algum detalhe específico – como as mãos entrelaçadas – ou no recurso utilizado de sépia ou preto e branco²⁷. Ainda assim, sem grandes novidades, são imagens que reforçam o sentimento presente, várias vezes acompanhadas por frases e mensagens amorosas, sendo mantidas nos respectivos álbuns *on line* enquanto o relacionamento durar, demonstrando que mais de um vínculo afetivo é possível: temos o amor de amigo e o amor romântico, além do amor familiar. Essas imagens existem como que para dizer aos outros que se ama, quem se ama e porquê. Servem quase como uma propaganda da felicidade que o casal vivencia, seus momentos de ternura e de afeto, como em um romance novelesco eternamente feliz. É uma representação da própria relação amorosa, como se fosse perfeita, livre de atritos e comoções. Nada que não seja alegria tem lugar no álbum virtual individual dos jovens, atitude que não é diferente dos álbuns de família antigos, conforme explica Leite (2005. p. 37) ao dizer que “todo poder opressor da família é reprimido, sendo mesmo descartadas dos álbuns de família as fotos de pais violentos, crianças choronas e casais em litígio”.

Dentre os sentimentos expostos é possível perceber que o mais comum é a reafirmação da amizade: declarações de amor-amigo, palavras de afeto, mensagens autoralmente escritas ou transcritas de outras mensagens e de poemas são utilizadas para compor algumas dessas imagens.

As que mais chamam a atenção são aquelas que não possuem elementos inseridos digitalmente, tais como nomes ou molduras, os quais podem distrair a atenção do observador apenas para esses detalhes, deixando de lado a percepção da carga emotiva que está presente no momento registrado. Nessas imagens que não possuem manipulação digital podemos perceber mais nitidamente que a proximidade entre os fotografados é o que representa o grau de amizade e amor que os une, ou seja, o quão grande é a proximidade que querem deixar evidente, o quão importante aquele momento e aquelas pessoas são para dividirem aquele espaço e aquele registro. Todos se abraçam fortemente, se amontoam em frente à lente, organizam poses, interpretam a si mesmos esperando o disparar do flash. Outras vezes são as mãos que estão unidas, ou ainda os pés. Formam mosaicos ou posicionam-se lado a lado, reforçando a proximidade. Desenham círculos, estrelas e corações: sentimento sempre presente. Imagem que diz e reforça o que palavras banalizam? Uma possibilidade. Amor e amor: parece que os jovens amam muito, amam todos e escrevem muito “eu te amo”, ainda que nas malhas da virtualidade. Imagens que amam? O sorriso, a alegria e a espontaneidade estão presentes na maioria dos registros, talvez como

²⁷ Sépia e preto e branco: funcionalidades da maioria das câmeras fotográficas digitais.

forma de afirmar-se como sinônimo de amizade feliz. Ou de que a verdadeira felicidade é ter amigos e estar entre eles, vivenciando momentos ternos independente do ambiente em que estiverem presentes.

Qualquer ambiente freqüentado pelos jovens transforma-se em cenário para esse tipo de fotografia: a igreja, a escola, o restaurante, o passeio público, o parque infantil, suas próprias residências, momentos festivos em lugares diversos ou simples momentos de conversa e bate-papo. O importante é registrar a reunião daquele grupo especial e seletivo, comprovando que tal momento de felicidade existiu, foi registrado e a partir de então faz parte da história de vida de cada participante, da construção de sua individualidade e de seu álbum de fotos virtual. Atividade realizada e registrada é atividade disponibilizada *on line* para compartilhamento com seus amigos virtuais, que, em sua maioria, são os mesmos amigos reais e que provavelmente registraram suas próprias fotos do encontro e também as disponibilizarão *on line*. Álbuns virtuais de amigos tendem a ser bastante parecidos e com estilos de fotos semelhantes, utilização de recursos semelhantes, ainda que não disponibilizem as mesmas fotos. Tais imagens, junto aos amigos, tendem a ter uma durabilidade maior, nos álbuns do *Orkut*, do que as de autorretrato.

Todo suporte físico também se transforma em declaração de amor-amizade: a lousa, folhas do caderno, pedaços de papel, a própria fotografia digitalizada. E são fotografadas e refotografadas. São organizadas em montagens-homenagens. Cada montagem pode ser endereçada a um de seus amigos: várias fotos registradas dele (a) ou com ele (a) são organizadas como um mosaico de forma a evidenciar algum aspecto em particular, relembrar algum evento ou dia importante, com acréscimo de declarações de amor escritas ou não. Raramente namorados (as) e familiares recebem tais declarações de afeto. É necessário reforçar o vínculo da amizade por algum motivo, como se o laço pudesse desfazer-se se não cultivá-lo com frequência. Aparentemente o laço familiar é mais forte, por isso não há necessidade de retomá-lo tantas vezes, podendo-se dizer o mesmo do laço amoroso, quando este existe. Talvez seja mais fácil cultivar este último pessoalmente do que através de um *website*, por isso a temática fique quase esquecida. Portanto, é possível que à amizade reste o laço virtual como forma de manutenção da relação, para que não deixe de existir e para que o vínculo permaneça, mesmo que à distância ou com outros objetivos concomitantes que exijam maior dedicação momentânea.

Essas declarações de afeto podem até mesmo ser organizadas em álbuns-homenagens: todas as fotos de determinado álbum são uma espécie de homenagem àquele (a) amigo (a). Então

montagens se misturam a frases e a mensagens escritas de forma a deixar bastante claro as intenções de declarar amizade e admiração ao homenageado, mesclando fotos deste e do fotógrafo, que geralmente se registra ao lado de seu escolhido. É o autorretrato mesclado com a dedicatória e com a fotografia do homenageado. Mensagens podem ser transcritas e superpostas a fotografias recentes ou mesmo antigas, desde que sigam o tema: declarar seu afeto ao amigo em questão.

Essas montagens são de variados estilos, formas, cores, apresentações e derivadas de diferentes softwares ou *sites*, criadas em profusão, utilizando-se das possivelmente consideradas, pelos próprios autores, como as melhores fotografias de uma sessão.

Cada fotomontagem (ou sequência de fotomontagens) é baseada em um tema gerador: uma pessoa, um evento, uma viagem, um momento. Assim como em álbuns de casamento, são utilizadas para acrescentar detalhes do local – uma fotomontagem da decoração ou das fotografias com padrinhos –, mas não apenas assim.

Existe a montagem tradicional: escolhe-se uma foto registrada por outra pessoa e esta é alterada, acrescentando-se outra ou outras pessoas. Esta forma de montagem até está presente no *Orkut*, mas é rara, pois é trabalhosa de ser feita e os resultados podem ficar aquém do esperado. Há *sites* que já oferecem a matriz pronta, sendo necessário apenas *upar* a foto do usuário e logo que o processo termina é possível visualizar-se ao lado de Gisele Bündchen ou de David Beckham, por exemplo. Não é o tipo de montagem realizada pelos jovens observados nessa pesquisa.

Outra função disponível em vários *sites* é colocar molduras e detalhes, tais como estrelas e corações. É possível ver exemplos e conseguir instruções de como fazer. Outras possibilidades de montagens já pré-fabricadas também existem, sendo necessário apenas seguir o mesmo procedimento de *upar* a foto para que o efeito seja inserido: uma simulação de sua foto é colocada em um *banner* gigante pendurado em um prédio (IMAGEM 18), ou nos destaques do jornal nacional, como arte em uma galeria, sendo grafitado em um muro, montado como um quebra-cabeças ou desenhado por mãos habilidosas em folhas de sulfite na forma de uma caricatura.

Atualmente há até celulares que vêm com opções de montagens pré-fabricadas, sendo necessário apenas ajustar o foco na pessoa em questão e registrar: a fotografia já está acrescida de detalhes ou molduras antes mesmo de ser realizada.

Mas os efeitos mais utilizados nas fotos analisadas são aqueles criados individualmente a partir das funcionalidades disponíveis em softwares instalados nos computadores dos usuários, como *Picasa* ou *Photo Shop*. É praticamente um consenso entre os jovens que as manipulam que toda montagem deve ter uma moldura bem definida, cuja cor combine com as cores presentes nas imagens que serão utilizadas. Essa característica é bem evidente, principalmente porque inúmeros efeitos são utilizados nessas molduras, como por exemplo, para que fiquem semelhantes a facho de luz ou ainda com um *dégradé* multicolor.

Quando é apenas uma foto o objeto de trabalho, além da moldura são acrescentados detalhes, desenhos, imagens diversas, por sobre a foto, podendo modificar até mesmo os rostos, os corpos das pessoas retratadas, acrescentado cores nas vestimentas ou ainda maquiagem ou outros detalhes, como nariz de palhaço ou uma tatuagem falsa. Luzes, flores, borboletas, pássaros: detalhes que acrescentam leveza, beleza, excesso, peso às imagens. Escolhas relacionadas à pessoa retratada e ao tipo de homenagem que se quer fazer. Retrato dos pais: pode ser um coração. Retrato de uma criança: podem ser flores, borboletas. Retrato de uma amiga: talvez estrelas (IMAGEM 19).

O tipo de fotomontagem mais comum e mais fácil de ser feita é o mosaico. São escolhidas diversas fotos a respeito do tema gerador e procura-se encaixá-las como em um quebra-cabeças com peças de tamanhos diferentes. Quatro fotos ou vinte, não importa a quantidade, depende apenas de como o usuário a quer. Não há regra. Várias fotos do mesmo evento ou da mesma pessoa, diferenciadas por detalhes, formas de expressar-se, uma leve modificação de posição, um quase nada que se destaca e determina a escolha da imagem para ser parte constituinte do mosaico (IMAGEM 20).

Mosaicos de amigos, amigas, um amigo especial, uma amiga especial, do namorado, da namorada, da família, da festa de aniversário, da balada de sábado, da escola, de um dia de solidão. Vários são os temas escolhidos para transformarem-se em montagens, utilizando-se de técnicas parecidas para organizá-las e criando, aprimorando sua forma de expressão ao elaborar cada uma delas.

São fotos que contam histórias, registram eventos de forma semelhante. São tantas e tão parecidas e seqüenciadas que seria possível, em alguns casos, reconstituir, apenas por observá-las atentamente, alguns dos acontecimentos que retratam passo a passo. É um personagem principal rodeado de coadjuvantes em diversas cenas. O começo, meio e fim da festa surpresa, da balada,

da reunião de amigos. Tudo devidamente fotografado e organizado em forma de montagens, algumas vezes brincando com a sequência em que os eventos aconteceram dentro da mesma montagem. Nesse ponto, são poucas as vezes que trazem alguma inovação, como no caso da subversão do tempo dentro da imagem. Em sua maioria, mais parecem cópias de montagens já realizadas por colegas e que foram vistas nos perfis do *Orkut* de terceiros.

Outro estilo de montagem utilizado de forma frequente é a que imita uma película de filme, com fotos sequenciadas na horizontal ou na vertical. Sua temática, assim como em outros casos, se mantém relacionada a amizades ou autorretratos, que se diferem por detalhes, ou seja, fotos registradas em um curto espaço de tempo, no mesmo local e com as mesmas roupas e maquiagem. Também aparecem como moldura de outras fotos principais, na lateral ou na horizontal desta. Versam sempre sobre a temática principal e acrescentam informações ao observador, novos ângulos, novos olhares sobre o mesmo assunto ou pessoa, com poucas variações de ângulo e posicionamento do fotografado. Novamente a repetitividade pode torná-las cansativas de observar e correm o risco de não conseguir manter o interesse do observador por serem parecidas. Não é interessante observar imagens que mostrem a mesma pessoa em um mesmo lugar, utilizando as mesmas roupas e que, por vezes, não mostra senão uma parte do corpo, ou do rosto, ou ainda um detalhe. Poucas montagens nesse estilo conseguem realmente trazer algo interessante de ser observado (IMAGEM 21).

Há ainda as fotomontagens que são homenagens ou agradecimentos. É possível montar cartões de natal, aniversário, dia das mães e dos namorados, bem como com a finalidade de realizar declarações de amor e de amizade. Apresentações em Power Point transformam-se em fotomontagens, e recebem uma camada de texto, transformando-se em declarações de sentimentos publicadas nas malhas da *Internet*. Nesse tipo de montagem a ideia é realmente manter-se no trivial da temática, portanto a semelhança com outros tipos de montagens não é um defeito, mas um efeito esperado, já que trata de datas comemorativas como *dia das mães* e *dia dos namorados* (IMAGEM 22).

2.1 – Fotografia e Textos

Texto e foto têm sido recursos bastante utilizados juntos para se registrar um recado, deixar um bilhete, publicar um texto de recordação e afirmação sobre sentimentos. Parece uma

nova versão dos cadernos de recordações que as meninas tinham há dez, quinze anos: era comum cada garota ter seu caderno de “recordações” no qual eram escritos versos, pensamentos e bilhetes de amizade por parte de suas amigas, amigos e até mesmo primos e primas. Ali se encontravam poemas e mensagens, geralmente sobre os mesmos temas utilizados pelos jovens da atualidade em seus álbuns de fotografia *on line*: amor e amizade. Fotos também eram utilizadas nesses cadernos, mas não em tão grande quantidade, obviamente, pois o custo não o permitia. O interessante é perceber que o suporte pode ter sido alterado, mas a temática é a mesma comum a essa idade.

O mesmo pode ser dito com relação ao diário ou agenda que as meninas, principalmente, gostavam de manter. Era possível acrescentar detalhes de seu dia, lembranças, adesivos, papéis, embalagens, etiquetas, entradas de cinema ou quaisquer materiais que lembrassem algo ou alguém relacionado àquele dia. Atualmente podemos perceber que esse papel é desempenhado por diversas comunidades virtuais ou ainda *sites* – se levarmos em conta que a idéia dos *blogs* era, inicialmente, a de ser um diário *on line*. Sobre esses novos usos da linguagem, Soares (2002, p. 146) diz que

(...) estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a *Internet*. É, assim, um momento privilegiado para (...) captar o *estado ou condição* que estão instituindo.

Talvez o *Twitter* esteja sendo utilizado mais como um diário escrito e como local de divulgação das notícias do dia a dia e o *Orkut* como a ilustração desse diário, no qual se pode introduzir imagens enfeitadas, montadas, recortadas e excluí-las, ordená-las, tanto a própria como a de outras pessoas, acrescentando imagens que nem sempre são próprias – como fotografias de ídolos, de parentes e amigos, de desenhos animados ou personagens de videogame – mas que deixam pistas sobre a personalidade e gostos do usuário, e as modificações dessa personalidade, as experiências, as conquistas que estão sendo angariadas dia após dia, como em um videogame da própria vida. As linguagens visual e escrita se interpenetram, constituindo um tipo de texto polissêmico, a partir do qual diversas leituras são possíveis, mobilizando diversas formas de leitura para sua decodificação. Importante notar ainda que as fotomontagens são uma atividade predominantemente feminina, assim como os diários e cadernos de recordações o eram também, principalmente as que declaram sentimentos.

Com relação a essa motivação ser basicamente feminina, talvez não seja tão imprevisível assim. Segundo Leite (2005, p. 38):

Fixar as fotografias, avaliá-las e distribuí-las é papel feminino. Desde muito jovens, as mulheres são atraídas por espelhos, que lhes devolvem a imagem, que é comparada ao ideal dominante amplamente divulgado pela mídia. Já a fotografia se oferece como registro do que o espelho vê, a oportunidade de ver e saber como os outros nos veem e como éramos quando não tinha ainda havido ausências, nem separações.

Ainda segundo a autora, as mulheres sempre foram vistas como as guardiãs da história da família, garantindo a documentação para as genealogias e divulgando essas imagens o quanto lhes era possível. O presente trabalho vem comprovar que esse ainda é um papel predominantemente feminino entre os jovens pesquisados, mesmo depois de tantos anos da existência e da utilização da fotografia, é perceptível que a maioria dos perfis do *Orkut* com mais de cem fotos pertencem a mulheres. Entre os 25 jovens observados para a pesquisa, desde o início, apenas quatro homens participaram do corpus. Destes, apenas três mantiveram-se até o final produzindo fotografias. Não é que eu não tenha ex-alunos do sexo masculino como participantes de meu perfil do *Orkut*: eles apenas não publicam muitas fotos. Já entre as jovens, é difícil encontrar uma que possua menos de 100 fotografias em seu álbum de fotos.

Os álbuns e respectivos perfis do *Orkut* são construídos como se fossem um cartão de visitas virtual do usuário e para saber quem ele é, basta acessar sua página do *Orkut*. Essas são as informações que as fotos trazem como se fossem um diário visual ou um álbum de figurinhas *on line* a respeito da vida das pessoas, sempre atualizado, bastando tê-las como amigas, ainda que atualmente o contato seja esparso ou inexistente. E a qualquer momento é possível interagir com qualquer usuário escrevendo mensagens e comentários a respeito das imagens colocadas e a respeito das frases escritas. Cada fotografia equivale a um adesivo, um papel de bala ou bombom que era colado nos diários ou agendas e cada comentário escrito pelos amigos equivale a uma recordação deixada no caderno de recordações, só que com velocidade, diversidade e interatividade muito maior, pois as possibilidades de se responder, de se registrar e reenviar cada imagem e cada comentário é proporcional a rapidez com que o próprio usuário atualiza sua página de perfil. A forma atual de registrar o próprio cotidiano é muito mais visual do que escrita, já que é muito fácil produzir as próprias imagens. Soares (2002, p. 149) afirma que “cada tecnologia corresponde um espaço de escrita diferente”. Sendo assim, as formas de se expressar através da *Internet* realmente requerem práticas de escrita diferenciadas das utilizadas em outras

oportunidades. Em um ambiente tão visual, como o ciberespaço, a fotografia é uma forma coerente de expressão, até mesmo enriquecida com textos verbais acoplados à imagem.

Mesmo analisando as mudanças ocorridas nas formas de comunicação entre os jovens e as que estão em processo, podemos perceber que as formas de declarar sentimentos podem até sofrer alterações, mas continuam existindo, em suportes diferentes, é verdade, mas mantendo-se como temática preponderante.

No anexo II podemos analisar alguns exemplos de textos presentes em fotomontagens que se utilizam do recurso de sobrepor algum tipo de texto a uma ou várias imagens. Na maioria dos casos, duas ou quatro fotos são colocadas justapostas e o texto é centralizado de forma a ocupar boa parte de todas as fotos. É escolhida uma cor que o destaque e uma fonte que seja leve, geralmente com toque manuscrita. Por vezes a cor da fonte atrapalha a leitura da mensagem, pois, na tentativa de escolher uma cor que se destaque, ela torna a mensagem ilegível. É perceptível também que a quantidade de montagens que trazem o tema “amizade” é muito maior do que as que trazem o tema “amor” – até mesmo nestes sete exemplos escolhidos, entre os quais apenas um é de cunho amoroso.

A autoria dos textos utilizados não é evidente. Alguns são mensagens comumente utilizadas na *Internet* em *sites* ou *e-mails corrente*, ou ainda em outras fotografias e fotomontagens do *Orkut* a que os usuários tiveram acesso. Outros são produções do próprio criador da fotomontagem, mas raramente são assinadas. Ideias próprias misturam-se a ideias difundidas na web e cada usuário utiliza e modifica influências, criando e copiando fórmulas, cada vez misturando mais os produtos e as fontes de criação visual e textual. Difícil é localizar a fonte de inspiração inicial, já que todos observam a todos e reutilizam ideias visitadas em inúmeras páginas diferentes, sejam *sites*, *blogs* ou páginas pessoais alocadas em comunidades virtuais, mas sempre inspiradas em produtos já presentes no *Orkut* e não em fotógrafos balizados.

Uma *foto-texto-montagem* é uma declaração pública, espécie de cartaz *on line*, a respeito de sentimentos e opiniões relacionadas a determinada pessoa. É possível procurar a definição de “amizade” ou de “amor”, no melhor estilo “Amar é...” ou “Amiga é aquela que...” como nos exemplos 1 e 3. Esses são indícios de mensagens já conhecidas do meio cibernético e não autorais daquele usuário específico: ele está apenas adaptando-as para seu uso naquele momento por julgar que tais palavras se encaixam na situação que vivencia (IMAGEM 23).

Trechos de músicas também são bastante utilizados (texto 2 – IMAGEM 24), e assim é possível mais uma vez lembrar da semelhança com os já citados “cadernos de recordações” utilizados pelos jovens antecessores da era digital: músicas também sempre foram muito utilizadas para transmitir recados, ideias e ideais, difundir emoções e trazer sentimentos a público. Portanto músicas continuam sendo influências importantes para os jovens, ainda que o suporte para difusão seja outro.

Recursos típicos de textos da *Internet* são constantes nessas mensagens, como pode ser observado nos textos 2 e 3 a utilização de caixa alta para destacar trechos considerados importantes, chegando a alterar a grafia (ELLA – IMAGEM 25) para demonstrar a gradação de importância atribuída ao destinatário daquela mensagem ou ainda recursos gráficos típicos do meio *on line*, os chamados *emoticons*, que seriam ícones expressivos que sugerem emoções ou ações, como um sorriso - :) ou olhos brilhantes - *_*, entre outros recursos (IMAGEM 26).

Mesmo sendo possível notar a utilização desses recursos emotivos próprios da linguagem escrita na *Internet*, é perceptível que nos textos presentes em fotomontagens não existem tantas alterações de escrita derivadas do chamado *Internetês*, o qual apresenta muitas abreviações de palavras de acordo com a sua fonética (KD = cadê) ou com a utilização de siglas (BF = Best Friend; tb = também). As mensagens utilizadas em conjunto a fotografias têm a intenção de se apresentarem como poemas, músicas ou trechos de prosa poética, portanto os usuários conseguem reconhecer que é necessário a utilização de uma linguagem mais detalhada e de vocabulário rico, não tão vinculada à oralidade e a rapidez das mensagens trocadas via msn ou mensagens de celular. As fotomontagens detêm um caráter um pouco mais perene na virtualidade: textos que são elaborados para serem publicados e mantidos *on line* por um pouco mais de tempo do que as conversas em tempo real. Estas são efêmeras, representações do momento. Aquelas são feitas para declararem sentimentos importantes, como em uma propaganda das pessoas amadas e da própria capacidade de amar e por isso tendem a durar um pouco mais de tempo publicadas nos álbuns de fotografia *on line*, até mesmo porque o usuário dedicou uma parcela significativa de seu tempo para realizá-la e não irá destruí-la tão rapidamente.

Um dado curioso é o pequeno número de fotomontagens dedicadas aos namorados e namoradas. O que mais se encontra é um tímido “Eu te amo” escrito em alguma parte da fotografia do ser (que se diz) amado. Poucas montagens amorosas virtuais são encontradas, e uma

delas é a exemplificada no texto 7 do referido anexo. É uma declaração que parece ser de cunho pessoal, realmente escrita pela autora da montagem e não copiada de outra mensagem ou de outro *site* da rede. É escrito como se fosse uma poesia de versos livres, sem necessidade de rima, mas com tema lírico, já que fala de amor. Traz poucas características da escrita da *Internet*: apenas o excesso de pontos de exclamação e reticências, o “teh” de “te amo” e o emoticon <3 como finalização do texto, ao invés de ponto-final ou outro tipo de pontuação.

Existem até mesmo espécies de fotografias que são auto-homenagens. Vários jovens, em especial as mulheres, produzem-se unicamente para se fotografarem, como um passatempo. E também se fotografam antes de sair, quando estão perfeitamente arrumados para um evento. Constroem até mesmo fotomontagens com suas próprias fotos, numa espécie de sessão das melhores poses.

Cada jovem procura criar seu estilo e seguir seu modelo de registro. Assim, descobre-se em qual ângulo, com qual efeito, em que posição, se sorrindo ou não, com qual arrumação de cabelo e que estilo de roupa sente-se mais bonito (a) e, dessa forma, repetem o ato de fotografar-se quantas vezes se julgar necessário. Não há limitação de tempo, não há preocupação com desperdício do material. É só mirar e apertar o botão, verificar o resultado, manter o registro até que se possa analisá-lo com maior critério no computador ou apagá-lo, se é decidido que o processo falhou (IMAGEM 27).

A família também merece álbum próprio de destaque no universo *on line*, em especial as crianças e bebês recém-nascidos. Momentos íntimos, de festas e comemorações, ao lado de fotografias que retratam os membros da família em situações cotidianas, com a finalidade possível de registrar e documentar a existência daqueles membros. Por vezes montagens também são realizadas, momentos e pessoas são justapostas, de forma a quase contar uma história em imagens: narrativas de um aniversário, de um casamento, de uma festa de final de ano. A característica de se posicionar bem juntinho, aglomerados, também se faz presente nas fotos familiares, mas com poucas inovações de ângulos e poses. Estar junto é algo natural para a família feliz, ou para a construção dessa imagem de família feliz, por isso o aglomeramento deve querer menos inovar e mais manter a tradição, com a finalidade de mostrar o que aconteceu sem interpretações inusitadas ou cortes bruscos (IMAGEM 28). Leite (2005, p. 38) afirma que:

Ao fixar instantes, garante-se a permanência de condições consideradas “inesquecíveis”, apesar de necessitarem dos registros, que por sua vez, são sempre construídas (pelo fotógrafo, pelos fotografados ou pelo contexto em que figurará a foto). Não passam de traços da aparência captada pelo olhar, como disse John Berger, (1977) de momentos de

solidariedade familiar em que os indivíduos se transformam em seus papéis sociais – a noiva, a mãe, os filhos, os netos, e as situações se conformam às convenções artísticas e expressivas da ideologia de família. Hoje se quer retratos naturais e sem poses, na tentativa de captar novamente a realidade.

Ainda assim, parece que mesmo no *Orkut* predomina a fotografia tradicional, tipo “Álbum de Família”, cuja função é registrar e arquivar momentos importantes, além de ser suporte da memória. É aquela imagem feita para que cada um se reconheça nela e interprete seu papel de mãe, filho, irmão, esposo, dentro daquele agrupamento, como mencionado por Leite.

Ainda segundo a autora, o que “aprofunda e amplia essa compreensão é o processamento no inconsciente de imagens”, ou seja, nessa busca que cada observador trava em procurar sua relação e a imagem observada. É preciso que todos estejam lá, e nem sempre será possível registrar muitas fotos do mesmo agrupamento, pois é preciso ser ágil para fotografar o maior número de pessoas possíveis, para que depois sejam expostas em seus álbuns virtuais, compartilhadas e observadas por todos os que quiserem se ver ou ver quem estava presente na reunião. Talvez exatamente por essa necessidade de rapidez ao realizar o registro é que as fotos de familiares apostem nas poses consagradamente tradicionais e, conseqüentemente, mais fáceis de organizar. Sendo assim, percebe-se que com relação a essa temática, o uso da fotografia realizado pelos jovens continua sendo o mais tradicional possível, mantendo-se o que sempre se conheceu como “Álbum de Família”: a fotografia em seu caráter indicial, um dos primeiros usos da fotografia a existir proporcionando a confecção dos retratos de família, conforme já citado (LEITE: 1998, p. 28), o qual desde os primórdios da fotografia se alastrou pelas diferentes camadas sociais. As possibilidades do pós-fotográfico não são importantes na confecção dos álbuns de família dos jovens, uma vez que este não é efêmero e descartável, pois continua cumprindo o mesmo papel de registrar os *momentos de solidariedade familiar em que os indivíduos se transformam em seus papéis sociais*, conforme sinalizada a autora supracitada.

No início dessa pesquisa os jovens observados tinham em média 14 – 15 anos e as *Fotos de Família* não apareciam em seus álbuns *on line* em absoluto. Conforme a idade deles foi aumentando, esse tipo de imagem começou a aparecer. Atualmente eles têm em média 17-18 anos e cerca de 2/3 possui fotografias de sua família publicadas em sua página do *Orkut*. Ainda assim, é grande o número de jovens que não possui nenhuma referência aos seus familiares a partir das fotografias que publica.

É interessante notar a atual possibilidade dos registros dessas fotos pertencerem de fato às famílias, e não ao fotógrafo que era contratado para registrar reuniões familiares. Nas fotos antigas de família, os ricos escolhiam como queriam ser retratados, como é o caso da Rainha Vitória, que sempre quis ser retratada como rainha e mãe, e não como governante (Leite, 2005, p. 37). As famílias menos abastadas seguiam apenas o padrão determinado pelos fotógrafos, o que não mais ocorre agora. Pode-se ainda seguir um determinado estereótipo, se assim escolher-se, mas não necessariamente a foto de família terá essa homogeneização de registro, já que cada jovem autor/possuidor/manipulador de uma máquina digital estabelece as formas como quer fotografar seus pares e pós-produzirá-as para colocar na *Internet*. Portanto, entre as fotografias observadas dentro dessa temática a maioria foi registrada durante algum evento familiar – casamento, aniversário – ou reunião de família. Nem sempre há a necessidade da pose, mas sim do “estar junto”, do “abraço coletivo”. Também é perceptível que as fotografias são registradas em sequência, abarcando o conjunto de pessoas presentes naquela comemoração naquele dia, como se ninguém pudesse “faltar” no registro do acontecimento, novamente se encaixando no que diz Leite a respeito do registro dos momentos *inesquecíveis, apesar de precisarem de registros*.

Além desses temas vinculados ao registro das imagens também é bastante frequente o uso do efeito preto e branco. Os assuntos até aqui mencionados não são estanques, ou seja, uma montagem pode ser apenas com fotos em preto e branco e ser uma homenagem à mãe ou ao namorado, tudo ao mesmo tempo. Uma sessão de autorretratos pode ser só em preto e branco, ou mesmo de fotos dos amigos, ou ainda ter a mistura de textos e fotos. São todos efeitos recorrentes e usos constantes do equipamento e da manipulação posterior ao registro. Com relação às fotos em preto e branco, é perceptível que são as preferidas para as manipulações digitais, pois detalhes coloridos harmonizam-se bem, principalmente em se tratando de textos coloridos inseridos sobre as imagens.

Ainda assim é possível encontrar fotos em preto e branco que não sofreram nenhum tipo de manipulação. Mas trata-se de uma escolha legítima, posto que é necessário alterar a configuração da câmera para essa finalidade, ou seja, o autor (ou autora) da foto quis trabalhar com esse efeito e isso faz toda a diferença, já que nenhuma escolha é banal quando se está construindo sua forma de trabalhar com imagens. A construção de sentido é algo realizado passo

a passo de forma independente, e, mesmo que inspirado em outrem, o efeito será diverso (IMAGEM 29).

Dessa forma, se por um lado, nas fotografias de família, a linguagem fotográfica utilizada pelos jovens aproxima-se da convencionalmente utilizada nos retratos de família, por outro, essas mesmas imagens podem ser utilizadas para a organização de montagens, sendo recortadas, tendo acréscimos de objetos, alterações de cores e de traços característicos do momento do registro, resultando em agrupamentos de montagens organizadas em álbuns específicos.

Essa linguagem fragmentada e descontínua dirigida para e pela juventude não é novidade, pois já é utilizada há tempos pelo videoclipe e pelos comerciais de televisão. Rushkoff (apud CAPPARELLI, 2002, p. 142) afirma que “as mídias descontínuas não são a exceção, mas a regra para os jovens, com os eventos quebrados em seus componentes, quadro por quadro” e dessa forma “adotaram uma filosofia social muito diferente de seus predecessores. Eles não trabalham para recombinar ou reduzir o fluxo da mídia em uma imagem coerente e unificada”. Dessa forma, nem sempre os jovens trabalham de forma linear com suas fotografias, mas constroem-se fragmentariamente, em movimentos repetitivos e de idas e voltas, retrocessos e avanços pequenos, mas perceptíveis. Provavelmente seja por isso que existam tantas fotos semelhantes e que mesmo assim são publicadas: pode ser um processo de seleção que se verificará no contato com os observadores *on line*, numa espécie de medição do que será mais comentado por eles. Talvez por isso existam tantas imagens recortadas, reagrupadas, montadas, apenas de partes dos próprios corpos: uma análise acurada da melhor pose, do melhor plano de trabalho, aumentado e registrado passo a passo, parte a parte, já exibido ao crivo dos observadores do *Orkut*, como forma de reelaborar a própria produção. Se visto sob esse ponto de vista, não será estranha a postagem de 150 fotos e logo em seguida, no dia posterior ou mesmo horas depois, ser decidido que é melhor retirá-las todas do próprio Álbum. Por algum motivo, talvez definido pela interação *on line*, ou por motivos *off line* mesmo, não foi uma boa ideia tornar público aquele conjunto de fotos.

Portanto, para determinado conjunto das fotos dos jovens é possível concordar com Santaella (2003, p. 92) quando nos informa que essa negociação entre o humano e o maquínico se processa por meio de uma nova linguagem, um sistema interativo configurado através de uma sintaxe a-linear interativa tecida de nós e conexões que é chamada de hipertexto e hipermídia. A produção dos jovens segue essa sintaxe tanto na forma de armazenagem e publicação das

fotografias *on line* quanto no ato de visitar outros álbuns e tentar copiar, reproduzir o efeito adquirido por outrem e inspirar-se para realizar novas experiências tanto com o equipamento quanto em termos de manipulação digital da fotografia já registrada. Turkle (apud CAPPARELLI, 2002, p. 142) vem denominado essa linguagem híbrida de *triumfo da bricolagem*, segundo a teoria de Claude Lévi-Strauss que contrastava a ciência analítica ocidental com a ciência associativa das sociedades não ocidentais:

Essas pessoas agem por analogia, solucionam problemas que não avançam como um desenho de cima para baixo, mas classificando e reclassificando um conjunto de materiais muito conhecidos, podendo se dizer que praticam a bricolagem. Tendem a tentar algo, reconsideram e tentam outra coisa

Por outro lado, como observado a respeito das fotografias de família, ainda há um uso bastante tradicional da fotografia como registro do momento. Então podemos dizer que os usos da fotografia se intercalam e se misturam nos *Álbuns on line*. Ainda há bastante o uso do que se considera convencional, em se tratando do registro das imagens, sendo apenas a forma de disponibilizá-las e observá-las a novidade, posto que muito mais interativo. E, em outros momentos, há a mistura do autorretrato, da fotografia enquanto expressão de si. Nesses momentos há a tentativa da subversão da fotografia tradicional, com recortes, ângulos, manipulações, sobreposições, sendo então os *bricoleurs*: utilizam-se do convencional e criam sua montagem, seu recorte, procuram seu melhor ângulo, sua melhor pose, fazem uma declaração de amor, uma homenagem a alguém, de acordo com as necessidades, interesses, conhecimentos e materiais que têm disponíveis.

Cada usuário dispõe de grande repertório *on line* para sua inspiração, navegação, enriquecimento de seu repertório imagético. É necessário ser observador para perceber as possibilidades e as sutilezas das possíveis novidades dentro de um repertório tão vasto e por vezes repetitivo, mas há aqueles que conseguem e, dessa forma, produzem algum material diferenciado. Interagem nos chamados novos espaços para convívio com a diversidade e complexidade da vida social contemporânea. (SÁ, 2002, p. 153) Pode-se tratar até mesmo ser um lugar de refúgio, onde cada usuário procura os seus pares e pode procurar até inspiração, o novo e, assim, buscam entender-se mutuamente. Como Santaella afirma (2003, p. 101), “o fato é que nenhuma tecnologia anterior havia penetrado em nós com tanta intimidade”. Dessa forma, os atos de olhar fotografias, de comentá-las, publicá-las e esperar os comentários, depois respondê-los, transformam-se em momentos de socialização, de interação, de relacionamento, tendo a

fotografia como seu princípio gerador e foco dos comentários – pelo menos inicialmente, já que as conversas podem tomar outros rumos. Para Barbosa (2007, p. 1065)

a socialização é um processo contínuo de inserção cultural, e a cultura será compreendida como a construção de significados, partilhados por outros ou não, sustentados em práticas da vida individual e social. A socialização é algo que se faz junto, é a forma com que seres humanos praticam as suas ações, vivem suas vidas, evidenciam seus valores, constroem e defendem suas ideias.

No grupo de jovens observados percebe-se a interação virtual entre os mesmos jovens que se encontram presencialmente. Dessa forma, o contato via rede social é mais uma via de acesso à socialização, à interação do mesmo grupo, contribuindo para a construção de significados e de suas ideias.

O tema *Comunidades Virtuais* gera pontos de vista divergentes. Para Rheigold (apud SÁ, 2002, p. 153) elas representam uma “multiplicação das potencialidades de fazer amizades”, criando bases para uma convivência amigável e democrática, como se estivessem em uma mesa de bar virtual debatendo temas de comum interesse, fazendo tudo o que fazem as pessoas quando se encontram, mas através de palavras e na tela do computador, deixando os corpos para trás. Santaella (2003, p. 122), define que

Na cibermídia, outro nome para esse espaço público que está em construção (Bilwet, Adilkno e Filwis 1999), as comunidades virtuais designam as novas espécies de associações fluidas e flexíveis de pessoas, ligadas através dos fios invisíveis das redes que se cruzam pelos quatro cantos do globo, permitindo que os usuários se organizem espontaneamente “para discutir, para viver papéis, para exhibir-se, para contar piadas, para procurar companhia ou apenas para olhar, como *voyeurs*, os jogos sociais que acontecem nas redes” (Biocca 1997, p. 219 *apud* Santaella (2003, p. 122).

Ao contrário, para Deleuze (apud SÁ, 2002, p. 157), esta desterritorialização da amizade estaria consumando o projeto da *sociedade de controle*, privando-nos do que ainda nos restava de humanidade. Por causa da possibilidade de desconexão a qualquer momento, tais relações seriam sempre efêmeras, sem real comunhão e comprometimento de interesses. Heim (apud SANTAELLA, 2003, p. 123), concorda com essa efemeridade, afirmando que “nossas máquinas nos dão o poder de esvoaçar pelo universo, nossas comunidades crescem em fragilidade, volatilidade e efemeridade na medida mesma em que nossas conexões se multiplicam”.

Mas, e com relação às amizades que existem fora do círculo virtual e são reafirmadas nas imagens publicadas na *Internet*? O vínculo seria fortalecido? Será que essas imagens registradas dos próprios amigos têm uma efemeridade inexorável desde o momento que nascem? Relembrando, o jovem atual é um SER *on line*, que se percebe virtualmente a todos os

momentos. Prevê seus contatos, seus momentos de atualizar seu perfil, adicionar novos arquivos, visitar páginas de amigos, comentar e assistir novos vídeos e fotografias inseridas, conversar com seus amigos no msn, amigos estes que se encontraram na escola pela manhã ou ainda se encontrarão à noite na escola.

Os jovens acompanhados nessa pesquisa até utilizam *sites* de relacionamentos para conhecer novas pessoas, mas o foco principal não é este. A necessidade real é dar manutenção aos relacionamentos já existentes, manter-se atualizado sobre as atividades, sobre os relacionamentos, ver fotos registradas em conjunto ou separadamente, conversar com aqueles que eventualmente mudam de escola, mudam de cidade, reprovam de série e por uma gama de outros fatores não estarão diariamente convivendo como de costume. Dessa forma, os *sites* de relacionamento não só proporcionam o aumento do círculo social de um usuário, mas o estreitamento do vínculo com os conhecidos de longa data e a manutenção do relacionamento para que o convívio não acabe e o contato não se perca, como era costumeiro entre as pessoas que estudavam juntas e nunca mais se encontravam depois da formatura do Ensino Médio ou Faculdade, ainda que as facilidades da comunicação à distância incitem esse tipo de contato apenas virtual, distanciando as pessoas da interação presencial de um encontro entre amigos, da reunião de formandos do ano X, por exemplo.

Lévy (apud SANTAELLA, 2003, p. 273), nomeia esse período que estamos atravessando como *Revolução Noolítica* afirmando que estamos em algum ponto do movimento de um salto antropológico, no qual as tecnologias intelectuais aumentam e modificam a maioria das nossas capacidades cognitivas: memória (banco de dados, hiperdocumentos), raciocínio (modelização digital, inteligência artificial), capacidade de representação mental (simulações gráficas interativas de fenômenos complexos) e percepção (síntese de imagens a partir de dados digitais).

Os jovens nos mostram que sua construção não é simples, pois é preciso muitas experiências para que realmente algo interessante seja feito. É necessário muito tempo, esforço, tentativas, retrocessos, escolhas, análises, falhas, buscas a respeito das cores ideais, da pose ideal, do momento certo, do equipamento ou do tratamento correto, da linguagem a ser utilizada, das pessoas a serem retratadas e dos cenários utilizados. É necessário pensar no objetivo que se tem, como no caminho de qualquer tipo de aprendizado.

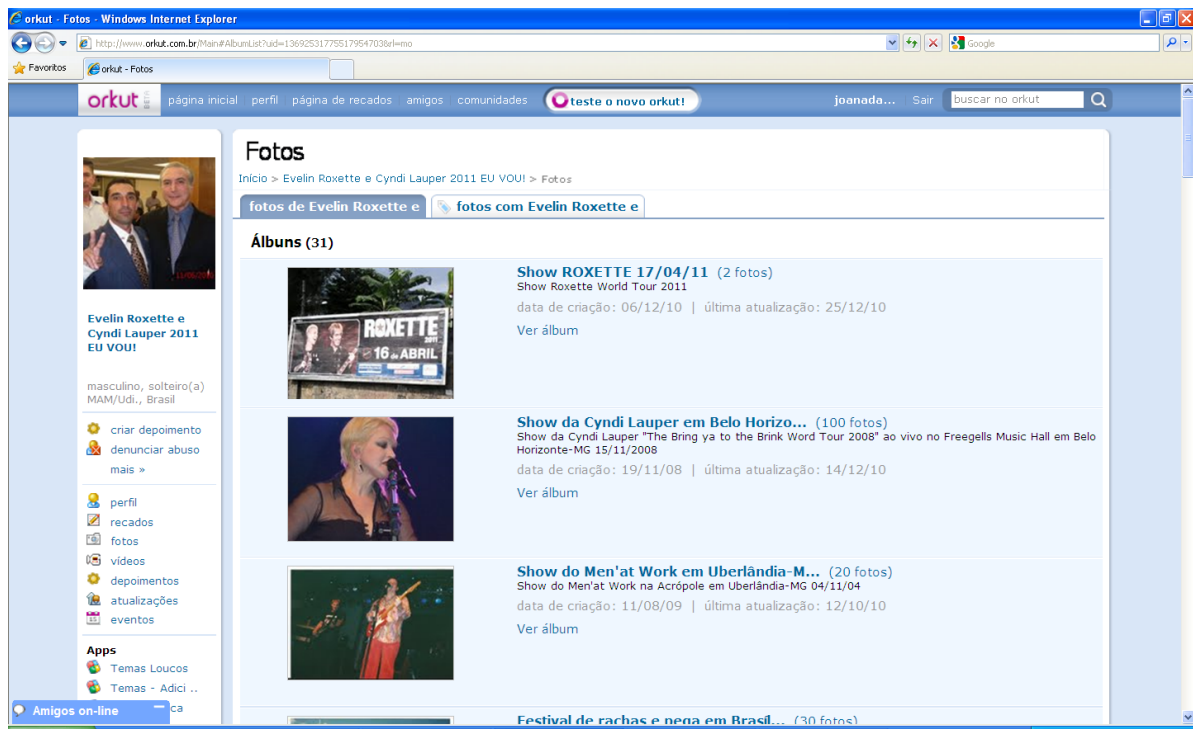


Imagem 9: Imagem da página inicial dos álbuns de fotos do *Orkut*



Imagem 10:



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16



Imagem 17

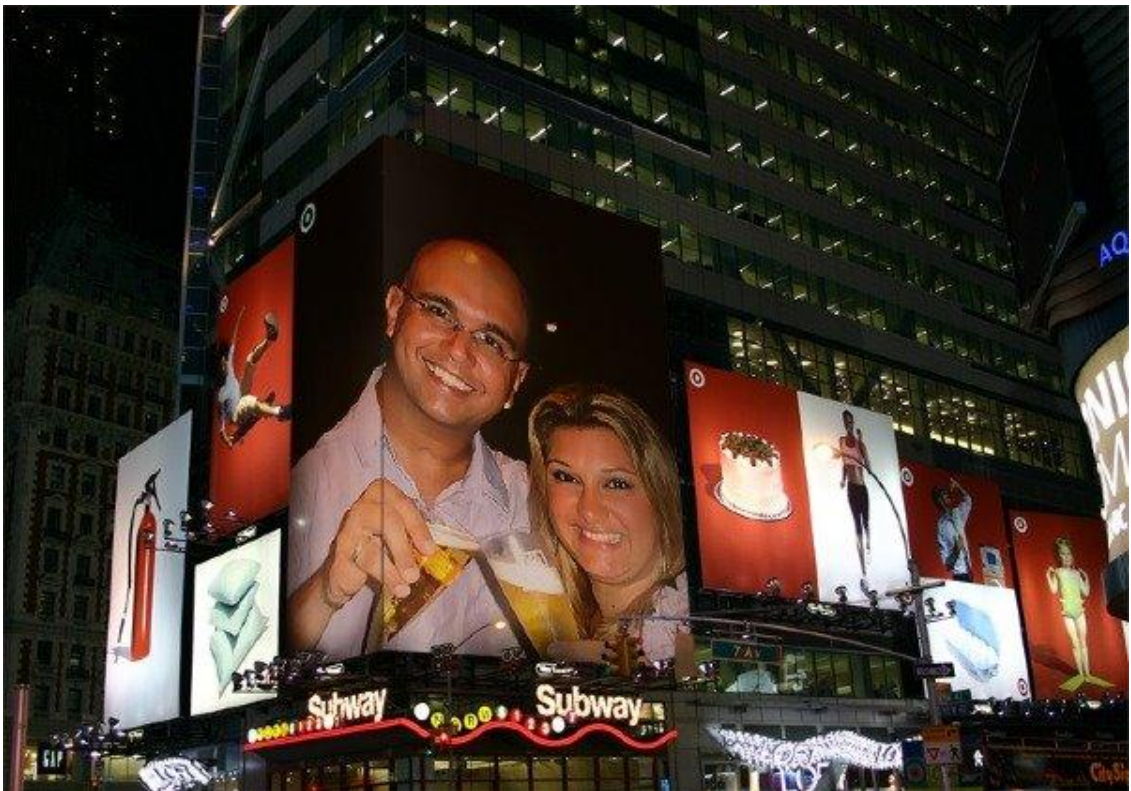


Imagem 18



Imagem 19



Imagem 20



Imagem 21



Imagem 22

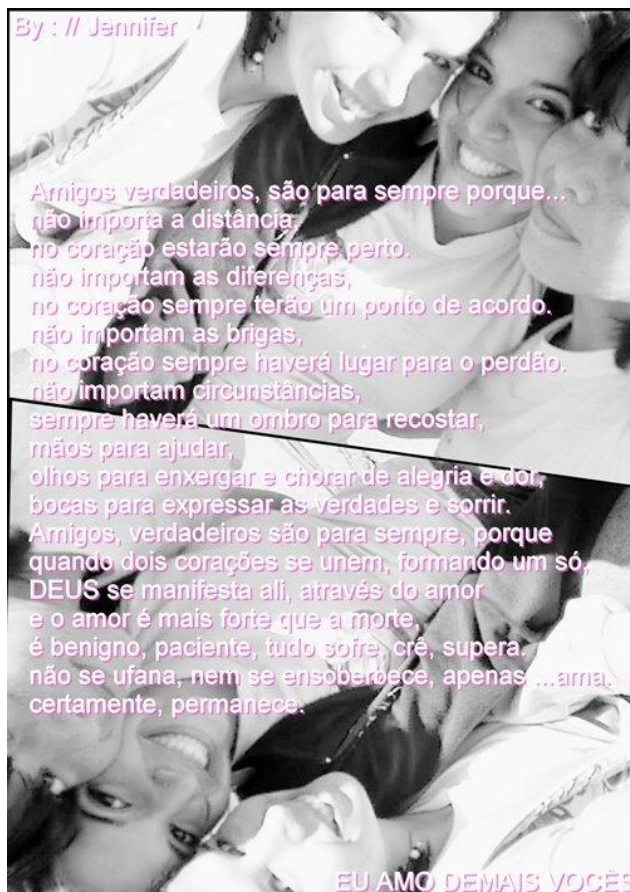


Imagem 23

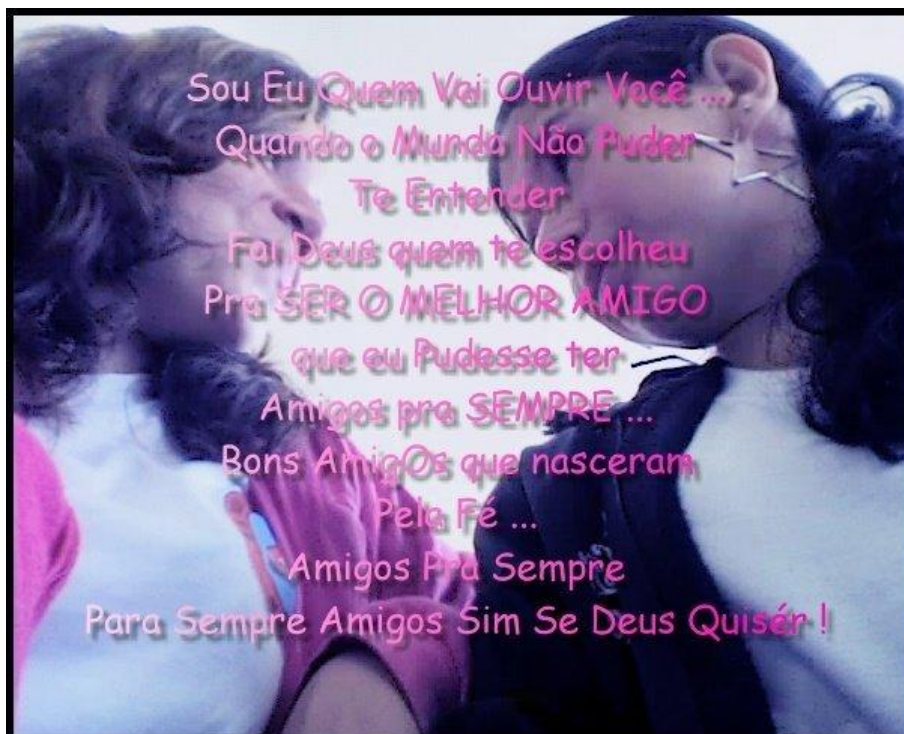


Imagem 24



Imagem 25



Imagem 26



Imagem 27



Imagem 28



Imagem 29

3 – FOTOGRAFIAS DIVERSAS

Em seu cotidiano os jovens utilizam suas máquinas fotográficas e aparelhos celulares para fotografar freneticamente. Sua atuação dentro dos muros escolares apenas reflete esse comportamento. E, dessa forma, muitas são as experiências que estão realizando, como fotógrafos, como fotografados, como manipuladores de imagens.

Alguns jovens conseguem sair da mesmice das imagens produzidas em série para serem publicadas na rede e conseguem realizar produções diferentes, cujas características se diferenciam da grande quantidade de imagens visualizadas durante a pesquisa. Segundo Sanz (2005, p. 38):

As fotografias e os textos veiculados nesses novos espaços virtuais não são apenas relatos da vida cotidiana: são novas modalidades de expressão e comunicação, novas narrativas do “eu” que, em vez de estarem escondidas no íntimo do sujeito ou nos segredos de uma família, estão sendo construídas a partir de sua exposição. Parece haver, portanto, uma reformulação nos modos como as imagens de nós mesmos passam a ser construídas, como se existíssemos à medida que fôssemos capazes de fazer saber que existimos.

Quando os jovens conseguem deixar de lado os mesmos tipos de montagem, de ângulos, de reflexos distorcidos, de seleções repetitivas e de excesso de detalhes inseridos durante a manipulação digital, começam então a traçar o próprio percurso na elaboração de fotografias que produzem em busca de um sentido mais determinante de si, em busca de seu próprio estilo, provando que existem.

Selecionei 19 imagens dessa ordem, cujas temáticas, ambientações, recursos utilizados e pontos de vista diferem bastante entre si e, principalmente, da grande massa de fotografias presentes nos perfis de *Orkut* pesquisados para esse trabalho, com o objetivo de analisá-las mais detidamente, as quais que se encontram ao fim do capítulo.

A imagem 30 é um autorretrato realizado enquanto a jovem estava sentada em um banco da praça central da cidade de Mogi Mirim. A imagem é escura tanto porque foi registrada à noite quanto porque foi utilizado o recurso de coloração *sépia* da máquina digital²⁸. Nessa imagem, onde apenas o rosto aparece, é difícil perceber qual roupa ela veste, pois apenas percebe-se que é de um tecido branco, não sendo possível ver corte ou estampa, parecendo até uma distorção da imagem.

²⁸ Refere-se à nomenclatura do recurso da câmera digital apenas.

Outro detalhe é que a jovem não olha para a câmera e ninguém mais é fotografado com ela. A solidão em um lugar público é rara de ser encontrada: geralmente fotografam-se os amigos em festas e em momentos de encontro, de celebração. Já o autorretrato é muito comum em ambientes fechados, principalmente no próprio lar. Ela se fotografa e não olha para a lente da câmera e, dessa forma, não estabelece um diálogo com o observador. Se a foto tivesse sido registrada por outro fotógrafo, seria uma foto roubada, mas aqui ela é a própria fotógrafa! Ela apenas encena sua própria rejeição em olhar frontalmente para a câmera e assim ser congelada na imagem bidimensional sem querer estabelecer um diálogo com seu observador.

Ainda há que observar que além dela não encarar a lente, ela não sorri. Pelo contrário, parece que ela não se importa nem um pouco com o ato de ser registrada. É como se fingisse nada perceber. São encontrados muitos autorretratos na rede, inclusive vários cujos fotografados não estão olhando para a máquina. Mas geralmente eles encenam para ela, fazem gestos, sorriem propositalmente e de forma matreira. Não é aqui o caso, pois a jovem aparenta total alheamento do momento, deixando transparecer até certo semblante de tristeza, melancolia.

O toque sutil de embelezamento da fotografia são as luminárias reluzindo em segundo plano, jorrando sua luz amarelecida por sobre a jovem e a praça, contribuindo para que a imagem fique ainda mais melancólica. Há um ar de sonho, de mistério, de sentimentalismo. E o fato é que chamou a atenção da autora, pois foi publicada no *Orkut*. Essa imagem oferece um diferencial pelo tratamento dado a imagem – a tonalidade sépia – e pelo fato de a adolescente fotografada não repetir poses e trejeitos já muito utilizados pelas jovens da mesma idade em suas fotografias. Ela de fato interpreta a si mesma, mas de uma forma menos caricata o que dá a imagem um teor de naturalidade. Ela registra um lugar que só existe na imagem, posto que todas as escolhas envolvidas no processo é que trazem o diferencial para a fotografia.

Na imagem 31 observamos um autorretrato realizado a partir do reflexo da imagem do fotografado em um óculos de sol. É possível ver exatamente o posicionamento do jovem segurando sua câmera fotográfica para realização da fotografia. É interessante notar a composição escolhida pelo jovem, que apóia os óculos em um boneco inspirado em um personagem do filme *Monstros S.A.*, colocando ambos sobre algum tecido azul, talvez uma peça de roupa jeans, escolhendo fotografar com o *zoom* bastante próximo, recortando parte do boneco e registrando apenas metade dos óculos, centralizando exatamente na própria imagem refletida na parte espelhada.

Não é uma foto manipulada digitalmente, mas pensada em sua composição desde o princípio e é por isso que é diferente: não foi algo de momento, para registrar o acontecimento fugaz, o instante, mas pensado para criar algo novo, explorar possibilidades de registro e de resultado, brincar com a própria imagem e com a imagem de objetos. Ainda que muitas fotos com o uso de espelhos e de superfícies espelhadas sejam publicadas na *Internet*, esse jovem utilizou-se da ideia de maneira diversa, organizando a composição da imagem antes mesmo de registrá-la, interpretando a si mesmo, escolhendo até estar sem camisa para fotografar-se.

Da mesma forma, na fotografia 32, o mesmo jovem brinca com cores e com o preto e branco na mesma imagem, dessa vez manipulada digitalmente. Não é possível precisar se se trata de um autorretrato ou de uma fotografia utilizando-se de espelho, uma vez que ela foi recortada para ser exibido apenas o perfil do fotografado, mas pode-se observar que escolhas inusitadas novamente foram realizadas, deixando parte da imagem em preto e branco e abusando do colorido na roupa, nos óculos e na palavra *Abacaxi* – seu apelido – escrita na parte superior da fotografia, com as mesmas cores da camiseta. A organização da imagem é interessante, o foco na camiseta, o rosto saindo, libertando-se da moldura, um meio sorriso aparecendo, combinando com a alegria presente nas cores e o contraste dos tons de cinza da pele e do fundo da imagem, evitando o excesso de cor, trazendo harmonia e destacando a palavra escrita. Novamente houve uma preocupação em organizar elementos e utilizá-los harmoniosamente, dessa vez não na composição, mas na manipulação posterior ao registro fotográfico.

Na foto 33, ainda do mesmo jovem, é perceptível que foi realizado novamente um corte na imagem, talvez do rosto, talvez da parte inferior da imagem, ou ainda das laterais para que a silhueta ficasse mais alongada e destacasse o objeto utilizado: um par de algemas. O que está em primeiro plano é o objeto preso ao braço do jovem, mas também a outra extremidade que permanece solta, em movimento. Já não há sorriso no rosto do jovem, mas parece que representa um momento de espera. Aguarda alguém que a ele se prenda? Aguarda a finalização da experiência imagética para verificá-la?

As algemas conferem um peso a imagem, inclusive por conta de sua cor contrastar com a cor da pele do jovem. A composição é propositalmente construída antes da fotografia ser efetivamente registrada. Mais do que a preparação da cena portando roupas, acessórios e utilizando-se de maquiagem, aqui há a preferência pelo corpo nu e por algemas negras: o excesso de detalhes tiraria o peso do objeto e o contraste que ele produz. Tanto na imagem 32 quanto na

imagem 33 o recorte dado à imagem e os objetos presentes na fotografia aparecem na mesma disposição, centralizados na fotografia, logo abaixo do pescoço do fotografado, com a diferença que em uma imagem a ênfase recai sobre o lado direito e na outra sobre o lado esquerdo do rosto do jovem e em ambas ele está levemente de perfil.

Essas quatro imagens rompem com as convenções do autorretrato, com relação a frontalidade e a pose, características frequente nas fotografias antigas, quando ser fotografado era uma solenidade (LEITE: 1988, p. 30), para explorar os efeitos estéticos possíveis a partir das possibilidades do equipamento, do enquadramento, da interpretação de si, dos planos, da iluminação, da composição da imagem e da manipulação posterior.

Já a imagem 34 mostra algumas pessoas sentadas ao redor de uma mesa, possivelmente feita de plástico, durante um momento de comemoração, de festa, aparentemente um churrasco, a se julgar pelos copos utilizados e ainda contendo bebidas, bem como ao prato contendo pedaços de carne que foi fotografado em parte, presente no canto inferior da imagem. A disposição dos objetos e das pessoas chama a atenção, pois na parte central há muito espaço em branco, pontilhado de detalhes e apenas na parte superior é que encontramos as pessoas presentes na situação, meio dentro, meio fora da fotografia. Os objetos também aparecem em partes e não são fotografados como tais, mas como volumes coloridos que estão dispostos em uma superfície plana, pois não é possível determinar do que se tratam: é um celular? Uma carteira? Uma capa de máquina fotográfica? Um pedaço de fio? Ou um elástico de cabelo? Não é possível saber.

Parece-me que o objetivo foi mostrar o que se estava fazendo naquele momento e não quem estava presente efetivamente, posto que apenas partes dessas pessoas já foram consideradas o suficiente para que a foto fosse escolhida para ser publicada na *Internet*. O contraste de preto, branco e cores fortes – azul da roupa da garota, amarelo da bebida, vermelho das unhas – cria uma combinação interessante, que destaca os detalhes e evidencia a luminosidade da imagem. É uma fotografia inusitada exatamente pela disposição dos objetos em primeiro plano e não das pessoas, parecendo que foram propositalmente arrumados antes da realização do registro fotográfico, o que pode não ser verdade. Tudo está em parte: parte dos rostos, parte da mesa, parte do prato, parte do celular, bebidas pela metade, e assim compõe uma imagem única.

Na imagem seguinte, de número 35, uma jovem, brinca com o fugaz de uma bolha de sabão. Assim como o jovem que utilizou-se da algema para que a composição de sua fotografia se tornasse pesada, aqui a bolha de sabão dá o efeito inverso: traz leveza. A imagem foi mantida

em cores provavelmente para ressaltar as cores e as formas da bolha feita em frente à lente da câmera.

A escolha de realizar a imagem com um zoom bastante próximo da bolha e a esta estar bastante próxima ao rosto deixa entrever os detalhes de ambos, através da transparência da película, gerando uma leve distorção da imagem ao fundo, trazendo uma leve opacidade. A jovem finge que ainda assopra, mas já não sopra mais: só faz pose. Quantas vezes deve ter tentado o registro e registrado novamente até conseguir satisfazer-se com o resultado final? Como diz Sanz “Ver, fotografar e *deletar*. Ver, fotografar e novamente fotografar em pequenos instantes. Por que motivo nos pareceu importante produzir câmeras que veiculassem os “duplos” da realidade no momento mesmo em que estamos ainda diante dessa realidade?” Talvez a resposta seja: para fazer a experiência pelo perfeito tornar-se mais rápida e possível, como nesse caso da fotografia com a bolha de sabão. Mas a produção tão rápida e em série de imagens tem o inconveniente de que não se tem tempo suficiente de analisar as imagens mais detidamente e, quem sabe, encontrar algo que seria interessante na imagem. Acaba-se excluindo rapidamente as imagens por não se adequarem a um critério de qualidade apressadamente escolhido, fotos que talvez em uma segunda análise pudessem trazer coisas interessantes para o observador.

Analisando o fundo da imagem, é possível visualizar um armário e o batente de uma porta, portanto possivelmente ela está se auto-fotografando em seu próprio quarto. E ainda, completando a expressividade da imagem, a autora escolhe publicar essa imagem de forma invertida em seu álbum de fotos do *Orkut*, da forma como está presente ao final do capítulo, talvez com a intenção de provocar maior estranhamento ao observador, talvez como forma de chamar a atenção deste.

A imagem 36 é uma montagem com quatro fotografias dispostas em forma de fotograma. A mesma jovem da fotografia anterior, que se auto-retrata, escolheu o efeito preto e branco para fazer sua foto: ela não muda de posição em nenhuma imagem e esforça-se por não alterar a expressão de seu rosto também, para deixar toda a atenção de seu observador focada nos gestos que realiza com sua mão direita, escrevendo, de uma forma estilizada, a palavra *LOVE*.

O motivo mais evidente para a realização dessa sequência de imagens pode ser a transmissão dessa palavra, dessa mensagem, através de gestos que talvez sejam característicos da forma de seu grupo de amigos se comunicar e, dessa forma, ela insere de um jeito diferente, caracteres da linguagem escrita em uma linguagem fotográfica e publica sua mensagem na

Internet. Poderá estar apaixonada? Estará declarando seu amor para todos seus amigos? Seu rosto não aparenta ser de uma garota apaixonada, poderia estar sendo irônica por manter-se sisuda? Ou está brincando com a linguagem brasileira de sinais, disponibilizando na *Internet* uma composição imagética que traz uma palavra escrita, de forma estilizada, utilizando-se de algumas letras dessa linguagem? São possibilidades que movimentam sua forma de expressão utilizando-se dos recursos tecnológicos e dos conhecimentos imagéticos que possui.

Nas imagens 35 e 36 a fotógrafa tem plena consciência das possibilidades do meio de divulgação das fotos, o *Orkut*, e brinca com isso, dirigindo o olhar do leitor através da impossibilidade de manuseio individual das imagens. Dessa forma, ela já direciona o olhar do observador para a verticalidade da sequência de fotos que formam a palavra *LOVE* e faz questão de publicar seu autorretrato com a bolha de sabão de forma invertida, uma vez que o observador não terá a possibilidade de trocar sua posição. Ela direciona o observador para que ele olhe suas fotografias da forma que ela quer.

Já as fotos 37 e 38 serão analisadas em conjunto, uma vez que são autorretratos da mesma jovem e possuem características em comum. Na foto 37 observamos a presença principal das cores rosa e preto, além da cor da pele da jovem. O que incomoda é a pose dela, olhando atentamente para a câmera deitada de costas e com as mãos oprimindo sua boca, representando algum tipo de opressão de fato, uma impossibilidade de falar, de se manifestar talvez. O preto presente em sua vestimenta, em seus acessórios pode reforçar essa ideia, sendo amenizada pelo rosa. Preto e rosa também são as cores mais utilizadas pelo movimento *emo*, trazendo, dessa forma, algumas referências desse estilo para a composição dessa imagem.

Já na imagem 38 essa opressão também se faz presente através da própria encenação do grito da jovem apenas desenhado em sua mão e em sua face: é um grito mudo, onomatopaico, mas bastante vivo através da expressão do rosto. Para completar o semblante esdrúxulo ela utiliza um tipo de óculos sem lente, apenas com armação, o que enfatiza mais ainda seus olhos e a expressão de seu rosto. Não é possível determinar onde está, o que veste, se utiliza mais algum acessório. Só é possível perceber que a fotografia foi cortada digitalmente, pois se apresenta mais alongada que as habitualmente registradas com máquinas fotográficas digitais, provavelmente com a finalidade de mostrar e enfatizar apenas seu rosto. Para a composição dessa imagem foi escolhido o preto e branco apenas, aproximando ainda mais a imagem a um quadro de algumas histórias em quadrinhos.

O que diferencia essas duas imagens é a encenação presente. É um gestual expressivo que só existe para a fotografia e por causa dela. Realmente parece transmitir uma sensação de opressão, de necessidade de diálogo, de expressão, por encenarem exatamente o contrário: o grito mudo, a boca oprimida. Talvez aqui possamos ver uma tentativa da expressão dos próprios sentimentos através de imagens, ou até uma forma de crítica à opressão do jovem, da linguagem jovem e de seu comportamento. E se observarmos bem na imagem 37, o rímel da jovem está borrado e seus olhos um pouco avermelhados. Talvez estivesse chorando momentos antes do registro da foto. Se esse for o caso, representa mais uma novidade, em um mundo onde os jovens fotografam-se na maioria das vezes risonhos e felizes, ainda que nas fotos presentes nesse capítulo isso não seja uma constante, já que foram escolhidas imagens que diferenciavam-se da maioria das fotografias pesquisadas.

Na foto 39 observamos um enquadramento diferente, utilizando-se de perspectiva e também de uma composição interessante, combinando as estampas das roupas dos jovens com a decoração do ambiente. A garota é a fotógrafa, mas não fica evidente por colocar-se frente à câmera: ela posiciona-se de forma a esconder o gesto e, pela prática que já possui, consegue. Ao mesmo tempo esforça-se por enquadrar o jovem que parece estar sentado no chão, mas olhando para traz, em uma pose difícil de entender à primeira vista. O observador se pega tentando compreender as poses e perdido entre cores semelhantes e mosaicos que se repetem, ora vermelho, ora preto, no boné dele, na blusa dela, no chão. Ao mesmo tempo os olhos de ambos seduzem e mais ainda os cabelos da moça que esconde e distorce o rosto, em conjunto com a proximidade da lente.

As cores poderiam estar em consonância se não fosse um pequeno pedaço de tecido – talvez a capa do sofá presente na sala – que aparece no canto superior da imagem e destoa totalmente das tonalidades e das formas presentes na imagem até então. Essa coloração diferente talvez consiga chamar a atenção do observador para si, principalmente por estar lado a lado com o rosto da jovem na composição da imagem. É uma imagem interessante por aproveitar-se da combinação de cores do cenário e das roupas de ambos, além de utilizar-se da perspectiva como recurso da composição.

A imagem 40 foi registrada em preto e branco aproveitando-se da tonalidade do vestido da jovem que posa realmente como se fosse uma modelo fotográfica e, nesse momento, realmente interpreta-se como tal. A escolha do ângulo proporciona a centralização do corpo da

garota e aproveita de forma precisa a pose em que ela se encontra, valorizando seu vestido e o local onde está, quase que totalmente neutro, se não fosse por algumas plantas que teimaram em entrar na composição.

Essa foto não é um autorretrato, já que há um fotógrafo operando a câmera, mas o diferencial fica por conta da interpretação da jovem, pois ela posa realmente e faz *caras e bocas*, mesmo com a presença de outrem no ambiente. Existem muitas imagens no *Orkut* em que as pessoas fazem poses e interpretações, mas geralmente são autorretratos registrados enquanto o fotógrafo/fotografado está sozinho em seu quarto/casa. Nessa imagem ela não se inibe e não se importa nem um pouco de interpretar mesmo seu personagem e ainda envia a fotografia para seu perfil do *Orkut*, a fim de compartilhá-la. Fotografias em que os jovens se sentem como modelos fotográficos aparecem aos montes no *Orkut*, mas na maioria o fotografado dissimula essa vontade, ao não encarar a máquina frontalmente, como essa jovem faz. Ela não tem dúvidas do que faz e não tenta dissimular nada. Seu olhar e seu corpo confirmam a todo momento: sou modelo agora, durante esse registro. Não vemos um discurso visual com tanta convicção assim nas imagens presentes no corpo da pesquisa: geralmente o olhar do fotografado foge do enfrentamento com o olhar do observador na medida em que a pose se confirma.

Já a imagem de número 41 foi registrada com a utilização de um espelho retangular, provavelmente em um quarto. Parece que as jovens estão sentadas, mas não é possível ter certeza. A imagem em duplicidade confunde nosso olhar e não sabemos para que lado olhar: para o espelho? Para a jovem que nos encara? Para o urso de pelúcia atrás da jovem? O rosto da jovem que fotografa apenas aparece no reflexo, sendo cortado no primeiro plano, o que nos faz tentar procurá-la. Deixa até mesmo a sensação de que a fotografia foi cortada, mas, a se julgar pelas proporções em que se apresenta, não foi.

Há vários planos que podemos visualizar: em primeiro plano o braço da jovem que fotografou, um tanto distorcido por conta da proximidade com a câmera. Depois a jovem que encara a câmera e o urso de pelúcia atrás dela. Na sequência, ainda temos os reflexos de ambas as jovens no espelho e o segundo plano do reflexo que mostra a parede e ainda parte do urso de pelúcia. A utilização do espelho deixa a sensação de que a fotografia é maior do que ela é de fato e, graças à proximidade da câmera com as jovens fotografadas, os cortes deixados na imagem nos fazem tentar completá-la com nossa imaginação a fim de ver o que não foi mostrado, como, por exemplo, o rosto todo da garota que fotografa.

Por último, as imagens 42 a 48 foram selecionadas de um mesmo jovem por terem sido organizadas e montadas de forma a contar um dia de festa apenas em imagens. Nenhuma foto possuía legenda em seu álbum e foram propositalmente ordenadas e registradas nessa ordem para que, posteriormente, fossem organizadas em seu álbum em forma de montagem. Parecem construir, enquanto conjunto, uma narrativa. Mas, enquanto montagens isoladas, parecem oferecer uma narrativa própria que pode ser interpretada separadamente do conjunto. Segundo Baetens (2005, p. 230), esse tipo de fotografias que contam histórias estão sendo utilizadas em livros chamados de fotorromances, por autores como Marie-Françoise Plissart e Gonzague Deladerrière. Sobre esse assunto, o autor afirma que

Além de diferenças por vezes consideráveis entre esses tipos de histórias, deve-se constatar que a temporalidade fotográfica sempre se desloca sensivelmente. Mais do que no nível da tensão entre tempo do sujeito fotografado e tempo da marca mecânica, o essencial se lança agora à altura das relações entre a imagem e aquelas que a circundam sobre a página e dentro do volume: a sintaxe fotográfica e o peso narrativo e temporal, que é inelutavelmente seu.

Cada uma dessas imagens trás junto a si outras imagens, ou seja, são todas exemplos de fotomontagens. Se fosse possível rotulá-las, uma possibilidade seria essa:

Imagem 42 – O começo do dia: acordar, trocar-se, escovar os dentes: detalhe, uma foto escovando-se os dentes, realmente indica a intenção de expor essas imagens de forma ordenada posteriormente. Deslocando essa imagem do conjunto, como sinaliza Baetens, a história interna dessa montagem pode ser o ato de acordar: “Me acordaram logo cedo batendo na porta do quarto, fui ver, mas não tinha ninguém, então escovei meus dentes para acordar de fato” ou ainda o de deitar-se, narrando algo como “cheguei tarde da balada, pisando de mansinho, abri a porta com calma, escovei os dentes e fui dormir”. A interpretação da lógica interna das imagens, mais uma vez, depende de quem observa e de como estão dispostas as imagens subsequentes.

Imagem 43 – Compras para a festa e sua organização, ao realizarem-se fotos em frente e dentro do supermercado. Comprova-se que é uma festa de aniversário, pois estão comprando balões. Outra imagem mostra as cervejas ao fundo. Se desconsiderarmos o conjunto de fatos, a interpretação toma rumos bem diversos. Possibilidades: “Saí com minha namorada e minha mãe ligou pedindo para comprar algumas coisas no supermercado para ela. Enquanto eu entrei, minha namorada me esperava lá fora, mas como estava demorando, ela entrou para me ajudar” ou ainda “Já no café da manhã minha mãe e minhas irmãs me pediram para comprar algumas coisas no supermercado e uma delas – a minha irmã mais nova – se propôs a acompanhar-me”. Enfim,

muitas combinações podem ser realizadas e situações imaginadas a partir das imagens da montagem.

Imagem 44 – Acendendo a churrasqueira junto ao cachorro que está atrapalhando a concretização da ação: apresenta-se o churrasqueiro e o momento do início efetivo da festa. Mas o personagem principal dessa montagem é o cachorro. Então ela narra um dos gostos do cachorro: carne. Até o cachorro reconhece o uso da churrasqueira e já fica ao redor do churrasqueiro? “Se não me der carne eu mordo sua mão mesmo” – essa parece ser uma das histórias narradas.

Imagem 45 – Convidados: A quantidade de fotos inseridas nessa montagem é até maior que a das outras, na tentativa de abarcar o maior número de pessoas. No álbum do fotografado estavam presentes outras montagens com os convidados, mas que não aparecem aqui porque só tornaria a análise repetitiva e ainda maior. Talvez essa seja a montagem que mais proporcione combinações narrativas, mas que não conta muita coisa sozinha e é preciso imaginar de fato as relações das pessoas presentes. Será que são os tios que chegaram para a festa com os priminhos? Será a irmã mais velha com os sobrinhos? Ou amigos da família? “Confraternização em torno da churrasqueira: as crianças, os pais, os tios, os amigos, os parentes todos e o cachorrinho.”

Imagem 46 – O momento do bolo, ou seja, de cantar “Parabéns à você” e todas as gracinhas que o aniversariante é capaz de fazer, até com um bolo incrementado com as guloseimas escolhidas pelo aniversariante. Não há como divagar muito na narrativa interna da montagem: é o antes do bolo, o durante o momento de cantar *Parabéns à você* e o momento de cortar o bolo. Faltou só mostrar o fim: apenas a placa base do bolo limpa ou com os últimos pedaços.

Imagem 47 – A sujeira e a limpeza: fim de festa, inclusive com o auxílio do aniversariante. Mas pode ser assim: “Minha mãe havia limpado tudo mais cedo, mas como eu e meus amigos sujamos tudo novamente, eu tive que limpar sozinho”, ou “Nossa, eu mesmo sujei tudo e eu mesmo estou tendo que trabalhar agora”, ou ainda “Nossa, tivemos tanto trabalho mais cedo, para agora tudo estar sujo de novo e termos de começar a limpar novamente!”. Essas e ainda outras possibilidades podem ser imaginadas.

Imagem 48 – O resultado: bebida em demasia mais comida em demasia resultou em uma ressaca – ou pelo menos é isso que as imagens podem sugerir. Mas pode ser: “Trabalhei tanto que

estou com fome e sede, como seria bom uma bebida com um petisco agora!”, ou ainda “Tudo que é bom dura pouco: a carne e as bebidas já acabaram!”

Essas imagens foram publicadas no álbum de fotos do *Orkut* do usuário e organizadas em um mesmo álbum. É comum a organização dos álbuns por temas, como nesse caso, uma festa. Mas não é comum que essas fotos sejam trabalhadas em forma de montagens e que sejam pensadas desde o início como forma de contar uma história, em imagens, do dia que se passou, procurando fotografar momentos-chave, como a compra dos itens, o início e o término do dia. Aqui aparecem apenas as imagens selecionadas para participarem das montagens, mas provavelmente a quantidade de fotografias registradas foi muito maior. Houve a intenção de organizar um álbum no *Orkut* que efetivamente narrasse os fatos do dia de seu aniversário desde o acordar até o resultado da festa, ainda que essas imagens nem tenham sido realizadas no mesmo dia: elas foram organizadas e selecionadas para contarem uma história a partir do momento em que assim foram montadas e publicadas.

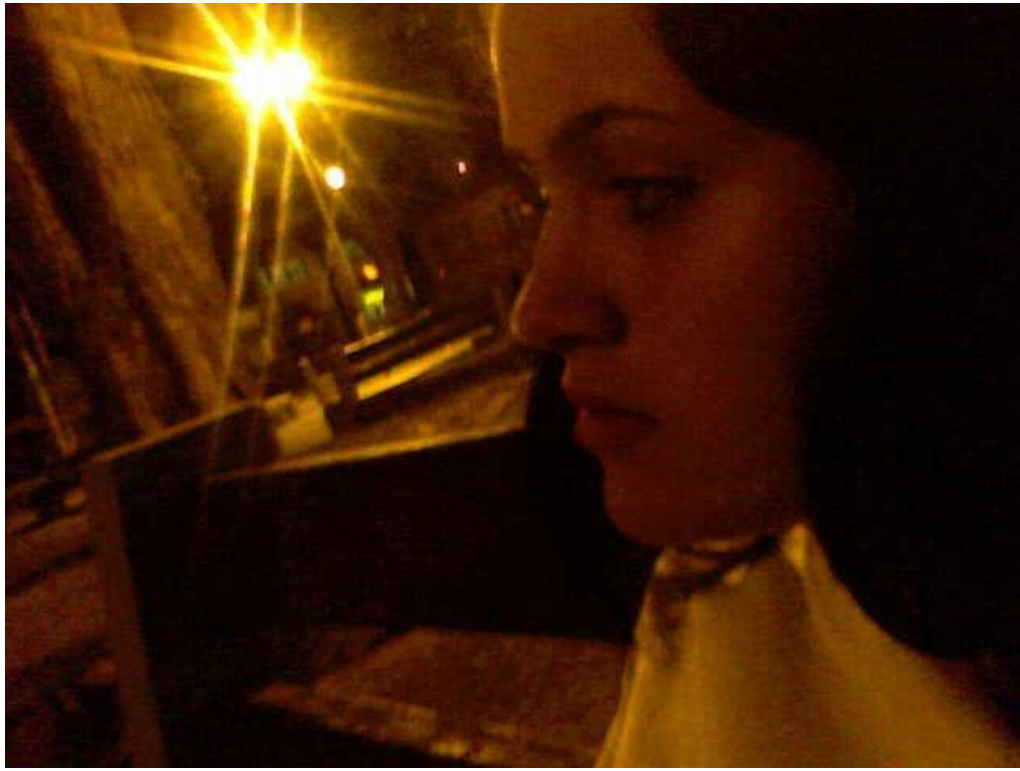


Imagem 30



Imagem 31



Imagem 32



Imagem 33



Imagem 34



Imagem 35



Imagem 36



Imagem 37



Imagem 38



Imagem 39



Imagem 40



Imagem 41

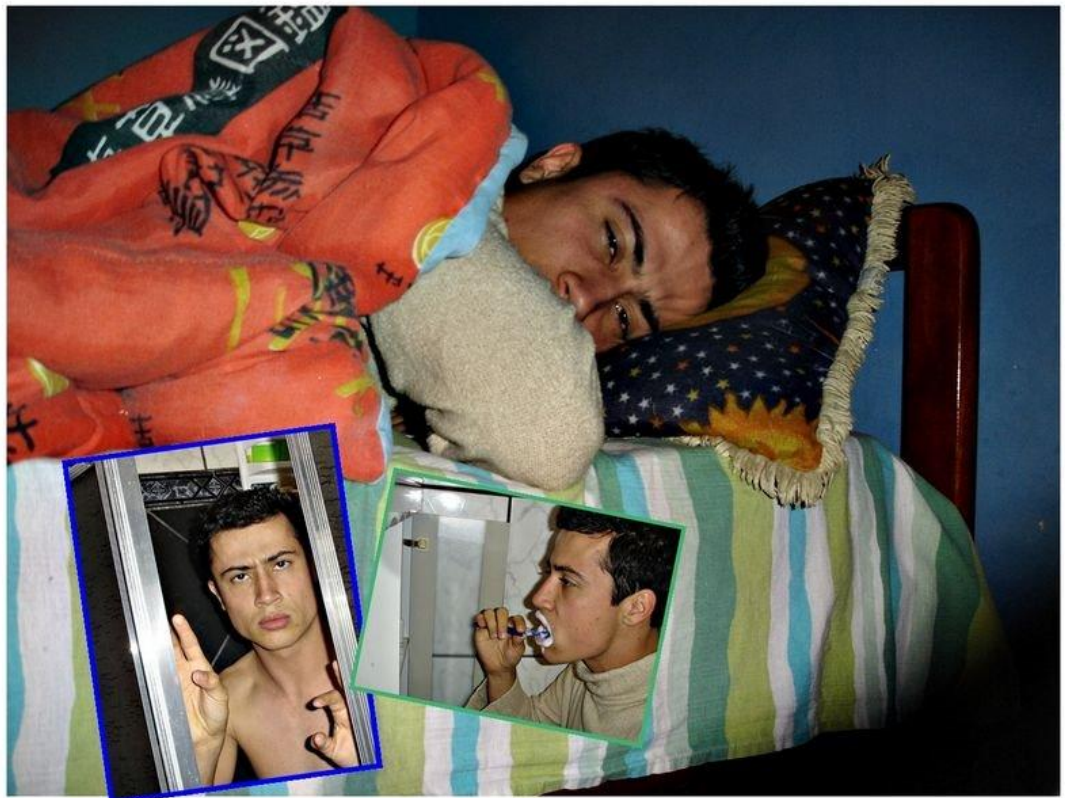


Imagem 42



Imagem 43



Imagem 44



Imagem 45



Imagem 46



Imagem 47



Imagem 48

4 - ENTREVISTA

Como já mencionado, são dezessete jovens os principais acompanhados por essa pesquisa. Durante a qualificação do trabalho, surgiu a ideia de pesquisar um pouco mais a respeito desses jovens fotógrafos, sobre suas concepções de trabalho, equipamento, publicação das imagens e armazenagem das fotografias digitais.

Como todos são ou foram meus alunos, enviei um questionário com 13 perguntas dissertativas versando sobre “A escola e o ato de fotografar” a cada um deles por *e-mail* e eles responderam no próprio corpo do *e-mail* ou presencialmente, durante uma de minhas aulas (ANEXO III).

Entre esses jovens que responderam a pesquisa, catorze são do sexo feminino e apenas três são do sexo masculino. A idade varia entre dezesseis e dezenove anos.

As questões foram divididas nos seguintes eixos temáticos: a) Fotografia e Escola; b) Fotografia e *Orkut*; c) Cotidiano e fotografia; e d) Equipamentos.

4.1 – Fotografia e Escola

As perguntas do primeiro eixo temático foram as seguintes:

- 1 – A escola está presente nas fotografias que você registra? Se sim, como ela aparece, ou o que aparece a respeito dela?
- 2 – Alguma vez ela foi o tema principal de suas fotografias ou a escola é mero cenário para seus registros fotográficos?

Apenas dois alunos responderam que a escola não aparece em momento algum em suas fotografias. Já os outros quinze confirmaram que a escola aparece sim e as afirmações de “apenas como cenário” ou “como o lugar onde estão meus amigos” foram uma constante. De certa forma a segunda questão foi respondida como forma de explicar a negativa ou a afirmação da primeira resposta: sete alunos responderam que não, a escola nunca foi o assunto principal de suas imagens, contra dez que disseram que sim, principalmente durante as comemorações de final de ano, em especial ao final da 8ª série, como recordação da escola e dos amigos ou ainda durante eventos, como festas juninas, ou até mesmo durante a proposição de algum trabalho escolar.

A respeito desse tema, foi interessante analisar alguns comentários mais detalhados a respeito do que os motiva a fotografar em sala de aula e na escola como um todo: a entrevistada

de número 1 diz que, apesar de a escola nunca ter sido o tema principal de suas fotografias, ela “é o cenário perfeito para as fotos mais criativas, porque é onde estão reunidos todos os amigos, pessoas, grupos e estilos”. O comentário da entrevistada de número 13 reafirma essa ideia, quando diz que a escola, enquanto cenário, “serve pra ser uma amostra das amizades que conquistei”. Esses comentários vêm ao encontro da citação de Dayrell já mencionada no capítulo 4: O tempo do encontro dentro de uma escola é muito curto, sendo principalmente os horários do intervalo, da entrada e da saída. Dessa forma “na medida em que a escola não incentiva os encontros, ou ao contrário, dificulta a sua concretização, ele se dá sempre nos curtos espaços de tempo permitidos ou em situações de transgressão” (1996, p. 149). E também corrobora a seguinte afirmação de Charlot (2005, p.55): “Uma grande parte dos alunos ama ir à escola: para encontrar os colegas”.

Dessa forma, realizar as fotos na escola pode ser torná-la um grande laboratório imagético, com variadas possibilidades de registro e utilização, além de ser um processo de socialização com os próprios colegas e amigos presentes no ambiente escolar.

Já a entrevistada de nº 10 diz que sim, a escola foi tema de suas fotografias com a finalidade de “ter recordações da escola”, mas não menciona seus amigos. No entanto, não é difícil perceber que o ato de ter recordações de um lugar implica em recordar aqueles que ali convivem, não somente os colegas, mas o corpo docente e de funcionários em geral. E quando se trata de fotos das turmas que estão se formando, em clima de despedida, já no final do ano letivo, não há razão para a escola, enquanto instituição, proibir essas fotografias, o que, em geral, é até incentivado para que as imagens sejam utilizadas durante a formatura ou organização de álbuns dos formandos daquele ano. Mas, ao observar as fotos publicadas no *Orkut* dessa jovem, percebemos que as únicas fotografias relacionadas à escola são imagens registradas durante duas visitas a faculdades promovidas pela escola. Muitas imagens de recordações de seus amigos estão presentes, inclusive um álbum com o título *Antigamente...*, mesmo que ela tenha apenas 17 anos. Nesse álbum de lembranças estão presentes fotografias dela com parentes, em viagens e com seus amigos de escola quando ela era um pouco mais nova, com cerca de 13 – 14 anos, mas nenhuma fotografia foi registrada na escola. Talvez ela tenha essas imagens da escola, mas não as publicou na *Internet*, ou até já as retirou, depois de um tempo de exposição.

Interessante é notar a presença desse álbum intitulado *Antigamente...*, pois aqui se percebe o que Fischer (2008, p. 679) chama de “saudosismo precoce”, baseado em suas pesquisas com jovens de Porto Alegre, conforme já mencionado. A autora diz que

estudantes de 15 a 16 anos repetem tranquilamente a expressão “no meu tempo” “como se fossem já pessoas maduras e saudosas de uma juventude vivida “anos atrás”. (...) Simultaneamente, eles expressam angústia com o “pouco tempo” de que dispõem; da mesma forma, em muitos depoimentos a ideia de “fazer alguma coisa” vem necessariamente associada a “fazer alguma coisa produtiva”. Nesse sentido, ver *TV*, comunicar-se pela *Internet*, jogar no computador, tudo isso é percebido como “não fazer nada”.

Dessa maneira, a entrevistada de número 10 também demonstra sentir saudades de um passado recente, ao referir-se a ele como *Antigamente*. Ao responder que tinha fotografias da escola, ela respondeu que sim porque queria “ter recordações da escola”, mas ao observar suas imagens percebe-se que ela tem fotografias de recordação de seus amigos e familiares. Talvez ter recordações da escola seja muito próximo de ter recordações do tempo da convivência dela com seus amigos dentro da escola, por isso apenas eventos externos estejam publicados em seu Álbum, afinal os amigos estavam ali. De toda forma, é uma preocupação em ter o registro como suporte da memória, para recordar-se do que viveu, já que em tão tenra idade ela se preocupa com o *antigamente*. Como lembra Kossoy (2005, p. 40) “fotografia é memória e com ela se confunde”.

A entrevistada de número 9, por sua vez, diz não ter jamais registrado fotografias da escola como assunto principal, mas acredita ser “legal fotos na escola, com uniforme, desenhos na lousa, mas sempre que fotografo é meio que “escondidinho” [pois] a escola não permite uso de celulares e câmeras em horário de aula”. Por esse comentário, pode-se supor que se a proibição não existisse, a frequência da utilização da câmera fotográfica na escola por parte dos alunos tanto poderia aumentar quanto deixar de ser um desafio e os alunos se desinteressarem.

Percebe-se, portanto, que a escola é sim um local onde os jovens costumam registrar suas fotografias, mesmo que não como tema principal de suas atividades. Ainda que exista uma regra explícita de que não se pode fazer fotografias na escola, eles as estão realizando.

4.2 – Fotografia e Orkut

Com relação ao segundo eixo temático, as questões propostas foram as seguintes:

- 1 – Como você escolhe as fotografias que vai colocar no *Orkut*? (mais de uma resposta era possível)
- 2 – Quanto tempo elas ficam expostas aproximadamente?
- 3 – O que você faz com as fotos que são retiradas do *Orkut*?
- 4 – Fotos que você já enviou uma vez para o *Orkut* e retirou podem ser enviadas de novo? Já aconteceu? Explique por que.

Como era possível haver mais de uma resposta, por tratar-se de um questionário aberto, muitas opções de resposta foram citadas na pergunta de número um. As respostas mais citadas foram: *as mais bonitas* (citada oito vezes); *as que mais gostei* (citada cinco vezes); *as que trazem lembranças boas* (citada quatro vezes); e, empatado com três escolhas cada uma, apareceram as opções *as mais criativas*, *as melhores* e *as mais engraçadas*.

As respostas indicam que provavelmente apenas o gosto pessoal é o critério de seleção das imagens, não importando referências de outras pessoas, ainda que elas estejam presentes nas fotografias escolhidas. Como afirma o entrevistado de número 3 “gosto de fotos diferentes, mas simples, nada extravagante.”

Mas estética não é o único critério para a escolha: sentimentos também entram na análise, como afirma a entrevistada de número 7 ao dizer que busca colocar as *mais bonitas e engraçadas*, mas se por acaso a fotografia estiver *feia* e for a única em que certa pessoa aparece, vai para o *Orkut* assim mesmo, por motivos de *consideração* com a pessoa. Da mesma forma, a entrevistada de número 3 coloca entre seus critérios de escolha as fotografias que “possuem um valor sentimental” para ela.

Quando perguntados sobre o tempo que suas fotografias permanecem *on line*, (questão 2), recebemos o maior número de respostas diferentes, sendo que as três mais citadas foram: *não há um tempo determinado* (cinco vezes), seguida por *até que eu me canse delas* (três vezes) e *não retiro* (mencionada apenas duas vezes). Através das respostas é possível perceber que o tempo de exposição varia de seis meses a quatro anos, ou ainda, por tempo indeterminado.

Afirmando essa falta de definição de um período exato de exposição aparece a explicação da entrevistada de número 1: “eu deixo as fotos no *Orkut* até na hora em que eu vejo que ninguém mais se interessa por elas”, ou seja, nenhum de seus amigos a comenta ou visualiza mais. Essa resposta atesta que as imagens são enviadas para o *Orkut* para que os próprios amigos

possam vê-las e comentá-las, utilizando-se de fato do *site* como uma Rede Social: um *site* cujo objetivo é a interação entre as pessoas (Recuero, 2009, p. 24).

Ao se observar tantas imagens que são enviadas diariamente para *sites* de Redes Sociais e para a *Internet* de forma geral, pode-se questionar sobre o que é feito com essas imagens quando são retiradas do *site* onde estão hospedadas. São armazenadas? São apagadas? São arquivadas em alguma mídia removível? Sendo assim, fiz essa pergunta aos jovens pesquisados e apenas uma pessoa respondeu que exclui todas as imagens. Os outros entrevistados dizem guardar todas as fotografias em pastas no próprio microcomputador ou em *cd*. Dois chegaram a mencionar que adotavam o procedimento de gravar em pastas no micro – opção que recebeu nove respostas –, mas já perderam muitas fotografias e por isso preferem gravar em *cd* atualmente, opção esta que recebeu sete escolhas.

Seguindo ainda a mesma linha de pensamento, a resposta da questão 3 é confirmada na questão seguinte, na qual foi perguntado se é possível que alguma imagem que já foi retirada do *Orkut* seja enviada novamente para o mesmo *site* e dezesseis jovens responderam que sim, já aconteceu. Os motivos desse reenvio variam bastante. Pode ser para atender ao pedido dos amigos, ou por organizar álbuns de recordação das pessoas, dos lugares, dos momentos passados ou ainda por simples mudança de opinião a respeito daquelas imagens que uma vez foram rejeitadas em seus critérios de escolha, mas agora mudaram de status e estão sendo aprovadas novamente. Se essas fotos não estivessem arquivadas em algum lugar, elas não poderiam ser resgatadas, o que comprova as afirmações da questão anterior.

Dessa forma percebe-se que não se trata de uma geração sem memória e nem que as fotografias que registram não têm mais importância do que um momento fugaz. Elas têm tanta importância que podem ser lembradas por pessoas que as viram, podem ser recuperadas em seu próprio arquivo pessoal e disponibilizadas novamente para os que quiserem ver em suas páginas pessoais do *Orkut*, assim como podemos retirar e acrescentar fotografias em nossos álbuns de família ou de viagens. Huyssen (apud Fischer, 2008, p. 674-675) afirma que “a obsessão pela memória vivida nas últimas décadas em nossa cultura, está diretamente relacionado ao bombardeio de informações a que somos submetidos e, conseqüentemente, ao medo do esquecimento”. Com base nessa idéia, Fischer (op. cit.) afirma que os jovens de hoje vivem um paradoxo, pois estão “amarrados ao presente, mas idealizando o passado dos pais; angustiados com a falta de tempo, mas deliciados com a instantaneidade e a rapidez da comunicação”.

Portanto, ainda que os jovens gostem e utilizem as diversas novidades tecnológicas, se preocupem com as últimas novidades da moda, eles ainda se importam com o passado e em guardar seus registros fotográficos como formas de lembrar-se do que aconteceu, e até mesmo com o passado das gerações anteriores, como as das décadas de 70, 80 ou 90, tratando como sua a geração de seus pais e sentindo saudades daquilo que não viveram e idealizam que seria melhor do que a sua (FISCHER: 2008, p. 680-681).

4.3 – Jovens e sua relação com as imagens

Na sequência, as perguntas do terceiro eixo temático – Cotidiano e fotografia – pesquisado pelo questionário foram as seguintes:

- 1 – Você vê diferenças na sua forma de fazer as fotos com relação a de seus colegas? Você procura se diferenciar ou procurar copiar o estilo de alguém?
- 2 – Você tem costume de pesquisar imagens fotográficas na *Internet*? Se sim, quais, onde pesquisa, quais fotos gosta de ver?
- 3 – Você costuma colecionar fotos de outras pessoas, seja de pessoas famosas, ou de outros amigos que fotografam? Ou seja, possui álbuns de fotos que não foram registradas por você?
- 4 – Você costuma fazer montagens com suas fotos, ou ainda manipulá-las um pouco, escrevendo ou colocando detalhes sobre a imagem? Se sim, como avalia se o que fez ficou bom e foi do seu agrado? Pede opinião a alguém?
- 5 - Analisando suas próprias imagens, o que você percebe que mais gosta de fotografar? (mais de uma resposta era possível)

Com relação à primeira pergunta desse eixo temático, a maioria dos entrevistados diz que procura se diferenciar dos outros – doze deles. Já os cinco restantes responderam que não se importam tanto com os outros e que talvez tentem copiar algumas coisas realizadas por seus amigos ou até já tentaram copiar.

O ato de diferenciar-se pode ser no tratamento da imagem, como diz a entrevistada de número 12: “procuro [deixar] as fotos o mais natural possível”, ou seja, sem efeitos de manipulação, diferenciando-se assim de quem manipula as próprias imagens. Pode ser também com relação ao tema abordado, como diz a entrevistada de número 10: “Eu não costumo tirar

fotos minhas.”. Essa afirmativa é uma exceção no universo de álbuns do *Orkut*, muitas vezes repletos de autorretratos.

Por outro lado, há quem afirme se inspirar nas fotografias alheias sem problemas, como a entrevistada de número 17: “não abro mão de dar uma olhadinha em revistas, poses e criações do mundo artístico” – sendo que tais referências estão bem presentes nas fotografias dessa jovem analisadas para a pesquisa –, ou ainda como entrevistado de número 4 quando diz que “cada um tem um estilo, mas sempre rola de copiar o jeito de um amigo tirar foto: você olha a foto dele e quer tirar igual”.

Percebe-se assim que os jovens lidam com esse tema de forma diversa, mas também bastante livre, sem códigos rígidos a seguir, mesmo porque é difícil diferenciar o que é *original*, se é que originalidade exista de fato, em um universo tão polifônico quanto o das fotografias publicadas na *Internet*. Tanto inspirar-se em outrem quanto procurar seus próprios caminhos fotográficos é bem aceito em suas práticas cotidianas.

Já com relação ao ato de pesquisar imagens na *Internet* (pergunta 2), apenas dois jovens responderam que não têm esse costume. Já os outros 15 disseram que sim, pesquisam imagens preferencialmente no *Google* (quatro menções) e no *Orkut* (três menções) ou ainda no *Flickr* e em *blogs* (uma menção cada). Ao responder a respeito de que tipo de imagens pesquisam, várias respostas foram mencionadas e as mais escolhidas foram *gatos*, *cachorros* e *paisagens* (cinco escolhas), *roupas* e *poses* (quatro escolhas) e *fotos de fotógrafos profissionais* (duas escolhas). Nesse último item, a entrevistada de número 11 afirma gostar muito de ver fotos de seus amigos que fizeram *books* fotográficos e os publicaram na *Internet* e a entrevistada de número 16 diz que, além de buscar imagens no *Google* e em outros *sites*, “gosto muito de ver o *Orkut* de um amigo meu que é fotógrafo e acho lindo o trabalho dele”. Provavelmente porque a maioria dos entrevistados é do sexo feminino, os temas considerados femininos, como roupas e animais, predominam. De certa forma as mulheres continuam tendo uma íntima relação com a imagem fotográfica, novamente confirmando o que Leite afirma a respeito das mulheres serem as guardiãs da história da família (2005, p. 38). Atualmente elas já parecem ser as guardiãs da história da família, da história dos amigos que passaram em sua vida, dos lugares que visitaram e dos eventos que presenciaram.

A pergunta 3 ainda procurou averiguar com quais tipos de imagem os jovens se identificam em seu cotidiano e, dessa forma, questionou se eles tem o hábito de observar fotos

registradas por outras pessoas e até de ter álbuns exclusivos de fotografias cujos autores não são os próprios entrevistados.

Novamente, mais de uma resposta era possível e apenas três jovens disseram não ter esse hábito. Já os outros possuem, sim, álbuns de fotografias em seus perfis de *Orkut* cujos autores não são eles mesmos. O tema dessas fotografias é variado e os mais mencionados foram *parentes e amigos* (nove vezes) e *artistas* (sete vezes). Nessa questão é interessante analisar a resposta da entrevistada de número 17: “Eu tenho álbuns de fotos de amigos, de lugares, de ídolos. Como apaixonada por fotografia afirmo que é uma das melhores formas de se conservar momentos e lembranças especiais”. Por essa afirmação é possível perceber que as fotos que os jovens registram não são apenas distrações momentâneas, pois fazem parte de suas *lembranças* e de seus *registros* pessoais, reafirmando o que Fischer chama de *Saudosismo Precoce*, já referenciado. Não são registros efêmeros, pelo menos não em sua totalidade. A afirmação da jovem corrobora novamente o que diz Kossoy (2005, p. 40): “Fotografia é memória e com ela se confunde. O estatuto de recorte espacial-interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor em função da visibilidade e “verismo” dos conteúdos fotográficos”.

A pergunta seguinte questionou a respeito da manipulação digital das imagens. Dezesesseis jovens responderam que sim, possuem o hábito de fazer montagens com fotografias e avaliam se seu trabalho ficou bom ou não pedindo a opinião de parentes e amigos. Apenas um dos entrevistados disse que realizar montagens com fotografias não faz seu *estilo*.

Essa é a questão que mais rendeu comentários e muitos deles são interessantes por deixarem muitas pistas de como é a relação dos jovens com as imagens que registram e modificam em seu cotidiano. Iniciando pela fala da entrevistada de número 17: “Com certeza! Sem sombra de dúvidas! Praticamente todas as minhas fotos têm efeitos e a melhor forma de saber se ficaram boas é com a minha própria avaliação, além dos comentários que brotam quando é enviada alguma foto para o *Orkut*”. Nessas afirmações é possível perceber a auto-avaliação do trabalho e a avaliação externa através dos comentários dos amigos, atitudes também valorizadas pela entrevistada de número 16 que, por sua vez, comenta quais tipos de efeitos utiliza: “Acho super divertido e manipulo minhas fotos sim, melhorando o contraste, o brilho, as cores, de tudo um pouco. Aí no fim sempre peço a opinião dos meus pais e das minhas amigas e gosto de saber o que eles acharam”. Novamente a avaliação das pessoas próximas conta no resultado final do trabalho.

O entrevistado de número 3 coloca que o que mais faz é manipular fotos “não só as minhas, mas as de muitos amigos e amigas que me pedem. Eu tento sempre destacar os olhos e o sorriso”. Ele já indica qual tipo de ação procura tomar frente à montagem e quais aspectos analisa do contexto da imagem com a finalidade de realçá-los e escolher os melhores efeitos para conseguir seu objetivo. De fato, em suas imagens analisadas para esse trabalho, o que mais tem destaque é o rosto do fotografado, no caso, ele próprio por tratar-se de autorretratos.

Uma grande preocupação presente em várias respostas com relação a essa questão é a possibilidade de perder-se a *naturalidade* da imagem ao modificar-se digitalmente a fotografia, como diz a entrevistada de número 13: “Sim, algumas vezes mexo em minhas fotos, mas prefiro o natural. Não gosto de nada muito artificial e avalio isso: se sai muito da realidade da foto acho que não fica bom”. Como foi um assunto mencionado várias vezes, percebe-se que há uma preocupação com o excesso de detalhes e de modificações, não sendo bem vistos por alterarem o que chamam de naturalidade da fotografia. Se no ponto de vista de Couchot (1996, p. 75), a imagem digital seria uma “simulação do real”, conforme citado na introdução desse trabalho, é interessante perceber a importância que os jovens dão a uma possível naturalidade da fotografia, ainda que atestem a manipulação digital. No ponto de vista deles, a fotografia possui, sim, uma verossimilhança com a realidade, independente de como foi a captação da luz para a formação da imagem, ou não estariam preocupados com a alteração em demasia da fotografia registrada como “segunda realidade”. Como afirma Barthes (apud KOSSOY: 2005, p. 41) “a foto leva sempre seu referente consigo”.

Para finalizar esse item, foi questionado o que eles percebem que ganham ênfase em sua própria produção imagética cotidiana, sendo que mais uma vez mais de uma resposta era possível. Dessa forma, as mais citadas foram: *eu mesmo (a)* (dez citações), *Momentos importantes* (cinco citações), *Animais* (quatro citações) e *paisagens* (duas citações).

A maioria das respostas que indicava o autorretrato como o tema mais frequente de suas fotografias indicava também que é o rosto a parte mais fotografada do próprio corpo, pois temas como *meus olhos, sorriso e cabelo* apareceram mais de uma vez. Alguns comentários interessantes também surgiram e merecem ser analisados, tais como o da entrevistada de número 13: [gosto de fotografar] “meus momentos, eu somente ou alguém especial para mim, quando vou a uma festa, gosto de pessoas, de mostrar os lugares onde estou e com quem estou” e da entrevistada de número 14: “O que mais gosto de fotografar e que acabou virando até um vício

são meus animais (...) quero fotografar cada momento da existência deles”. Ainda que ambas tenham objetivos tão diferentes, o caráter íntimo de seus registros permanece: tanto os próprios animais quanto os próprios relacionamentos são partes de suas personalidades e afazeres cotidianos. É a fotografia como *start* da lembrança, do qual nos fala Kossoy (2005, p. 43):

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo de sua vida. Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retrato ou retratista tem sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o *start* da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa de fatos e emoções.

Seja a recordação dos animais que se teve ou das pessoas com as quais conviveu, a fotografia feita pelos jovens não perde sua relação com a memória construída por eles e fixada na imagem, assim como a fotografia analógica sempre se relacionou.

Já os entrevistados de número 3 e 17 têm concepções um pouco diferentes, ainda que também passem pelos mesmos assuntos, conseguem deslocá-los para outros ambientes e outros temas, a julgar pelos seus respectivos comentários: 3: “[gosto de fotografar] meu rosto, outras pessoas, mas o que mais gosto de fotografar mesmo são pessoas sem pose, muitas vezes sem fazer nada, trabalhando, andando, etc” e 17: “Gosto de fotografar de diferentes formas e pessoas queridas, viagens, detalhes e até mesmo um pouco do cotidiano: é impressionante as diferentes faces que aparecem dentro de um ônibus no retorno do trabalho!”. A partir desses comentários é possível perceber que nem tudo o que fazem é irrefletido e por reflexo, sem análise prévia. Há sim, alguns momentos em que a escolha é feita apenas depois de sistemática análise, ainda que os critérios dessa análise sejam diversos do que se considera convencional. Se o objetivo foi construir uma narrativa em imagens, se foi organizar uma montagem harmoniosa ou fazer uma homenagem a alguém, brincar com a forma da publicação da imagem no *Orkut* ou ainda escrever uma palavra com as próprias mãos utilizando-se de imagens em sequência, houve um planejamento prévio e um plano a seguir, não obteve-se um resultado a esmo e sem reflexão.

4.4 – Equipamentos

Por fim, o último eixo de questões visava informações a respeito de quais equipamentos são os mais utilizados pelos jovens com a finalidade de registrarem suas fotografias. As questões respondidas foram as seguintes:

- 1 – Você fotografa com celular ou com câmera digital? Você tem preferência por um deles ou tanto faz? Se tiver preferência, explique por que.
- 2 – A escolha do que você vai fotografar tem a ver com o tipo de equipamento, ou seja, se vai usar o celular fotografa de um jeito, mas se vai usar a câmera, fotografa outras coisas, ou não?

Na pergunta de número um apenas um jovem respondeu que só fotografa com câmera digital, enquanto os outros dezesseis disseram fotografar com os dois. Dentre esses, treze preferem fotografar com câmera digital por uma razão unânime: a resolução da imagem é melhor. Os outros três preferem fotografar com celular por ele estar sempre à mão. A entrevistada de número seis faz uma curiosa observação a respeito de sua preferência por celulares quando diz que gosta “mais do celular por que tem pouca resolução, então não aparecem algumas imperfeições do meu rosto”. Ou seja, ela já faz a escolha do equipamento pensando em que tipo de resultado terá para exibir exatamente o que quer exibir, nem mais, nem menos. Da mesma maneira parecem agir os que preferem a câmera fotográfica ao invés do celular exatamente por ser o equipamento que tem maior resolução e, dessa forma, ter imagens de ótima qualidade para publicar em seu perfil.

A segunda questão desse item continuou a análise a respeito do uso de celulares e câmeras digitais ao questionar se a escolha do que fotografam depende do tipo de equipamento que eles têm em mãos no momento, ou seja, se vão utilizar o celular fotografam de um jeito, mas se vão utilizar a câmera digital, acabam fotografando outras coisas ou de formas diferentes.

Quatro jovens responderam que sim, as escolhas dependem do tipo de equipamento que vão utilizar, contra treze que disseram que suas escolhas não dependem em nada do tipo de equipamento que vão utilizar, pois procuram sempre fazer o melhor uso do equipamento disponível no momento. Dentre os do primeiro grupo, a entrevistada de número nove diz que com celular fotografa mais espelhos e com a máquina digital fotografa mais quando há profundidade de campo, como por exemplo, em uma praia, nas imagens que registrará.

Portanto, as principais conclusões da pesquisa foram :

1 – As imagens registradas pelos jovens, com suas câmeras fotográficas ou celulares, ficam arquivadas em seus computadores ou em *CDs*. Não são meros momentos de diversão fugazes, pois podem ser recuperadas dentro do próprio arquivo pessoal quando necessário e reenviadas ao *Orkut*. Às vezes o microcomputador não é considerado seguro o suficiente e esse

arquivamento é realizado em *CDs* – ainda que a durabilidade do *CD* não seja grande, mas nenhuma menção com relação a esse dado foi feita nos questionários respondidos pelos jovens.

2 – Que a escola é um ótimo lugar para fotografar e ser fotografado com os amigos, em primeira instância, e que a maioria dos jovens entrevistados afirma que a escola já foi tema principal de suas fotografias, ainda que tal dado não possa ser precisado através de visualizações de seus álbuns *on line*, possivelmente porque essas fotos não foram publicadas. E que um dos objetivos pelos quais se fotografa na escola é *ter recordações* dela e dos amigos com os quais se estudou.

3 – Que não há um tempo exato para as fotografias permanecerem no *Orkut*, mas ainda que retiradas elas podem voltar a ser enviadas, seja por pedido de outras pessoas, seja por decisão própria.

4 – Copiar o estilo de fotografar dos outros jovens não é uma constante, mas se inspirar em fotografias e imagens pesquisadas na rede mundial de computadores sim. Entre as imagens pesquisadas há predominância das que versam a respeito do universo feminino, possivelmente porque a maioria dos entrevistados é do sexo feminino. É perceptível que a mulher continua sendo a *guardiã* das imagens que contam a história da família, e não apenas da família na atualidade: de todo um grupo de amigos e familiares. Outro ponto averiguado é que a manipulação das imagens é comum e bastante presente nas fotografias dos jovens pesquisados, mas o exagero não é bem visto, mesmo em se tratando de imagens do paradigma pós-fotográfico, ou seja, imagens digitais desde seu nascimento.

5 – Os jovens pesquisam imagens diversas na *Internet* e guardam fotografias que não foram registradas por eles, principalmente aquelas em que estão presentes parentes e amigos, e essas que as imagens podem ser também motivos para lembrar-se ou contar histórias a outrem – fotografias como *start* da lembrança.

6 – O tipo de fotografia que mais registram é o autorretrato e esse dado confere completamente com a proporção de autorretratos publicados nos respectivos álbuns de fotografia *on line* desses jovens entrevistados e observados.

7 – O equipamento que preferem é a câmera fotográfica digital, ainda que utilizem o celular também, mas a melhor resolução daquela faz com que seja a preferida nos momentos de fotografar, fato comprovado também pela ótima qualidade da grande maioria das imagens coletadas durante a pesquisa.

Apesar de toda a aceleração temporal em que vivemos, a qual estimula a própria indústria a uma mecânica de envelhecimento precoce do produto (SILVA: 1998, p. 18), fazendo com que até mesmo os jovens se sintam afetados, provocando uma onda de “saudosismo precoce”, como visto na pesquisa de Fischer (2008, p. 679), é perceptível que eles continuam gostando de fotografar seus amigos e também de serem fotografados com o grupo, de guardar essas imagens e de organizar sua própria coleção de fotos de assuntos diversos, ainda que virtual. Como esses amigos estão na escola, é nesse ambiente que grande parte das fotografias são realizadas. Acredito que, de fato, a comparação com o caderno de recordações dos jovens da década passada é conveniente, pois o mesmo também circulava na escola espontaneamente, passando de mão em mão, recebendo declarações de amizade, mensagens, versos, assinaturas, fotografias e lembranças, tendo a função primordial de ser guardião das recordações daquele ano e *start* da lembrança daqueles com quem se conviveu. Mas a diferença é que este não era proibido, pelo contrário: o caderno de versos e o diário eram até estimulados, já que utilizavam a escrita, que é a linguagem padrão da escola, em contraste com as linguagens visual e oral, como já visto nas análises de Certeau (2003, p. 222) e Barbosa (2007, p. 1065), utilizadas pela linguagem fotográfica e pela música dos aparelhos de mp3, trazendo para dentro da escola partes da cultura juvenil que a escola não aceita. Como nos mostra Barbosa (2007, p. 1076):

Estamos cotidianamente referindo a importância de se compreender a diversidade, mas continuamos operando em uma escola que tem um currículo único – desatualizado, empobrecido, fragmentado –, onde as práticas pedagógicas remetem a seculares tradições. As crianças não são as mesmas, os conhecimentos também não. E o mundo? Bem, o mundo mudou. O meio é a mensagem, já afirmava Mashall McLuhan em um título de livro na década de 1960. Não é possível separar a cultura escolar como mensagem dos meios para democratizá-las (McLuhan & Staines, 2005). É preciso incorporar na escola possibilidades de realizar a educação através de práticas diferenciadas, de outras formas de socialização, não apenas as colonizadoras.

Os jovens estão tentando impor-se e levar sua cultura e seus saberes para dentro do ambiente escolar, conforme imagens analisadas no próximo capítulo. Resta saber quanto tempo ainda demorará para a escola transformar o discurso a respeito da aceitação da diversidade em prática.

5 - FOTOGRAFIAS NA ESCOLA

A escola é o espaço da escrita por convenção, já que se escreve e se lê muito pouco na escola da atualidade. A oralidade ocupa muito espaço, mas é um falar redundante de todos os atores do processo educativo. O ensino do falar deveria ter mais espaço nesse ambiente, como aponta Roberts (apud CERTEAU: 1995, p. 126) “Os sistemas escolares em geral se preocupam mais em ensinar e escrever do que ensinar a falar... Ora, é indiscutível que falar é a realidade fundamental, da qual a escrita é uma simbolização secundária”. O falar, enquanto explicação, ainda existe dentro da escola, quando o tagarelar constante e redundante o permite, com a finalidade de que os alunos possam entender os conteúdos. Mas e o falar enquanto objeto de estudo e aprendizado? Não se quer dizer aqui que a retórica deveria voltar aos compêndios escolares, mas que a oralidade não deveria ser esquecida por completo, como está no momento atual, e que ficasse claro o que Robert (apud CERTEAU, op. cit.) afirma: a escrita é uma simbolização do oral, não o contrário. A escrita engessa a oralidade, postulando regras que esta não segue, já que a língua é viva e muito mutável. Quando se dá maior importância à linguagem escrita, em detrimento da oral, ambas acabam valoradas, como se esta obedecesse às leis daquela e, por isso, seria subalterna, inferior, menos importante. No embate fotografia e escrita, também pode acontecer esse engessamento: a legenda, quando mal colocada, fixa apenas uma maneira restrita de interpretação da imagem, quando, na realidade, uma fotografia é polissêmica e pode ser interpretada de diversas formas, sem fixidez.

Fazendo parte desse cenário, as máquinas fotográficas, os celulares e os aparelhos que reproduzem músicas em formato mp3 estão cada vez mais presentes nas mãos dos alunos que as frequentam, mesmo que não sejam bem quistos e estejam no campo onde a cultura escrita deveria reinar. Estes aparelhos não são materiais escolares e não são bem aceitos no ambiente escolar por boa parte dos profissionais que ali trabalham, cujo instrumento de ensino é a linguagem escrita, não a oral ou a visual. Certeau (2003, p. 222) afirma que:

A instituição dos aparelhos escriturísticos da “disciplina” moderna indissociável da “reprodução” possibilitada pela imprensa foi acompanhada pelo duplo isolamento do “Povo” (em relação à “burguesia”) e da “voz” (em relação à “escrita”). Daí, a convicção que, longe dos poderes econômicos e administrativos, “o Povo fala”. Palavra ora sedutora, ora perigosa, única, perdida, (malgrado violentas e breves irrupções), constituída em “Voz do povo” por sua própria repressão, objeto de nostalgias, controles e sobretudo imensas campanhas que a rearticularam sobre a escritura por meio da escola.

A escola, domínio da cultura escrita, ainda não soube abrir-se a outras formas de cultura e, talvez por isso, iniciativas que tomem por base a oralidade e as imagens não são acolhidas: criou-se a crença arraigada de que a escola não é o seu lugar, o que perdura ainda hoje. Como afirma Certeau (2003, p. 224) o povo perdeu sua voz já que “oral é aquilo que não contribui para o progresso”, enquanto o escrito é “aquilo que se aparta do mundo mágico e da tradição”, portanto, das credices, costumes, causos e conhecimentos ancestrais passados de geração em geração e preservados como tesouros da história familiar. São costumes cada vez mais diluídos na cultura escrita, em uma época em que pouco se valoriza o conselho dos “mais velhos” e em que “aprender a escrever define a iniciação por excelência em uma sociedade capitalista e conquistadora” (CERTEAU: 2003, p. 227), acrescentando-se *consumista*. A alfabetização da sociedade a deixa pronta para ocupar os postos de trabalho que não necessitam de conhecimentos especializados e os insere na lógica do consumo de massa, diluindo cada vez mais sua voz e não proporcionando uma aquisição da linguagem escrita que seja alavanca de sua autonomia enquanto leitor e escritor de sua língua, posto que insuficiente. Nesse contexto, as imagens e a música surgem como “voz” do povo novamente, voz dos jovens dentro da escola.

O jovem está no cerne desta questão, entre os seus próprios motivos para estar na escola, entre o interesse de trabalhar e de ser auto-suficiente financeiramente, sabendo que a sociedade cada vez mais cobra sua ascensão educacional e profissional incessantemente, sem levar em consideração sua idade escolar, sua inexperiência e suas próprias escolhas. Para Sarlo (2000, p. 39):

A cultura juvenil, como cultura universal e tribal ao mesmo tempo, constrói-se no marco de uma instituição tradicionalmente consagrada aos jovens, que está em crise: a escola, cujo prestígio se debilitou tanto pela queda das autoridades tradicionais quanto pela conversão dos meios de massa no espaço de uma abundância simbólica que a escola não oferece. As estratégias para definir o permitido e o proibido entraram em crise.

A escola apresentada nas imagens dos alunos é um recorte dos momentos em que não se está fazendo atividade alguma, trabalho algum. Não há registro dos professores, dos profissionais da escola, dos diretores. Não há registros dos próprios alunos durante a realização de um trabalho em sala, ou em casa e nem mesmo durante a aula de educação física. É como se a crise escolar, mencionada pela autora, estivesse registrada nas imagens: esses momentos de brecha entre um afazer e outro, que se multiplicam em tantas fotografias registradas. Se assim for, são muitas as brechas existentes ou criadas pelos jovens no decorrer de seu cotidiano nas instituições de ensino, reafirmando a crise escolar e também deixando evidente o porquê da aversão à fotografia: ela é

capaz de registrar e divulgar, ainda que sem a intenção, o cotidiano escolar e suas fragilidades. Se a fotografia é uma fuga rápida do momento de aula, não é nada diferente de uma conversa, de um cochilo, de um olhar perdido na direção da janela. Mas seu diferencial é que o registro sobrevive ao momento e deixa gravado o acontecido – ou o não-acontecido –, ainda que Couchot diga que a imagem digital é uma simulação do real, como mencionado na introdução do trabalho, nesse caso ela é interpretada como realidade e importa enquanto registro indicial do momento. É a voz do aluno se fazendo notar e sendo publicada na *Internet* como se quisesse mostrar como sua escola é a partir da relação com seus amigos, sem os adultos que estão presentes na instituição.

Ainda assim, segundo as respostas da entrevista, a maioria das fotos pesquisadas e que foram registradas dentro das escolas possui como tema *A Escola* ou mesmo *A aula*. Sua função é fotografar alguém ou algo em uma fuga rápida do acontecimento presente: a aula, sendo que todas as imagens pesquisadas para esse trabalho foram feitas em escolas públicas de Ensino Fundamental Ciclo II (5ª a 8ª série) e Ensino Médio.

Nessas imagens, é possível ver algumas situações do ponto de vista do aluno: a classe cheia e de costas e o professor também de costas escrevendo na lousa, o momento da entrada logo cedo, com todas as crianças e jovens adentrando no portão da escola, portando suas mochilas e ainda com semblantes sonolentos, a quadra da aula de Educação Física, com seu piso verde e azul recém-pintado e as brincadeiras realizadas no ambiente externo da escola, o momento de ócio na troca de professores entre uma aula e outra ou mesmo o momento dos agrupamentos em sala de aula para a realização de um trabalho, as carteiras unidas, os cadernos, fichários, lápis, canetas e outros utensílios escolares por sobre as mesas. É possível ver registros dos eventos que se realizaram durante o ano, tais como feiras de ciências, as viagens que porventura tenham sido feitas, as festas juninas ou por ocasião de dia das mães ou encerramento de ano letivo. Mas as fotos dos eventos da escola são minoria entre as imagens pesquisadas. O que interessa de fato ao aluno que fotografa é seu cotidiano dentro da escola, seus pares e os momentos de encontro com seus amigos, seja durante a aula, seja nos momentos de intervalo, entrada e saída, os quais são os momentos de encontro por excelência. (IMAGEM 49).

Com as câmeras fotográficas presentes em quase todos os tipos de celulares e o barateamento do equipamento que facilitou o acesso às câmeras digitais, não é necessário um assunto especial para realizar a fotografia: qualquer objeto ou qualquer momento pode ser entendido como motivo, dependendo do tratamento que se dê ao assunto. Nas fotos aparecem

suas roupas, seus acessórios, os cortes de cabelo, ou seja, a adesão a determinado estilo e sua presença dentro de determinados ambientes. A atitude de fotografar e mesmo de ostentar tais equipamentos vincula-os a seus pares, como afirma Dayrell (2007, p.1110):

Jovens ostentam os seus corpos e neles as roupas, as tatuagens, os piercings, os brincos dizendo da adesão a um determinado estilo, demarcando identidades individuais e coletivas, além de sinalizar um status social almejado. Ganha relevância também a ostentação dos aparelhos eletrônicos, principalmente o MP3 e o celular.

Em boa parte das imagens é possível ver outros alunos presentes na classe e que não participam da atividade de fotografar e ser fotografado: estão realizando suas atividades pertinentes à aula, como se nada de diferente estivesse ocorrendo. Em outras, estão conversando alheios ao que acontece ao redor ou ainda observando a atividade fotográfica dos colegas. Novamente é possível remeter-se à ideia de exclusão de Canclini (2005, p. 92), já mencionada no primeiro capítulo desse trabalho, segundo a qual os incluídos são os que estão conectados, aparelhados, participando do mundo das novidades tecnológicas e os outros são os excluídos, os que não possuem telefones celulares ou máquinas fotográficas ou ainda meios de disponibilizar suas imagens na rede mundial de computadores. São excluídos até mesmo em sua sala de aula e talvez seja essa sua opção: não participar das fotografias talvez por querer ser o diferente, o anti-social da situação ou não gostar simplesmente e não ter intenção de participar apenas por imitar ou ainda fazer o gosto das outras pessoas (IMAGEM 50). Entretanto, ao se excluírem, correm o risco de ser taxados de *fora de moda*, gerando um sentimento de angústia, conforme relatado por Fischer (2008, p. 680) em sua pesquisa mencionada no capítulo 2 desse trabalho, uma vez que não estarão *up to date*, com as novidades tecnológicas e com o comportamento de seus pares.

Em certas imagens nem mesmo esses colegas percebem que estão sendo alvo dos flashes alheios, pois o fotógrafo em questão está silenciosamente buscando detalhes de seu interesse na sala, alvos para seus registros fotográficos: as pulseiras de sua vizinha de carteira, o tênis *All Star* nos pés do garoto da primeira carteira (IMAGEM 51) ou o chaveiro pendurado em sua própria mochila. É possível ainda que esteja se auto-registrando silenciosamente, enquanto o professor explica e a máquina se esconde atrás do colega da carteira da frente, ou enquanto o livro didático espera pacientemente que alguém se lembre dele, ou mesmo durante os minutos finais da aula, quando o material já está todo guardado e todos esperam o soar do sinal. Dayrell (2007, p. 1112) aponta que para o jovem

Há predomínio do tempo presente, que se torna não apenas a ocasião e o lugar, quando e onde se formulam questões às quais se responde interrogando o passado e o futuro, mas

também a única dimensão do tempo que é vivida sem maiores incômodos e sobre a qual é possível concentrar atenção. E mesmo no tempo presente é possível perceber formas diferenciadas de vivenciá-lo, de acordo com o espaço: nas instituições (escola, trabalho, família) que assumem uma natureza institucional, marcada pelos horários e a pontualidade; ou aqueles vivenciados nos espaços intersticiais, de natureza sociabilística, que enfatizam a aleatoriedade, os sentimentos, a experimentação. Esses espaços são vivenciados preferencialmente à noite, quando experimentam uma ilusão libertadora, longe do tempo rígido da escola ou do trabalho.

Dessa forma, percebendo maneiras diferentes de vivenciar o tempo presente de acordo com o espaço ainda que estejam nas instituições que exigem cumprimento dos horários e a pontualidade, o jovem cria brechas ou as encontra para deixar seu registro e marcar que é jovem e transgredir as regras das instituições, mesmo que levemente, ainda é sua marca constituinte.

Essa atitude é perceptível com relação ao registro fotográfico em sala de aula. Fotografa-se um momento em que todos estão de costas para a câmera, apenas para registrá-lo e fugir do que está sendo feito: criou-se uma brecha. Assim também é quando se fotografa um objeto, ou o tênis, um desenho presente no caderno do colega, por vezes sem o fotografado perceber, no silêncio da classe. No momento da troca do professor, se dá as costas para a lousa e usa-se o celular para registrar uma imagem cujo fundo é a lousa com atividades da aula que passou: aproveitou-se um momento presente em todas as escolas para fazer-se o uso do equipamento.

Segundo o autor, esses momentos “enfatizam a aleatoriedade, os sentimentos, a experimentação. Esses espaços são vivenciados preferencialmente à noite, quando experimentam uma ilusão libertadora da escola ou do trabalho”. Ou seja, uma libertação daquilo que é regrado, com hora marcada a fim de que sua atitude criativa se expanda, mesmo que ainda dentro de uma instituição, talvez como momento de fuga do ambiente, talvez como forma de ocupar-se com alguma atividade prazerosa dentro de um local de total desprazer, talvez como forma de suportar as regras e tensões escolares: o fato é que na sala de aula estão os aparelhos de *MP3*, os celulares e, conseqüentemente, as câmeras fotográficas nos momentos criados para se viver como se estivessem livres das regras, só por aquele breve instante do registro fotográfico.

É uma forma também de deixar o ambiente escolar um pouco mais jovem, com a cara e o estilo do jovem. Cada adolescente tem um motivo para estar na escola segundo pesquisa desenvolvida por Dayrell (1996, p. 144) ao responder questões sobre o significado da escola, os jovens dizem que é o lugar de encontrar e conviver com os amigos, o lugar onde se aprende a ser “educado”, o lugar onde se aumentam os conhecimentos, permite-se conseguir um diploma e ser aprovados em concursos, visando o mercado de trabalho. Dessa forma, percebemos que

diferentes objetivos possibilitam diferentes comportamentos no território escolar e a tecnologia faz parte dessa relação, desse aprendizado e da construção do ser jovem, e mesmo do ser humano de qualquer idade no momento histórico atual. Como afirma Dayrell (1996, p. 147) “Os alunos, porém, se apropriam dos espaços, que a rigor não lhes pertencem, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade”. Por isso, os jovens estão criando sua forma de lidar com sua condição jovem, com seus anseios de liberdade mesmo durante os momentos em que devem conviver no ambiente regrado que é a escola. A máquina fotográfica e os aparelhos tecnológicos em geral são apenas instrumentos utilizados nesses momentos de fuga do cotidiano regrado e, ao mesmo tempo, de afirmação de sua identidade de jovem.

Ainda, segundo o autor, a escola não favorece o encontro dos alunos. O tempo do encontro é muito curto, sendo principalmente os horários do intervalo, da entrada e da saída. Dessa forma “na medida em que a escola não incentiva os encontros, ou ao contrário, dificulta a sua concretização, ele se dá sempre nos curtos espaços de tempo permitidos ou em situações de transgressão” (Dayrell: 1996, p. 149). Se um dos objetivos dos jovens ao frequentarem a escola é o encontro e a convivência com seus amigos e isso lhes é negado pela própria estrutura organizadora do ambiente escolar, de alguma forma eles procurarão as brechas, os espaços, os fúlgidos momentos para alcançarem seus objetivos e os equipamentos tecnológicos entram em ação para dar vazão aos seus interesses.

Partindo do pressuposto que os equipamentos fotográficos não são permitidos na escola, podemos deduzir que há professores que não os veem com tão maus olhos assim, pois há sequências de fotos que nos permitem perceber que foram realizadas em uma mesma aula, a se julgar pelas roupas dos jovens retratados e pela quantidade de imagens semelhantes, as quais tomaram uma quantidade de tempo considerável para serem registradas. Nesses casos, é dedutível o consentimento do mestre, pois seria impossível não ver tamanho ajuntamento de alunos durante o tempo necessário para realização da atividade (IMAGEM 52). Chega-se a essa conclusão também por perceber que há professores que participam das imagens, deixando-se fotografar. Portanto, nem todos os funcionários da área da educação veem problema no registro fotográfico. Ainda, segundo Dayrell, a sala de aula é também um espaço do encontro, mas com características próprias: “é a convivência rotineira de pessoas com trajetórias, culturas, interesses, que passam a dividir um mesmo território, pelo menos por um ano” (Dayrell: 1996, p. 149). É um espaço dividido por alunos que têm diferentes objetivos, por vezes contraditórios – como

conversar no momento em que os outros querem prestar atenção na explicação do professor – e que não escolheram seus companheiros de trajetória, mas que ali estarão pelo menos durante aquele ano todo.

A vivência do tempo da sala de aula e do tempo do intervalo são experiências distintas: este passa rápido, com vários eventos ocorrendo ao mesmo tempo e os alunos tendo liberdade para se envolver nos quais quiserem. Já aquele é regrado, delimitado, orientado a um “fazer contínuo”, num processo de disciplinação (Dayrell: 1996, p. 150). Os celulares e câmeras fotográficas são utilizadas durante ambos os momentos, sinalizando que seus usuários podem querer transformar um pouco de seu tempo regrado – a aula – em tempo de liberdade, de espontaneidade. Não querem ser controlados pelo ambiente que devem frequentar e criam momentos de escape da pressão que o convívio escolar traz, seja ouvindo uma música, seja fazendo uma foto, as quais são funcionalidades do celular que cotidianamente carregam consigo.

Dentre o grupo de fotografias pesquisado, 124 são imagens cujo cenário é a escola, sendo retratado o pátio, a sala de aula, a quadra ou mesmo a rua em horário de entrada ou saída.

As fotos de escola podem ser autorretratos, podem ser utilizadas em montagens, podem trazer efeitos ou ser em preto e branco. Podem ser registradas com auxílio de espelhos ou ainda podem trazer apenas uma imagem do grupo de amigos. Podem ser apenas uma brincadeira, um registro ou ainda uma imagem que será transformada em objeto de recordação. Aqui foram selecionadas 15 fotografias que são uma amostra das várias facetas que a fotografia pode assumir dentro da escola ao ser registrada pelos alunos.

A Imagem 53 mostra uma aluna, vestindo a camiseta de formandos de sua série, em sala de aula, sentada em seu lugar, com todo seu material espalhado por sobre a carteira. Mas ela olha para outro objeto: para uma câmera fotográfica que está em sua mão e ao mesmo tempo está de frente para uma outra câmera que a fotografa. Uma câmera mira a outra e registra. Pena não termos ambas as imagens para serem analisadas, pois, dessa forma que a imagem nos é apresentada, fica subentendido que ambas se auto-registraram nesse momento. É uma fotografia da fotografia na escola. O que se fotografa é a própria máquina fotográfica, que está em primeiro plano, e o ato fotográfico em sim.

O que acontecia em sala de aula nesse instante? Era entrada, minutos antes da saída, troca de professores, aula? Era um dia com poucos alunos, chuvoso ou ensolarado? Não é possível

saber, ainda que seja um dia bem claro. Sabemos apenas que foi interessante tanto para a aluna fotografada quanto para o (a) estudante que registrou essa imagem naquele momento parar qualquer coisa que pudesse estar fazendo e realizar uma brincadeira de fotografar e ser fotografado em um ambiente escolar no qual, em tese, não seria aceito momentos de brincadeiras e de descontração utilizando-se uma câmera fotográfica.

A imagem número 54 mostra uma professora de costas escrevendo na lousa e algumas cabeças de alunos que parecem estar sentados à frente do aluno que registrou a imagem. Vemos apenas parte de seus cabelos negros e marrons. Podemos deduzir que trata-se da professora escrevendo, mas pode ser uma aluna. Qual disciplina está ministrando? Ela parece estar escrevendo a palavra *neurônio*, portanto já construímos a hipótese de tratar-se de Ciências ou Biologia, mas nada é possível afirmar. E os jovens são fotografados sem nem perceberem. Esse registro esconde muito mais do que mostra, só podemos fazer suposições a respeito da disciplina ministrada, da professora, dos colegas, de quem fotografou e sobre qual é o assunto da aula. Podemos ter certeza que vemos um registro de uma aula, pois há um quadro negro e a lição sendo passada para alunos que ali estão presentes e, também, de que essa fotografia foi aprovada nos critérios de seleção de seu autor, pois foi publicada no *Orkut*. Não é um registro do espontâneo entre amigos da escola, mas um registro do que parece ser proibido: fotografar a aula, e também de uma subversão da proibição: é proibido, mas eu registrei.

Mais do que ficar questionando a razão da realização da imagem é tentar entender o porquê de sua disponibilização no *Orkut*. Qual critério aprovou essa imagem para ser publicada na *Internet*? Talvez essa imagem fizesse parte de um conjunto de fotos que tinha algum sentido enquanto estavam unidas e em exibição para aquele grupo de amigos e colegas de sala que estudavam juntos durante aquele ano letivo. Uma vez analisada separadamente de seu conjunto, as lacunas de significado aparecem para aqueles que não conhecem o contexto de realização da imagem, as pessoas que foram fotografadas e os discursos que lhe dão sentido, como afirma Kossoy (2005, p. 40) ao dizer que

Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo

De certa forma, esse trabalho é todo um movimento de mergulhar nas fotografias e imaginar as tramas que as envolvem, como afirma Kossoy, pois só é possível conjecturar muitas coisas e levantar hipóteses, possibilidades. Durante esse processo, nem sempre é possível ser imparcial em minhas análises, uma vez que conheço os jovens, conheço os espaços, conheço os fotografados. Esforço-me constantemente para não ser levada pelo óbvio e pensar nas diferentes possibilidades representadas, mas não tenho um olhar totalmente externo do processo, já que conheço pessoalmente a maioria dos garotos e garotas presentes nas imagens.

A imagem 55 é uma fotografia realizada com o uso do espelho do banheiro da escola: um grupo de amigas se reúne vestindo uniformes e ainda comendo o lanche – veja a maçã – e então flash! O registro fotográfico é feito. É possível reconhecer o ambiente tanto pelas portas abertas nos banheiros atrás das imagens das garotas, bem como pelos azulejos da parede do espelho e a própria moldura deste. A única que não encara a câmera é a que fotografa e come ao mesmo tempo, pois ela presta atenção em seu equipamento. O celular registra e a imagem vai para o *Orkut*. Para esses jovens não é insólito publicar na *Internet* uma fotografia em que se aparece comendo dentro do banheiro da escola, pelo contrário, é bem natural, já que a própria fotógrafa desmonta toda a pose e não olha para a câmera: ela brinca com a própria imagem. Um registro do momento de encontro em que o intervalo se transforma (Dayrell: 1996, p.150), sendo o banheiro o ponto de encontro, já que mulheres têm o costume de o frequentar em grupo. As jovens aproveitam-se então da reunião e se fotografam.

Interessante é perceber como o banheiro sempre foi um ponto de encontro dentro da escola, como se ali fosse um reduto da liberdade dentro da instituição. É onde as mensagens obscenas ou não são deixadas nas paredes e portas, é o local para onde se vai se o aluno quer se esconder entre uma aula e outra, é o ponto de encontro quando se quer conversar sobre algo em voz baixa e também se querem fumar escondido, além da frequência com que todos os alunos pedem para *ir ao banheiro*. Dentro desse panorama, nada mais corriqueiro do que fotografar-se dentro do banheiro, pois é o local eleito como aquele em que há liberdade por excelência e no qual ninguém está sendo vigiado diretamente.

A imagem 56 nos traz duas meninas que olham para a câmera de fato, encarando-a e fazendo trejeitos, chamando a atenção para sua expressão. Não é possível ter certeza se estão vestindo uniformes escolares, mas é certo que estão em uma sala de aula, pois uma lousa cheia de

atividades toma a parede ao fundo e carteiras e cadeiras podem ser vistas em segundo plano. Uma delas utiliza o telefone celular enquanto a outra fotografa e ambas estão de costas para a lousa. Chamam a atenção pela felicidade que aparentemente apresentam ou representam. Parece que elas olham diretamente para o observador da fotografia e o provocam a rir também.

Novamente podemos pensar em que momento esta imagem foi registrada: havia professor na sala ou era momento de troca de aulas? Entrada ou minutos que antecedem a saída? Impossível precisar. Apenas é fato que os equipamentos estavam com elas durante a aula e disponíveis para serem utilizados a qualquer hora. De repente, surgiu um tempo, uma brecha nas atividades, uma ruptura com o cotidiano escolar e ali elas inseriram a fotografia e registraram-se nesse pequeno espaço de tempo, encenando seu bom humor juvenil em seu cenário mais frequentado: a escola. Nesse caso, parece que a aula está sendo um evento entre as fotografias registradas, e não o contrário.

A imagem 57 mostra duas meninas com seus materiais escolares sentadas em seus respectivos lugares em uma sala de aula. Essa imagem não só foi escolhida para ser colocada no *Orkut* como foi incrementada com moldura e efeitos diversos, além da frase “Amigas para sempre”. Deduzimos que são duas meninas pela frase, pois o que vemos com clareza é a bolsa de uma delas e seus acessórios, além do braço que a segura. Quem registrou a imagem não fica evidente e também não é possível saber se elas não queriam ser fotografadas ou se a aparente recusa é só parte do processo de encenação da fotografia, pois se elas não queriam essa foto como ela foi escolhida para ser trabalhada depois e até mesmo divulgada no *Orkut*?

Também é possível que em um primeiro momento elas não a quisessem, mas, ao ver o resultado final, podem ter achado interessante e então surgido a ideia da manipulação da imagem. Apenas por essa fotografia não é possível entender quem são as “Amigas para sempre”, pois seus rostos não aparecem. Claro que, em uma sequência de fotos e para seus amigos e colegas de classe, a informação é inteligível, pois talvez tenham até presenciado o momento do registro da fotografia e as conhecem pessoalmente. Assim percebemos que as fotografias publicadas no *Orkut* acabam tendo como público alvo os próprios amigos da escola e do cotidiano: as imagens alimentam o momento de observação dos próprios amigos do dia a dia, aqueles com quem se convive de fato e não apenas virtualmente. Dessa forma, as fotografias publicadas no *Orkut* movimentam a interação virtual tanto entre aqueles com quem se convive diariamente, quanto

pode chamar a atenção dos amigos com os quais não se convive tão proximamente, motivando a interação própria da rede social através de comentários e trocas de mensagens a respeito das imagens publicadas, em uma conexão muito dinâmica na medida em que todos os amigos publiquem fotos e comentem as dos colegas que também publicaram.

A imagem 58 foi registrada na quadra da escola em que as jovens estudavam e chama a atenção por ter todo seu espaço preenchido tanto com o colorido do chão da quadra, quanto com os alambrados que a protegem e, também, pelas fotografadas estarem longe da câmera, diferentemente da grande maioria das imagens registradas pelos jovens, nas quais a proximidade é tão grande que deixa entrever os detalhes e, por vezes, apenas partes do corpo da pessoa retratada. Há um efeito de profundidade marcante pelo fato de as linhas convergirem para o mesmo ponto: as jovens.

Um dos detalhes que possivelmente chamará mais a atenção do observador é a sombra do alambrado construindo um mosaico no chão, deixando-o com um efeito xadrez, tirando parte da atenção que seria direcionada às jovens. O coração que foi acrescentado posteriormente através de uma manipulação digital pode aumentar essa sensação, pois tira ainda mais a nitidez do que deveria realçar: se quer podemos ver os rostos das garotas, por estarem distantes, contra a luz e com a tonalidade esmaecida por conta da figura sobreposta. Em primeiro plano realmente temos o chão e só depois a atenção é focada nas garotas fotografadas.

O fato de toda a imagem estar tomada pelos alambrados e não podermos ver o fim deles, como se *tocassem o céu* também pode dar a impressão de opressão, de prisão: em um dia tão claro, tão bonito, essas jovens estão presas em um lugar opressivo. Ainda assim, o coração e a pose lembram o sentimento que as une, suavizando a possível sensação opressora. O coração traz a ideia de proximidade, de sentimento, de amizade. O colorido da quadra e do próprio cenário se harmonizam e conferem leveza à imagem, apesar das grades. As jovens desaparecem em meio ao coração, imersas em seus sentimentos e em seu momento de fuga da aula e do momento regrado da escola para um momento cujas regras são construídas por elas mesmas: a pose para a foto.

A imagem 59 foi realizada utilizando-se de um espelho de bolsa. O cenário da atividade é uma sala de aula, pois a lousa cheia de atividades ao fundo atesta o fato. As garotas estão sentadas ao lado de uma das lousas da lateral da sala de aula e podemos ver apenas três alunas: a fotógrafa, a fotografada, que se vira para conversar com a fotógrafa, e uma outra garota mais à

frente, que sequer percebe a atividade que as colegas estão realizando. Não é possível ver carteiras ou cartazes à frente, apenas no plano fotografado “dentro do espelho”.

A aluna que pensou na fotografia analisa todos os pormenores primeiro: a posição da colega, a sua posição, o espelho em sua mão, o reflexo de seu rosto nele e o enquadramento da máquina fotográfica e chama a colega da frente, que a olha de uma forma indiferente. Então, flash! A fotografia é feita. A quantidade de planos que essa imagem traz chama a atenção: há a mão da garota que segura o espelho, o próprio espelho, o rosto da garota refletido no espelho e os trabalhos em exibição atrás dela, refletidos do espelho. Há ainda a colega em sua frente, a lousa atrás da colega e a terceira aluna à frente, da qual aparece apenas uma parte da cabeça.

Nessa construção a jovem nos lembra de que a fotografia é bidimensional e o registro é sempre parcial, um pequeno recorte no tempo. O uso do espelho procura aumentar esse recorte, trazendo mais informações ao ampliar os planos de registro. Podemos ver a expressão de satisfação da jovem ao realizar o ato, pois fotografa e é fotografada ao mesmo tempo, sem estar lado a lado com a colega. Mesmo em horário de aula é momento de fazer experiências fotográficas? Um espelho à mão é sempre ensejo para fotografar? É o que parece. A jovem planejou todos os pormenores de sua ação, o que nos mostra que mesmo em se tratando de fotografia digital, nada supera o olhar do fotógrafo em suas escolhas no momento de fotografar, como afirma Petruccelli (2006, p. 72), quando trata da fotografia digital, ao dizer que “cabe ao fotógrafo não esquecer que continuará sendo fundamental a construção do olhar e que nessa construção não há máquina que o substitua. A experiência, a sensibilidade, o estudo, a competência, o carisma e a presença humana continuarão sendo determinantes”.

Na imagem 60 vemos oito jovens sentadas organizadamente sob o que parece ser um corrimão provavelmente no ambiente da aula de educação física ou ainda na hora do intervalo e duas delas são as mesmas presentes na imagem 59. Elas se organizaram simetricamente quatro de cada lado do ponto de sustentação do corrimão e assim posam entrecruzando seus braços de forma que suas mãos se encontrem umas com as outras e formem corações. Algumas dão tanta importância à pose que colocam os braços a frente do rosto ou de parte deste, esquecendo-se de seu próprio semblante.

Não é possível ver quem fotografa, pois vemos apenas as fotografadas que se dispuseram a participar da encenação dessa fotografia. No canto inferior esquerdo da imagem foi inserido posteriormente mais uma imagem de coração, reafirmando mais uma vez a ideia que a

idealizadora da foto quer passar. E que ideia será essa? Amizade? Carinho? Amor? Nenhuma legenda estava presente abaixo da fotografia para dar pistas a respeito do assunto. Temos apenas o que podemos ver: oito garotas vestidas com o uniforme escolar que parecem muito felizes ao posarem juntas para uma fotografia em que montam corações com as próprias mãos. Novamente uma atividade feminina e que provavelmente aconteceu na hora do intervalo, ou seja, no principal momento de encontro com os amigos dentro do cotidiano escolar. Talvez as jovens estejam também fazendo a construção da imagem da escola legal, da escola em que se estuda e dos amigos legais. Como o retrato de família sempre foi uma construção da imagem da família, como afirma Leite (1988, p. 28), essas jovens parecem estar construindo a imagem da escola ideal, onde pode-se fotografar os momentos de alegria e descontração, mas na qual não se estuda e não se registra os momentos de aula e de trabalho, assim como bebês chorões, casais separados e pais violentos não aparecem nos álbuns de fotos de família (LEITE: 2005, p. 37).

A fotografia de número 61 funciona como um painel: um desenho de cinco meninas dando as mãos caracterizadas com roupas, acessórios e cabelos diferentes foi recortado e colado em um quadro negro, acrescentando-se então a “legenda” com os nomes ou apelidos de cada uma escrevendo-se com o giz no quadro negro: “Paola, Thamy, Daay, Môh, Carol”. A fotografia teve também suas bordas recortadas digitalmente para transformar-se num retângulo perfeito e, assim, centralizar bem a figura. Outros rabiscos e marcas de fita adesiva também podem ser vistos na lousa, o que fortalece a ideia de tratar-se realmente de uma lousa escolar e não qualquer lousa que as crianças possuem em casa para brincar e desenhar.

A impressão que passa é que uma das garotas passou a aula toda fazendo o desenho e depois pensou em colá-lo na lousa realizando algo como uma dedicatória à suas amigas. Ao fotografar sua obra pronta e enviar essa fotografia para o *Orkut*, a tornou pública, bem como alargou o campo de publicidade de seus sentimentos. Parece uma *bricolage*: um fazer manual – desenhar – mistura-se a um fazer técnico – fotografia / *Internet*. Estéticas e técnicas que se misturam – giz, escrita, desenho, fotografia, *website*. A “voz do povo” foi perdida com o advento da escrita como forma de comunicação, reflexão esta já citada a partir da obra de Certeau (2003, p. 224), mas principia a ser retomada, utilizando-se dos diversos conhecimentos trabalhados na escola – incluindo-se a escrita –, para uma finalidade pessoal e a partir do momento em que o acesso a *Internet* permite a interação com outras pessoas. É algo pessoal e artesanal que pode ser

retrabalhado e distribuído em larga escala graças aos conhecimentos adquiridos em seu cotidiano e à facilidade de divulgação permitida pelas redes.

A imagem de número 62 retrata uma apresentação de dança em um pátio escolar e é a única selecionada que registra um evento. Meninos e meninas vestidos com trajes dos anos 60 dançam em frente ao bebedouro, a entrada da cantina e do quadro de avisos. A foto foi registrada por alguém que estava na platéia, a se julgar pelos jovens que estavam de costas para a câmera e foram fotografados sem querer e de costas, juntamente com aqueles que se apresentavam. Na lateral, é possível ver mais alunos sentados assistindo à apresentação, o que confirma se tratar de uma apresentação escolar, provavelmente vinculada a algum trabalho escolar. Curiosamente essa é uma fotografia que possui data: 01/06/2007, coisa rara entre as fotografias publicadas na *Internet*. Parece até ter sido por acidente ou ainda pode ser que não houve preocupação alguma em retirar a data, ou ainda foi proposital, como uma validação de que realmente ali se esteve naquele dia. Quase podemos ouvir a música que estão dançando... *Well, shake it up baby now / (Shake it up baby) / Twist and shout...*

Pela distância do fotógrafo, a imagem das pessoas não é muito nítida. O que chama a atenção de fato é um grande cartaz na parede, atrás da apresentação, no qual podemos ler “Oportunidade de Emprego”, ou seja, uma afirmação estranha para ser afixada com tanto destaque dentro de uma unidade escolar, na qual se pressupõe que o objetivo seja proporcionar o aprendizado que será utilizado para a conquista de um emprego depois da conclusão do curso e não durante.

E, ainda que seja um evento escolar, é marcante a ausência dos professores ou de qualquer profissional que trabalhe na escola. Onde estão? Será que exatamente nos ângulos que não foram alcançados pela câmera fotográfica? Da forma como as imagens são divulgadas na *Internet*, parece que as escolas são espaços de jovens feitos para jovens e que os adultos não existem nesse ambiente – ou é exatamente essa construção que querem fazer com suas imagens.

A imagem de número 63 apresenta três jovens fazendo o sinal de *jóia* para a câmera sentados em seus lugares em uma sala de aula que parece estar organizada em grupos. Essa câmera provavelmente é operada por outro jovem, mas pode ter sido colocada em modo automático também. Da forma como a fotografia foi registrada são os materiais escolares que têm maior destaque, pois estão em primeiro plano, mesmo que estejam um pouco mais desfocados do que a imagem dos jovens, ou ainda as mãos dos jovens que sinalizam que está “Tudo bem, tudo

ótimo!”. O jovem fecha os olhos, uma menina coloca as mãos à frente do rosto e a terceira segura um pirulito em uma das mãos. E todos encaram a câmera sorrindo.

É escolhido o tom de preto e branco e quem registrou a imagem quase cortou os jovens para poder mostrar o material escolar deles talvez para mostrar que estavam estudando de fato, que estavam reunidos em grupo para um trabalho ou que é assim que organizam seu espaço em sala de aula. Em preto e branco, mas com muito alegria, pois é o que os rostos dizem sorridentes: como é bom estar aqui sentados em grupo fazendo pose para fotos. E uma foto desfocada, em que alguém está com os olhos fechados e o outro tapou metade do próprio rosto foi escolhida para ser publicada no *Orkut*, ou seja, passou nos critérios de avaliação de seu criador. Pode ser que o que esteja em jogo nesses critérios de seleção seja a consideração por esses amigos retratados, ou seja, seus sentimentos mútuos, o momento em que foi registrado ou a própria construção da interpretação de felicidade em um momento escolar – e pode não ser nada disso, já que se trata de uma escolha muito subjetiva. No entanto, é fato que novamente a construção do espaço escolar é feito de forma muito positiva, no qual os jovens demonstram-se muito alegres por estar ali e assim constroem a imagem do ambiente escolar como sendo um lugar ótimo para se estar, ou, como diriam, um lugar muito *legal*.

A imagem de número 64 traz uma jovem vestida com a camiseta da escola, calça jeans e tênis provavelmente da marca *All Star*, ou similar, sentada em uma cadeira escolar, olhando para baixo e com os cabelos negros no rosto. Não é possível identificá-la e não é possível ver nenhum outro aluno na sala, apenas cadeiras e carteiras vazias. Algo vermelho assoma na carteira ao lado e se prestarmos atenção podemos ver que se trata de um pedacinho de estojo escolar. Será que ela ativou o comando de fotografia automática de sua câmera ou há mais alguém na sala: o fotógrafo? Pelo enquadramento dado, é provável que sim, pois seria difícil consegui-lo de forma automática, ainda que a imagem tenha sido recortada apenas nas laterais. Na *Internet* é impossível precisar o autor das imagens: considera-se *dono* da fotografia, em primeira instância, o dono da máquina que a registrou e, na sequência, aquele que a tornou pública. Como é muito fácil copiar as fotografias dos *sites* e perfis de Redes Sociais alheios, a autoria é algo muito difusa no *Orkut* e também na *Internet*, como afirmam Santaella (2005, p. 307) e Vicente (2005, p. 323), já citados, quando aquela diz que a imagem digital é *manipulável* a qualquer tempo e este reforça que “o original fotográfico eletrônico pode ser duplicado invariavelmente, identicamente e sem perdas”.

E o que de fato chama a atenção nessa imagem é a forma como foi publicada: uma vez enviada ao *Orkut*, as fotos são visualizadas da forma como estão. Não é possível inverter sua ordem, girar ou manipular a partir do *site*: apenas seu dono tem acesso às alterações e, mesmo assim, fora da plataforma. E essa foto foi enviada de ponta-cabeça: invertida, com a intenção de causar estranhamento ao olhar de seus observadores, estranhamento esse que só funciona na tela do computador, pois ao ser impressa, a possibilidade de virarmos a página para visualizá-la no sentido convencional é muito fácil. Mas no computador não: o chão transformou-se em teto e os cabelos são o *embaixo* da página. Demora muito mais para o observador entendê-la e, por isso mesmo, se atará mais tempo em observá-la. Acaba tornando-se uma técnica para chamar a atenção dos distraídos: quem é esta? O que está fazendo? Onde está? Será que chora? Uma fotografia que poderia ser corriqueira muda de aspecto e faz pensar. E foi uma foto registrada em sala de aula a escolhida para fazer parte desse experimento.

Na fotografia de número 65 vemos um grupo de alunos posando aglomeradamente para o registro de uma fotografia à frente de sua sala de aula. A imagem não tem boa resolução, o que levanta a hipótese de ter sido feita com um telefone celular. É possível observar também que a imagem teve suas bordas superior e inferior recortadas. A grande maioria dos fotografados são mulheres: nove meninas que acompanham três garotos.

Curiosamente o primeiro plano da imagem é ocupado pela parte de trás de uma cadeira escolar. Provavelmente há uma carteira à sua frente, na qual os jovens se apóiam, mas não é possível vê-la. Atrás do grupo vemos a lousa, que recobre todo o espaço, provavelmente por conta do recorte dado às laterais da foto: o autor da interferência seguiu a linhada lousa como delimitador do recorte. De sorte que a turma também se organizou para a fotografia bem no centro da sala, tendo por fundo, logicamente, a lousa.

É interessante a necessidade de estar junto, colado, uns por sobre os outros, em fotos de grupo como esta, mas ao mesmo tempo dá a sensação de um abraço coletivo, reforçado por uma das jovens que está em pé e parece realmente querer abraçar a todos com a sua pose. Há muito espaço para a maioria ficar em pé, mas nem pensam nisso: parece que é preciso encolher-se para aparecer, para *caber* na foto – como dizem. E, assim, a lousa torna-se parte constituinte da imagem, como plano de fundo e cenário do ambiente em que estão – escola. E a imagem foi registrada nesse espaço, *apesar* da lousa.

Na imagem 66 vemos três garotas que também estavam presentes na imagem 65. Claramente estão dentro de sua própria sala de aula, sentadas em seus respectivos lugares, em uma aula do período noturno. Mas elas não estão estudando nesse momento: estão sorridentemente posando para uma fotografia. Talvez seja fim de aula ou ainda os momentos iniciais e, por isso mesmo, o comportamento ainda (ou já) se transforma no esperado para *fora* da sala de aula, ou seja, do momento do encontro com os amigos, da diversão, da descontração. De certa forma esse momento esperado já está sendo antecipado nos minutinhos que lhes restam em classe – essa é uma hipótese – ou ainda está sendo utilizado, no caso de se tratar do momento da entrada. O fato é que parece ser muito bom ali estar, ao lado daquelas pessoas, realizando a atividade de ser fotografada.

A fotografia de número 67 traz algo raro de se encontrar no universo de fotografias registradas pelos jovens na escola: uma imagem em que aparece um dos profissionais da escola. Bem do centro da produção está a vice-diretora da escola, em um momento evidente de confraternização dos jovens e em que se está realizando uma festa, pois no canto é possível observar bebidas e os jovens não estão todos vestidos com o uniforme corriqueiro. É um momento de abraço coletivo e os jovens convidaram também a vice-diretora para participar. Pode tratar-se de uma confraternização de fim de ano ou um momento festivo pela finalização de um trabalho, mas o fato é que foi importante para eles a presença de um dos profissionais da escola naquele momento no ambiente e no registro fotográfico.

A presença dos profissionais da escola, sejam professores, membros da equipe diretiva ou merendeiras, é muito escasso. Aparecem muito raramente, talvez pelos jovens não se sentirem à vontade para registrar essas imagens, talvez por escolha própria em ignorá-los. Como os equipamentos fotográficos não são bem vistos por todos os membros da equipe escola, nem sempre o jovem fotógrafo sabe quais adultos pode fotografar e parece que evita fotografá-los, talvez como forma de evitar conflitos, ou ainda talvez evite disponibilizar essas imagens no *Orkut*.

Mesmo que as relações com seus professores, com os diretores e coordenadores, com inspetores e todos os demais funcionários não sejam tão próximas quanto as relações com seus amigos, é uma lacuna muito grande a ausência total dessas pessoas nos registros fotográficos dos jovens. É como se as únicas imagens que fossem permitidas em seus registros fossem as deles mesmos: jovens. Ou a simples ideia da possibilidade da repressão seja tão grande que já

impossibilita no nascedouro a intenção de fotografar pessoas que talvez se recusarão e até causarão uma situação constrangedora ao negar seu registro fotográfico.

Com esse conjunto de imagens analisadas espero ter oferecido um panorama dos tipos de imagens que são corriqueiramente registradas pelos jovens observados para essa pesquisa dentro da escola: fotos dentro da classe, no pátio, na quadra e até mesmo no banheiro, mas que sempre fotografam alguém e, em especial, seus amigos. Nessas dezenove fotografias vemos a presença de muitos jovens com seus grupos de amigos, apresentando-se, no meio da realização de suas atividades, com a professora escrevendo na lousa, brincando de fotografar, esperando pelo início ou pelo término da aula e na hora do intervalo, mas sempre buscando focar pessoas em seus registros fotográficos: a si próprio ou – na maioria das vezes – os amigos com as quais convive dentro da escola, em quais situações estão unidos (as), construindo a imagem da escola enquanto ambiente do encontro com seus pares, a ideia de um lugar prazeroso, em que os atos de estudar e de trabalhar não aparecem, mas deixam entrever pessoas que gostam de estar ali e assim se fotografam.



Imagem 49:



Imagem 50:



Imagem 51:



Imagem 52

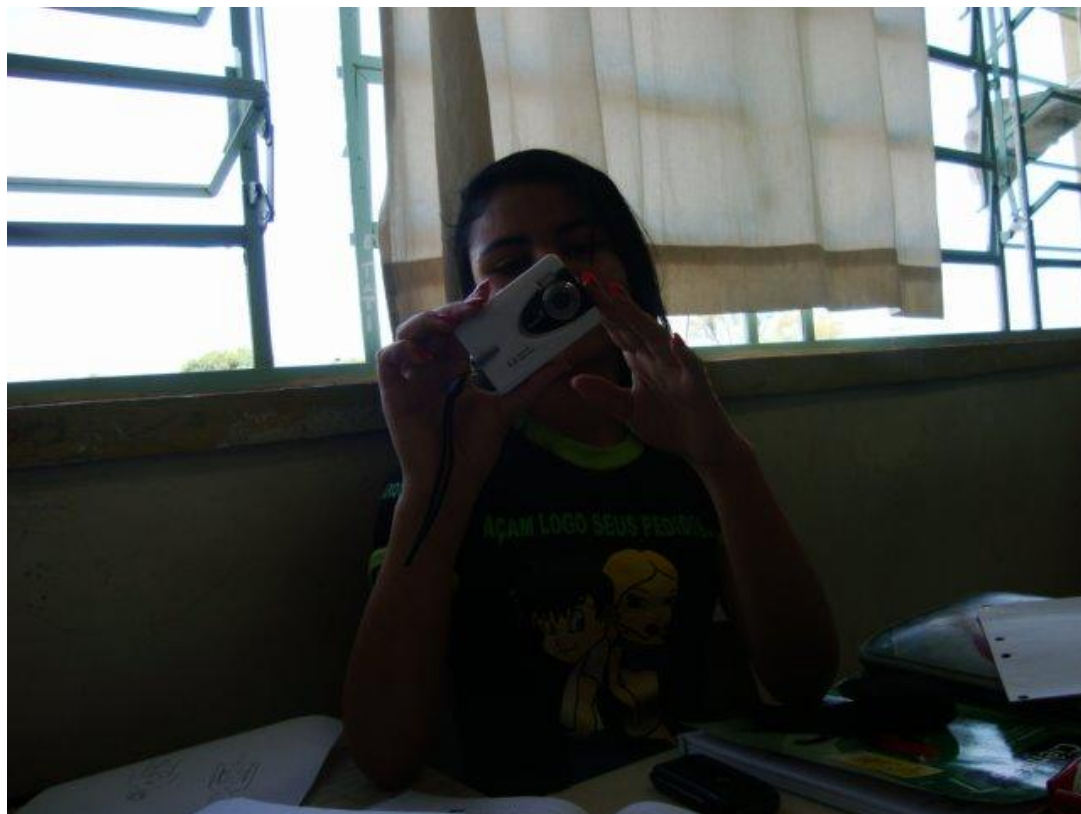


Imagem 53



Imagem 54:



Imagem 55



Imagem 56



Imagem 57



Imagem 58



Imagem 59



Imagem 60



Imagem 61:



Imagem 62



Imagem 63



Imagem 64



Imagem 65



Imagem 66



Imagem 67

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das imagens e das entrevistas respondidas pelos jovens foi possível perceber que o uso da fotografia digital que este grupo realiza não significa uma quebra de paradigmas fotográficos, como espera Machado (2005, p. 310), pois não é esse tipo de exploração que está presente. Ainda que fotografem muito são poucos os que conseguem transitar entre os variados temas fazendo um uso interessante das possibilidades que o equipamento, a pós-produção e a divulgação proporcionam. Para a grande maioria, ainda é a fotografia como registro de si mesmo, dos bons momentos e dos seus amigos.

A popularização dos equipamentos fotográficos possibilitou a utilização da fotografia como expressão individual e, para os jovens, não importa se a luz incide sobre uma película ou sobre um circuito e assim é gravada: eles estão registrando seu cotidiano de uma forma ou de outra. Às vezes com as mesmas finalidades pelas quais se fazia fotografias há 100 anos, e às vezes não, ou seja, a diferenciação da técnica não modificou sua finalidade: complexificou-a.

A sensação de excesso de informações, de novidades tecnológicas, da necessidade de estar informado parece ser uma constante para as pessoas de todas as idades e, portanto, não seria diferente com relação aos jovens. Ainda assim, a preocupação com um passado mítico, onde as coisas seriam mais fáceis e românticas, presente nas referências saudosas de um passado recente, permeiam os discursos até mesmo de adolescentes. Talvez frutos de uma era em que tudo corre vertiginosamente e, por isso, deve ser registrado, fotografado, guardado em imagens digitais, para que nada se perca.

No mesmo ambiente virtual em que múltiplas vozes silenciosas conversam através de suas escritas, as imagens fotográficas são publicadas. Redes através das quais os usuários discutem sobre múltiplos assuntos e sobre múltiplos produtos, principalmente da cultura jovem e através das quais publicam suas imagens cotidianas para que os amigos mais próximos possam ver-se, ver outras pessoas e comentar as imagens do outro, para depois fazer o mesmo com as próprias imagens. Têm-se, teoricamente, o mundo todo para se pesquisar, mas visualiza-se o álbum de fotos dos amigos com quem se convive proximamente, diariamente. E, ao mesmo tempo, há pessoas que não se inserem nesse processo, não tem necessidade premente ou possibilidade para inserir-se. Novas formas de exclusão: por opção, por impossibilidade, por não saber buscar as diferentes fontes com as quais se pode trabalhar. Local em que uma multiplicidade de falares

recorrentes se entrelaçam e no qual é difícil encontrar a informação que se busca, a fotografia que se almeja. Encontram-se muitas informações sobre os mesmos assuntos, sobre o que culturalmente é hegemônico, mas muito pouco sobre o que é local, específico, ainda considerado *marginal*. Formas de exclusão, ou de tentativa de excluir, apagar, na aparente democracia de falares da cibernídia.

Formas de aprender que se combinam e se entrelaçam, na virtualidade e na vida real: Escrita – Visualidade – Oralidade. Formas de aprender que ainda não estão presentes na escola, enquanto objetos de estudo de fato – nem mesmo a escrita.

Como afirma Dayrell (1996, p. 160):

Os alunos parecem vivenciar e valorizar uma dimensão educativa importante em espaços e tempos que geralmente a Pedagogia desconsidera: os momentos do encontro, da afetividade, do diálogo. Independente dos objetivos explícitos da escola, vem ocorrendo no seu interior uma multiplicidade de situações e conteúdos educativos que podem e devem ser potencializados.

E os jovens estão tentando criar brechas para ressignificar o que aprendem dentro e fora dos muros escolares: são *bricoleurs*, como diria Claude Lévi-Strauss (Turkle apud CAPPARELLI, 2002, p. 142). Organizam homenagens com seus textos, com suas imagens, retrabalham suas cores, utilizam letras de músicas, consideram-nas parte de suas lembranças e de seu cotidiano. Ora expressam-se em poses, como se modelos fotográficos fossem, e ora desmontam totalmente a pose de seus colegas. Rompem com a frontalidade do retrato, brincam com a forma de publicação unilateral das fotografias na *Internet*, pretendem contar histórias apenas em imagens, confundem o olhar com grafismos, profundidades e planos criados por espelhos que são fotografados, recortam imagens, acrescentam detalhes, cores e formas e, por vezes, escondem mais do que mostram em suas escolhas de ângulos e de temas. Nesses momentos são os *agentes da fotografia*, como denominado por Seligmann-Silva (2010, p. 310), pois possuem grande liberdade para alterar a fotografia. Mas não significa que abusarão dessa liberdade a ponto de quebrar o vínculo da fotografia com a realidade, pois demonstram preocupação em não destruir o que chamam de *naturalidade* da fotografia. Por isso mesmo não é possível afirmar que a figura clássica do fotógrafo morre junto com a fotografia analógica. Na realidade, como já mencionado, ela se *complexifica*. Prova disso é que os jovens continuam se autorretratando e retratando a família como se construíssem uma história repleta de sorrisos, de alegria, de contentamento, registrando sempre os momentos *inesquecíveis*, durante os rituais que historicamente mereceram ser fotografados, demonstrando que o uso tradicional da fotografia se

mantém. Mas também fotografam a família nos momentos do dia a dia, demonstrando que a foto pode ser sacralizada ou não. E esse olhar que registra pertence, agora, à própria família, e não mais ao profissional contratado para registrá-lo.

Mais do que isso: esse olhar pertence à mulher. Se ela sempre fora a *guardiã* da história da família, agora ela é não apenas guardiã, mas responsável pelo próprio registro. E o olhar feminino permeia a grande maioria das fotos do trabalho, se não pelo registro, mas pela organização da pose, da montagem, da escolha do recorte, da publicação.

Tradicional em certos momentos do registro, mas virtuais no momento da socialização: a disponibilização dessas imagens é sempre virtual, independente do tema que tragam. E, depois de retiradas da *Internet*, essas imagens não desaparecem: são guardadas nos discos rígidos ou flexíveis e podem ser recuperadas sempre que necessário, até que eles durem, até que não sejam corrompidos por algum vírus ou pelo próprio tempo. Imagens que não nasceram para ser efêmeras e sim para serem guardadas, como as fotos sempre foram, e, ainda que o suporte não seja tão duradouro quanto os de antigamente, a intenção é a mesma.

Fotografias que são criadas em pequenos momentos de brechas temporais ocorridos no cotidiano escolar, registradas a partir da câmera fotográfica ou do aparelho celular equipado com câmera; fotografias que ainda são o start da lembrança de animais de estimação, de viagens realizadas, de turmas freqüentadas; fotografias que são manipuladas sim, transformadas em montagens-homenagens, ou simples recordações de pessoas ou de momentos, mas de forma que não percam *demais* sua verossimilhança com o real. Fotografias que procuram devolver um pouco da voz do povo, da voz do jovem da era digital que também quer se expressar, quer *ser alguém*.

Fotografias como fuga do ambiente de disciplina escolar, mas também como construção da escola ideal, da escola *legal*, onde os amigos estão e onde adultos escasseiam. Registro dos momentos proibidos, mas que buscam a liberdade dentro da Instituição Escolar. Momentos de construção de um olhar acurado, mesmo em se tratando de imagens digitais, demonstrando que nada substitui o olhar do fotógrafo e que este é determinante no processo de captação da imagem, no momento de fazer as escolhas, independente do equipamento que utiliza.

Imagens que proporcionam momentos de trabalho reflexão para quem as registra e para quem as modifica digitalmente, para quem as utiliza em seus trabalhos cotidianos por prazer de fazê-lo: geralmente a mesma pessoa. Imagens que mobilizam olhares observadores e provocam

comentários nos ambientes virtuais em que são publicadas. Fotografias que podem versar sobre si, sobre os amigos, sobre a família e sobre os ambientes que frequentam, as atividades que realizam, as pessoas com quem se encontram e com quem convivem. E aqui aparece a escola, ambiente de convivência, local de encontros.

Relações que se constroem a partir do embate cultural que enfrentam. A imagem dentro da escola, o ato de registrar algo do cotidiano escolar, ainda gera temores. Esse assunto é debatido brilhantemente no trabalho de Reis Jr. (2010, p. 126 e seg.) a respeito da utilização da imagem fílmica dentro de uma escola pública, enquanto “ação política” (p. 137), e a repercussão que essa escolha pode ter, gerando conflitos impensáveis, em um primeiro momento. Não é uma relação tranquila, pois expõe muito mais as pessoas que estão envolvidas em sua elaboração. Pode ser a questão do vínculo com a realidade ou até do registro do acontecimento, mas, mesmo em tempos de imagens digitais manipuláveis, o vínculo com a realidade permanece e ainda pesa ao se tratar do ambiente escolar.

Dessa forma, a presente pesquisa procurou mostrar que a imagem fotográfica dentro da escola causa impacto por fixar momentos de fuga, registrar ausências, ser o item proibido e buscar brechas em sua organização. Mas também quer deixar evidente que a fotografia registrada pelos jovens quer ser parte constituinte da construção da escola enquanto lugar de convivência, de socialização e de encontro cotidiano, enquanto um lugar bom para estar. Para ser.

ANEXOS

ANEXO I

Vejamos um exemplo de comentários que uma fotografia do usuário *Felipe* com a camiseta de seu time provoca:

Comentários (32)

08/03/09 [Izabela](#):

aiii feh a doreiiii a fotim c ta maraaa com esa camiseta shauhsua :*

09/03/09 [Felipe](#):

Vllw Vlle õ/

09/03/09 [Beelêee](#) ♥ [Cúca](#):

Que Maraaa Lipeeeee Lindoo d++-

09/03/09 [Felipe](#):

♥

09/03/09 [L](#):

affê , que pior nego. sou mto mais o Coringão ♥

09/03/09 [Felipe](#):

IUHSAIUSHAIUSA aa amor paraa vai OISJAOISJAIOSJ' Brinco Branco e Vermelho Pro Saaaapoo OSIAJSIOJAIOSAJOI

10/03/09 :

Dale Porco Dale Porco ♪ [2]

10/03/09 [Felipe](#):

ISUAHUSIA' ♥ Porcoo!

10/03/09 [.taay](#):

taah caat amr menoos a camiisa HSUAHUSHAUSHA' tee amo ♥

11/03/09 '[DESATIVADO](#):

taah caat amr menoos a camiisa HSUAHUSHAUSHA' tee amo ♥ [2] eü sei qe no fundo voc é CORINTHIANO amr *-*

11/03/09 [Felipe](#):

Neem brinca amor! ..Corinthiano NUNCA! OSJAOISJAIOSJIOA' Taay Te amo! ...Manaa te amo♥menoos seu timee ...ele é muito feioo!(prasduas

11/03/09 [*perdeuu*](#):

qqqqqqqq time lindi felipe.....

11/03/09 [Felipe:](#)
claro que é!

11/03/09 [Beelêee ♥ Cúca:](#)
huashuasuhsa óhh time naum é muito naum mais o lipee é 100%

19/03/09 ['mah:](#)
taah caat amr menoos a camiisa HSUAHUSHAUSHA' tee amo ♥ [3]

20/03/09 [Felipe:](#)
aah maah paraa ...A camisa que ta lindaa OISJAOISJAOI' Amoo vc♥

23/03/09 [Criis.:](#)
sumemoo fefitoo PALMEIRAS ateh morre olê olê-' amullll♥

23/03/09 [Felipe:](#)
atéee morre amoor ...te amo ♥

24/03/09 [Criis.:](#)
tbm te maull mtoo ;9 -'

13/05/09 [samantha :](#)
DAAALE POORCOOO (lllll

ANEXO II

Textos utilizados em montagens

Texto 1:

“Amigos verdadeiros são sempre porque...
Não importa a distância
no coração sempre estarão perto.
Não importam as diferenças
No coração sempre terão um ponto de acordo.
Não importam as brigas,
No coração sempre haverá lugar para o perdão.
(...)”

Texto 2:

“Sou eu quem vai ouvir você...
Quando o mundo não puder
Te entender
Foi Deus quem te escolheu
Pra SER O MELHOR AMIGO
Que eu pudesse ter
Amigos pra SEMPRE
Pela fé
Amigos pra sempre
Para sempre amigos sim se Deus quiser”

Texto 3:

Amigo é aquele que ta do seu lado mesmo
Você tando errada :□
Aquele que te da conselhos,
Que te proteje *_*
Aquele que não fala mal de você pelas costas (:
Aquele que não se importa como você é por fora
E sim por dentro :]
Amigo de verdade é pra sempre”

Texto 4:

“Quem me dará um ombro amigo quando eu precisar?
ELLA
E se eu cair, se eu vacilar,
Quem vai me levantar?
ELLA
Se eu me perder pelo caminho,
Queem me dará a mão?
ELLA
Best! Pra sempre.”

Texto 5:

“Dizer que admiro e gosto de você é muito pouco
Porque uma amizade como a nossa merece mais,
Merecia ser descrita no infinito
Para que todos pudessem entender o que realmente ela representa
Na minha vida não sei de declarar, homenagem ou agradeco.
Se eu fosse declarar, diria que sem você em meu caminho
Não haveria tantas coisas a contar.
Se fosse homenagear você, gostaria de lhe oferecer o brilho das estrelas e
O caminho do calor do sol de você ficaria muito mais consciente desse meu gesto.
Mas prefiro agradecer
Agradecer a Deus por sua amizade,
Dizer a ele que foi o melhor presente que recebi em minha vida
Que você é realmente um ser iluminado que consegue trazer ao mundo um grande carisma e um
grande companheirismo.
Você representa com nobreza a palavra amizade.
Obrigada por fazer parte de minha vida”

Texto 6:

“Parece mentira nós duas na mesma montagem neh? Mas eh a realidade...
Depois dessa volta que o mundo deu, nós estamos juntinhas!
Espero que nossa amizade passe dessa foto ai, e que dure pra toda a vida...
Na vida temos a honra de fazer amizades, mas muitas delas se perdem.
Eu espero sinceramente que a nossa seja eterna!”

Texto 7:

“Você entrou em minha vida sem motivo algum,
E aos poucos foi conquistando meu coração sem pedir licença...
Quando percebi já havia tomado conta de meu coração por inteiro...
Nossos corações em um gesto único de amor profundo uniram-se...
E juntos formaram um só coração,
Não sei ao certo até quando durará nosso amor
Ou talvez se algum dia virá a acabar,
Só sei lhe dizer que o momento que estamos vivendo é único e também inesquecível!!!
Eu te amo meu amor <3”

ANEXO III

Resultado da Pesquisa com alunos

Dezessete alunos responderam as questões, sendo catorze meninas e três meninos.

Tema 4.1 – Fotografia e Escola

1 – A escola está presente nas fotografias que você registra? Se sim, como ela aparece, ou o que aparece a respeito dela?

Doze respostas: sim;

Três respostas: colegas da escola, viagens e eventos da escola sim;

Duas respostas: não.

2 – Alguma vez ela foi o tema principal de suas fotografias ou a escola é mero cenário para seus registros fotográficos?

Dez respostas: sim;

Sete respostas: não.

Tema 4.2 – Fotografia e Orkut

1 – Como você escolhe as fotografias que vai colocar no Orkut? (mais de uma resposta era possível)

Oito respostas: as mais bonitas;

Cinco respostas: as que mais gostei;

Quatro respostas: as que trazem lembranças boas;

Três respostas: as mais criativas;

Três respostas: as melhores;

Três respostas: as mais engraçadas;

Duas respostas: aquelas em que fiquei *bem* fotografado (a);

Uma resposta: as com boa resolução;

Uma resposta: as que são uma montagem;

Uma resposta: pelo que a fotografia representa.

2 – Quanto tempo elas ficam expostas aproximadamente?

Cinco respostas: não há um tempo determinado;

Três respostas: até que eu enjoje delas e que meus amigos também;

Duas respostas: não retiro;

Duas respostas: ficam no máximo durante seis meses;

Uma resposta: apenas por excesso de fotos;

Uma resposta: dois anos no máximo;

Uma resposta: quatro anos;

Uma resposta: só saem as que ninguém comenta;

Uma resposta: um ano e meio;

Uma resposta: até completar o álbum, ou seja, 100 imagens em cada álbum ou 10.000 fotos no perfil do *Orkut*.

Uma resposta: um ano;

Uma resposta: ficam conforme minha mudança de temperamento.

3 – O que você faz com as fotos que são retiradas do Orkut?

Sete respostas: arquivo em pastas no micro;

Cinco respostas: arquivo em *cds*;

Duas respostas: arquivo no micro, mas já perdi muitas por apagá-las por acidente ou vírus.

Duas respostas: guardo em várias pastas por assunto no micro;

Uma resposta: excluo.

4 – Fotos que você já enviou uma vez para o Orkut e retirou podem ser enviadas de novo? Já aconteceu? Explique por que.

Dezesseis respostas sim (em geral porque amigos pedem);

Uma resposta não;

Tema 4.3 – Jovens e sua relação com as imagens

1 – Você vê diferenças na sua forma de fazer as fotos com relação a de seus colegas? Você procura se diferenciar ou procurar copiar o estilo de alguém?

Doze respostas: sim, procura se diferenciar;

Cinco respostas: não se importa tanto, até gosta de copiar o estilo dos outros.

2 – Você tem costume de pesquisar imagens fotográficas na Internet? Se sim, quais, onde pesquisa, quais fotos gosta de ver?

Duas respostas: não;

Quinze respostas: Sim.

Onde? (somente nove mencionaram onde):

Quatro respostas: *Google*;

Três respostas: *Orkut*;

Uma resposta: *Flickr*;

Uma resposta: *blogs* diversos.

O quê? (mais de uma resposta era possível):

Cinco respostas: gatos, cachorros, paisagens;

Quatro respostas: roupas em portais femininos ou de famosos / poses de modelos profissionais;

Duas respostas: fotos de fotógrafos profissionais

Uma resposta: com temática emo;

Uma resposta: com temática romântica;

Uma resposta: gifs;

Uma resposta: de meu time de futebol;

Uma resposta: para trabalhos escolares;

Uma resposta: imagens religiosas.

3 – Você costuma colecionar fotos de outras pessoas, seja de pessoas famosas, ou de outros amigos que fotografam? Ou seja, possui álbuns de fotos que não foram registradas por você?

Nove respostas: sim, imagens de parentes e amigos;

Sete respostas: sim, de artistas que gosto;

Três respostas: sim, imagens de temas diversos;

Três respostas: não.

4 – Você costumar fazer montagens com suas fotos, ou ainda manipulá-las um pouco, escrevendo ou colocando detalhes sobre a imagem? Se sim, como avalia se o que fez ficou bom e foi do seu agrado? Pede opinião a alguém?

Dezesseis: sim e para avaliar o resultado pedem opinião a parentes e amigos;

Uma resposta: não;

5 - Analisando suas próprias imagens, o que você percebe que mais gosta de fotografar? (mais de uma resposta era possível)

Dez respostas: eu mesmo (a);

Cinco respostas: momentos importantes;

Quatro respostas: animais;

Três respostas: pessoas;

Duas respostas: paisagens;

Uma resposta: amigos;

Uma resposta: pôr – do – sol;

Uma resposta: espelhos.

Tema 4.4 – Equipamentos

1 – Você fotografa com celular ou com câmera digital? Você tem preferência por um deles ou tanto faz? Se tiver preferência, explique por que.

Treze respostas: utiliza os dois, mas prefere câmera por conta da resolução ser melhor;

Três respostas: utiliza os dois, mas prefere celular por que ele está sempre à mão;

Uma resposta: utiliza só a máquina por ser mais fácil de editar a imagem já registrada.

2 – A escolha do que você vai fotografar tem a ver com o tipo de equipamento, ou seja, se vai usar o celular fotografa de um jeito, mas se vai usar a câmera fotografa outras coisas, ou não?

Treze respostas: não;

Quatro respostas: sim.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, A. DORIA, P. Bem-vindos à *Googelândia*. **Galileu**. São Paulo, n. 215, p. 44-55, 2009.

ARCARI, Antônio. **A Fotografia – As formas, os objectos, o homem**. Lisboa: edições 70, 1980.

BAETENS, Jan. A volta do tempo na fotografia moderna. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O Fotográfico**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. In: **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Campinas: Cedes, vol. 28, nº 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAURET, Gabriel. **A Fotografia: histórias, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa: Edições 70, 1992.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

_____. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CAPPARELLI, Sérgio. Infância digital e cibercultura. In: PRADO, José Luiz Aidar. **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

CARNICEL, Amarildo. Fotografia e inquietação: uma leitura da imagem a partir da relação fotógrafo-fotografado. In: **Resgate: Revista de Cultura**. Campinas: Área de Publicações CMU / Unicamp, Vol. 11, 2002, p. 41-54.

CARVALHO, Hélio Jorge Pereira de. **Da Fotomontagem às Poéticas Digitais**. 120 p. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CASTANHO, Eduardo; Imager – Centro de Estudos da Imagem Fotográfica (org.). **O Brasil na máquina do tempo: coleção referencial da história da fotografia brasileira**. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas – SP: Papyrus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação de hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____ (org.) **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A Fotografia Moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COUCHOT, Edmond. Da Representação à Simulação: Evolução das Técnicas e das Artes da Figuração. In: PARENTE, André (org.) **Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Campinas: Cedes, v. 28, n. 100, p. 1105 a 1118, 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf> > .

_____ A Escola como espaço Sócio-Cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004

FAVILLA, André Luis. **A Imagem Híbrida: a Síntese Entre o Universo Fotográfico e o Digital**. 172 p. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

FERNANDES, Hylío Laganá. **A fotografia como mediadora subversiva na produção do conhecimento**. 240 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, Juventude e memória cultural. In: **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Campinas: Cedes, vol. 29, nº 104 - Especial, p. 667-686, out. 2008.

FRANCO, Aléxia Pádua; VENERA, Raquel Alvarenga Sena. A memória e o ensino de história hoje: um desafio nos deslizamentos de sentidos. In: ZAMBONI, Ernesta. **Digressões sobre o Ensino de História: memória, história oral e razão histórica**. Itajaí-SC: Maria do Cais, 2007.

FRIZOT, Michel. **A New History of Photography**. Köln – Alemanha: Könemann, 1998.

GERNSHEIM, Helmut. **A Concise History of Photography**. Toronto: General Publishing Company, 1986.

KALINOSKI, Ana Rita. **A Imagem Digital na Cibercultura**. 111 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008, disponível em <http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=253> .

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. In: **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Campinas: Cedes, vol. 29, nº 104 – Especial, p. 647-665, out. 2008.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O Fotográfico**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

_____ **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3ª ed. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2002.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Retratos de Família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Etienne (org.). **O Fotográfico**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

_____ Fotografia e História. In: **Ciência Hoje**. Revista de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Vol. 7, nº 39. Janeiro/Fevereiro 1988.

_____ Texto Visual e Texto Verbal. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs). **Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas – SP: Papyrus, 1998.

LE MOS, André. Aspectos da cibercultura – vida social nas redes telemáticas. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

LÉVY, Pierre. **A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001

_____ **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____ **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MACHADO, Arlindo. A fotografia sob o impacto da eletrônica. In: Samain, Etienne (org.). **O Fotográfico**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

_____ O sujeito no ciberespaço. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte**. Uberlândia, Vol. 10, N. 16, jan-jun. 2008, p. 33-50.

PAIS, José Machado. Cotidiano e Reflexividade. In: **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Campinas: Cedes, vol. 28, nº 98, p. 23-46, jan/abr. 2007.

PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

PELLANDA, N. M. C. ; PELLANDA, E. C. **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy..** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

PETRUCCELLI, Mিকেle. Como funciona o digital? In: GURAN, Milton. **Ciclo Paradigma Digital.** Rio de Janeiro: Instituto Telemar, 2006.

PLAZA, Julio. As imagens de Terceira Geração, Tecnopoéticas. In: **Imagem Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

RAMOS, C. Amores Roubados na *Internet*. **Cláudia**, São Paulo, n.562, p. 140-143, jul. 2008, disponível em < <http://claudia.abril.com.br/materias/2941/?sh=26&cnl=12>>, acesso em 24 jul 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. Sobre a divergência dos meios e as imagens maquínicas. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

REIS JUNIOR, Antônio. **Cinema brasileiro na escola pública: reconhecimento na diferença.** 211 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SÁ, Simone Pereira de. Netnografias nas redes digitais. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SAMAIN, Etienne. Um retorno à *Câmara Clara*: Roland Barthes e a Antropologia visual. In Samain, Etienne (org.). **O Fotográfico.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

_____ Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas Ciências Sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (org.). **Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e vídeos nas ciências sociais.** Campinas-SP: Papyrus, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

_____ **Cultura e Artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

_____ Os três paradigmas da imagem. In: Samain, Etienne (org.). **O Fotográfico.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

SANZ, Cláudia Linhares. O que é o digital? In: GURAN, Milton. **Ciclo Paradigma Digital.** Rio de Janeiro: Instituto Telemar, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Fotografia como arte do trauma e imagem-ação: jogo de espectros na fotografia de desaparecidos das ditaduras na América Latina. In: **Resgate: Revista de Cultura.** Campinas: Área de Publicações CMU / Unicamp, Vol. XVIII, Nº 19, jan./jul. 2010, p. 46-66.

SILVA, Arlindo Machado da. A morte do interlocutor: por uma crítica irônica da mídia. In: PRADO, José Luiz Aidar (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa à cibercultura.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SILVA, Rafael Souza. Anestesia dos Sentidos: A fronteira entre vida e morte da informação. In: SILVA, Ivani Ribeiro da (org.). **Leopoldianum Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos.** Ano I, Nov. 1998, Nº. 3.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e Memória. In: Samain, Etienne (org.). **O Fotográfico.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

SOARES, Magda. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramentos na Cibercultura. In: **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação.** Campinas: Cedes, vol. 23, nº 81, p. 143-160, dez. 2002.

VICENTE, Carlos Fadon. Fotografia: a questão eletrônica. In: Samain, Etienne (org.). **O Fotográfico.** 2ª ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias: o acontecimento por fotografias de escola.** 137 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação - Campinas, 2008, disponível em <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000440028>

GLOSSÁRIO

Alexa Internet Inc.: é um serviço de *Internet* pertencente à empresa *Amazon* que mede quantos usuários visitam os *sites* da rede. Em *Alexa.com*, pode-se verificar o quão visitado é determinado *site*.

Anime Dreams: Evento sobre cultura *pop* japonesa que acontece anualmente durante o mês de janeiro na cidade de São Paulo. *Site* www.animedreams.com.br .

Anime Friends: Evento sobre cultura *pop* japonesa que acontece anualmente durante o mês de julho na cidade de São Paulo. *Site* www.anifriends.com.br .

Animê: Desenho animado japonês.

Avatar: Em informática é a representação visual de um utilizador em realidade virtual. De acordo com a tecnologia, pode variar desde um sofisticado modelo 3D até uma simples imagem. São normalmente pequenos, de tamanhos variados mas deixando espaço livre para a função principal do *site*, programa ou jogo que se está utilizando.

Bebo: rede social da *AOL*, fundada em janeiro de 2005, muito popular em países de língua inglesa. Ela é semelhante a outras redes sociais na *Internet*. Todo perfil em *Bebo* deve incluir dois módulos específicos - uma seção de Comentários, onde outros usuários poderão deixar mensagens, e uma Lista de Amigos do dono do perfil. Usuários podem incluir vários outros módulos. Automaticamente quando uma conta é criada o perfil é definido como sendo privado, limitando assim o acesso aos amigos especificados. O usuário pode selecionar a opção de "Perfil Público" para tornar-se visível para quaisquer outros membros que escolher. Acesso em <http://www.bebo.com/c/site/index/> .

BuddyPoke (ou Body Poke): jogo de representação avatar presente no *Orkut*, no qual é possível configurar uma representação animada de si mesmo e interagir com outros avatares.

Blockbusters: Livro, filme, exposição ou outro produto cultural que atinge grande popularidade ou sucesso.

Blog: contração do termo *Web log*, também chamado de *blogue*, é um tipo de *site* cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou "posts". Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*. Muitos *blogs* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular; outros funcionam mais como diários *on line*. Um *blog* típico combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos *blogs*.

Cosplay: trata-se de vestir-se como seu personagem preferido e interpretá-lo durante o dia do evento. A atividade surgiu durante a maior convenção de *HQs* e Ficção Científica do mundo: a

Comic-Com, realizada anualmente em San Diego, Estados Unidos. A palavra vem de *costume*= fantasia e *play*= brincar.

Craigslist: rede de comunidades *on line* centralizadas que disponibiliza anúncios gratuitos aos usuários. São anúncios de diversos tipos, desde ofertas de empregos até conteúdo erótico. O *site* da *Craigslist* também possui fóruns sobre diversos assuntos. O serviço foi fundado em 1995 por Craig Newmark, em São Francisco, na Califórnia. Acesso em <http://saopaulo.pt.craigslist.org/> .

Depoimento do Orkut: Depoimento é uma declaração pessoal de alguém, geralmente um amigo, dizendo o quanto gosta da pessoa a quem se declara, seja amigo (a), parente ou namorado (a).

E-mail corrente: *E-mails* que são repassados de um usuário para muitos outros, que por sua vez também os reenviam a seus contatos, formando verdadeiros “elos” entre os usuários, trazendo a sensação de que formam uma grande corrente. As temáticas são muito vastas, desde lendas urbanas, piadas até mensagens de auto-ajuda.

Emo: Pessoas que ouvem um tipo de *rock* mais lento com letras mais emotivas denominados de *emocore* ou ainda pessoas que apenas se identificam com o modo de se vestir, com roupas de tonalidades preta, roxo e rosa, abusando de estampas listradas e cabelos com longas franjas coloridas, principalmente em rosa e roxo.

Facebook: *Site* de relacionamentos semelhante ao *Orkut*, criado por Mark Zuckerberg no ano de 2004. Inicialmente apenas alunos de *Harvard* podiam participar.

Fanfic – contração de *Fan Fiction*, em tradução livre, *Ficção feita por um fã*: São histórias criadas pelos próprios fãs de determinada série, que pode ser um mangá, um animê, um livro, um filme, e que segue as regras da mitologia do produto midiático em questão, utilizando-se de seus personagens.

Fake: perfis falsos de *sites* de relacionamento, como o *Orkut*. Geralmente são utilizados nomes de pessoas famosas para criá-los, com a intenção de despistar sua identidade dentro da rede.

Fotolog: *site* no qual são hospedadas fotografias dos usuários e até mesmo pequenos textos, aos quais os outros usuários podem visualizar e fazer comentários. Um dos *fotologs* mais utilizados do mundo é o *Flickr.com*.

Friendster: *site* de rede social que foi fundado em 2002 por Jonathan Abrams em *Mountain View*, California e foi o pioneiro no gênero, que tem como exemplos mais famosos o *Facebook*, o *Orkut* e o *MySpace*.

Gifs: sigla de *Graphics Interchange Format*, que se pode traduzir como "formato para intercâmbio de gráficos" é um formato de imagem confeccionado no esquema de mapa de bits muito usado na *Internet*, quer para imagens fixas, quer para animações.

Internetês: Como é chamada a linguagem cheia de abreviações e onomatopéias utilizada por grande parte dos jovens usuários da *Internet*.

iPad: Aparelho de 9,7 polegadas, une computador, *videogame*, leitor de livro digital e tocador de música e vídeo, situando-se entre um *smartphone* e um *netbook*. Com um *design* moderno, o *iPad* possui tela sensível ao toque, pesa 680g e tem 1,2 cm de espessura, parecendo-se com um *iPhone*, só que maior. A capacidade de armazenamento de dados varia de 16 a 64 Gb, dependendo da versão do produto.

Jogos on line: Jogos em que milhares de pessoas interagem em rede simultaneamente. Algumas franquias mais tradicionais exigem que o usuário pague uma mensalidade para poder acessar a plataforma.

Mangá: Histórias em quadrinhos japonesas.

MySpace: é uma rede social que utiliza uma rede interativa de fotos, *blogs* e perfis de usuário. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de *e-mail*, fóruns e grupos. *MySpace* é um *site* muito ativo, com novos membros entrando no serviço diariamente e novos recursos adicionados com frequência. A sua habilidade de hospedar *MP3s* fez com que muitas bandas e músicos se registrassem, algumas vezes fazendo de suas páginas de perfil seu *site* oficial.

Photoshop: Programa de manipulação de imagens, geralmente fotografias.

Picasa: Programa de manipulação de imagens, geralmente fotografias.

Playstation 3: Console de *videogame* da empresa *Sony Computer Entertainment* lançado em 2006, sucessor do console *Playstation 2*, sendo também tocador de discos *Blu-Ray*.

Print: Comando que copia o que se estiver exibindo na tela do computador ao pressionar a tecla *Print Screen SysRq* do teclado. Utilizado por jovens para copiar algumas das conversas em que estão participando via *MSN* e guardá-las como imagem, até mesmo montado álbuns dessas imagens em seus perfis do *Orkut*.

RPG - Role Playing Game : Jogo de tabuleiro no qual cada usuário interpreta um personagem definido, com características como força e personalidade. Um dos jogadores é o mestre, ou seja, aquele que inventa a história, os desafios e as regras que cada jogador deverá seguir. A maioria dos jogos *on line* é baseado nessa estrutura de história, no qual cada usuário representa um personagem de acordo com a vontade do mesmo.

Saga Crepúsculo: Coleção de livros de autoria da escritora Stephenie Meyer composta pelos títulos *Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* e *Amanhecer*, que versa sobre lobisomens e vampiros e que foi adaptada para o cinema a partir do ano de 2008.

Second Life: ambiente virtual e tridimensional, que pode ser encarado como um jogo, pois simula alguns aspectos da vida real e social do ser humano. Foi criado em 1999 e desenvolvido em 2003 pela empresa *Linden Lab*. Dependendo do tipo de uso também pode ser entendido como uma rede social. O nome "*Second Life*" significa em inglês "segunda vida", que pode ser interpretado como uma "vida paralela", uma segunda vida além da vida "principal", "real". Dentro do próprio jogo, o jargão utilizado para se referir à "primeira vida", ou seja, à vida real do usuário, é "RL" ou "*Real Life*", que se traduz literalmente por "vida real".

Twitter: é uma rede social e servidor para *microblogging* que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "*tweets*").

Upar: do inglês “*up*”: subir. Quer dizer colocar algum arquivo que estava apenas no próprio computador pessoal na *Internet* através do processo de *upload*, como se o arquivo estivesse “subindo” para uma rede maior de compartilhamento de arquivos.

You Tube – broadcast yourself – Site de hospedagem de vídeos na *Internet*, cujo *slogan* incentiva que cada usuário divulgue a si mesmo, ou seja, os próprios vídeos. Têm milhares de visualizações diárias.